especial **GUIA DE VERÃO 97**: sons, shows e loucuras pra você ferver

SHOWBIZZ

561/1 • ANO 13 / Nº 1 • EDIÇÃO 138 • R$ 5,00

BUSH
SEPULTURA
CIDADE NEGRA
SKANK

Eles garantem!!!

PINK FLOYD

O Brasil na próxima turnê

Agora existe um novo

Free

Teores mínimos.

1mg de alcatrão, 0,1mg de nicotina.

**O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE:
EVITE FUMAR NA PRESENÇA DE CRIANÇAS.**

limite em baixos teores.

One

Questão de bom senso.

Disponível nas cidades de Porto Alegre, Canoinhas, Florianópolis, Ribeirão Preto, Campinas, Belo Horizonte, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

O HOMEM FOI EXPULSO
DO PARAÍSO HÁ TANTO TEMPO
QUE JÁ PODE VOLTAR.

Chegou a nova XLR 125. Feita para durar na estrada e na memória. Motor monocilíndrico OHV - 4 tempos; suspensão traseira pro link; pneus de uso misto; câmbio de 5 marchas; defletor de ar frontal; farol com lâmpada halógena.

HONDA
TODA EMOÇÃO DO MUNDO

A maior mordomia que um pé pode ter.

havaianas

Light

Pauta

SEMPRE EM SHOWBIZZ

12 CANAL BIZZ
Quem ganhou a caixa raimunda de Natal

14 BIZZES
Courtney Love arma novo disco, Pistols tiram meleca no Brasil, tributo aos Novos Baianos, o DJ do U2...

30 MTV EM OFF
João Gordo vira o terror das praias em 1997

32 ONZE PERGUNTAS
... para Greg Grafffin, vocalista do Bad Religion

58 PLAY
Prince, Marina, Humberto Guessinger Trio, Tricky...

72 REPLAY
Beatles, Sex Pistols, Peter Tosh e uma chuva de Best Of

82 LETRAS TRADUZIDAS
Parabéns em dose dupla: David Bowie e "Ziggy Stardust"

84 ENJOY IT!
Os sons portáteis que vão invadir sua praia

87 TESTE
A quantas anda a sua memória grunge?

88 + BIZZES
George Michael se abre para mendigos, o *cocô-man* dos Suínos Tesudos e Zélia Duncan

90 DISCOTECA BÁSICA
Rodrigo,VJ da MTV, recomenda *Superfly*, do soulman Curtis Mayfield

60 ANDRÉIA MARQUES
O merengue por cima das noites *calientes* dos Heartbreakers

ZECA PAGODINHO 46
Uma tarde na toca do malandro que não bebe água

54 ISAAC HAYES
Uma aula de música negra americana com o autor de "Shaft"

26 CIDADE NEGRA
Com muito suor, a turma da Baixada Fluminense passa o rodo no Brasil e quer ganhar o mundo

18 GUIA
O que vai rolar de legal neste verão: programas, bandas, filmes, shows etc...

34 SKANK
O grupo de maior sucesso em 1996 faz sua relação de "indefectíveis"

38 BUSH
Os ingleses que ciscam na área do Nirvana

42 SEPULTURA
Novelas, peladas e muita bagunça: a família Cavalera vive à brasileira nos EUA

50 BECK
O bem-amado dos moderninhos declara sua paixão pela bossa-nova

22 PINK FLOYD
Em entrevista exclusiva, o tecladista Rick Wright revela: "Vamos tocar no Brasil até o ano 2000"

ON Promessas, promessas... Pode ser que Rick Wright, David Gilmour e Nick Mason digam isso pra todas. Pode ser que na Malásia e na Costa Rica milhares de pessoas estejam indo dormir agora de bruços e cheias de esperança, achando que finalmente irão tirar um atraso psicodélico de mais de vinte anos e ver um show do Pink Floyd (ou – desculpe, mas não deu pra evitar – do que sobrou dele). Mas a gente falou com Rick Wright, ouviu algumas palavras e... sonhar não custa nada. Sabemos que qualquer pizzazinha de champignon já é capaz de fazer muito leitor ter visões do Floyd no Brasil. Por isso nos deixamos acometer pela síndrome da capa louca, colocando o simpático animal de *Atom Heart Mother* (disco do Floyd de 1970) a pastar legítimas gramíneas nacionais.

Agora, viagem bacana mesmo foi a incursão de nosso colaborador e ídolo Álvaro da Costa e Silva – um malandro categoria aspirantes do Morro da Viúva, no Rio – pelos domínios do malandro sênior Zeca Pagodinho, em Xerém (RJ). A conversa dos editores Sérgio Martins e Robert Halfoun com o gênio Isaac Hayes também valeu por uma experiência – na acepção hendrixiana (ou shaftiana) da palavra.

E para você que está aí naquele ócio feliz, bronzeado(a) e chineludo (a), preparamos um dossiê especial de verão, aquela estação em que a mulher é mais mulher, o biquininho é mais biquininho e, sei lá, eu tenho um monte de coisas pra fazer agora...

Pedro So

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Ben Harper – *Welcome To The Cruel World*
Burning Spear – *Chant Down Babylon*
The Guts – *The Guts*
Zeca Pagodinho – *Deixa Clarear*
Stone Temple Pilots – *Tiny Music...*
Tracy Bonham – *The Burdens Of Being Upright*
Trilha sonora do filme *Beavis & Butt-Head Do America*
Chet Baker – *It Could Happen To You*

• São Paulo • Americana • Campinas • Campos do Jordão • Indaiatuba • Jundiaí • Marília • Ribeirão Preto • Rio de Janeiro • Belo Horizonte

• Juiz de Fora • Cachoeiro de Itapemirim • Campo Grande • Curitiba • Fortaleza • João Pessoa • Macaé

PLANET MUSIC

We speak music.

Nas lojas Planet Music vale tudo. Vale folk. Vale ser bem atendido. Vale mambo. Vale procurar à vontade. Vale grandes sucessos. Vale raridade. Vale instrumental. Vale preço baixo. Vale soul. Vale-CD. Porque, aqui, o que vale é a música.

Canal Bizz

Raimundos de Natal deram presente

Da molesta!!!

A promoção *Você Acredita em Papai Noel?* provou que o bom velhinho existe e mora na Paraíba...

Como prometido, dez leitores de São Paulo foram à festa Puteiro de Natal promovida pela gravadora WEA Music e ganharam o novo disco dos Raimundos, Cesta Básica, das mãos dos paraíbas. Das centenas de cartas que chegaram à Redação, escolhemos os outros cinqüenta felizardos que receberam o disco em casa. Parabéns!!! Com a sua ajuda, a nossa promoção foi um sucesso. Valeu.

ELES SE DERAM BEM!!!

[illegible] - Salvador, BA
[illegible] de S. Marcolino - Varginha, MG
[illegible] M. Gonçalves - Santos, SP
[illegible] R. dos Santos - São José dos Campos, SP
[illegible] de Lira Peroba - Rio de Janeiro, RJ
Andreana Bezerra - Rio de Janeiro, RJ
Antonio F. Pessoa Jr - Belo Horizonte, MG
Bruna A. Ismael - Cuiabá, MT
Carlos André S. de Medeiros - Currais Novos, RN
Carlos G. Santos Seler - Londrina, PR
Diogo do A. Clarindo - Rio de Janeiro, RJ
Edinei Nunes Souza - Planaltina, DF
Fábio Akira Koba - São Paulo, SP
Felipe F. Costa - Rio de Janeiro, RJ
Fernanda C. Pereira - Salvador, BA
Fernando M. S. dos Santos - Belo Horizonte, MG
Fernanda R. Alexandre - Santos, SP
Fernando Gonçalves - Sonora, MS
Geisa T. Frutuoso - Campo Grande, MS
Henrique P. de Sá Espinola - João Pessoa, PB
Idê Dudaque - Curitiba, PR
José C. Alves - Osório, RS
José Renato Neves da Silva - Rio de Janeiro, RJ
Juarez T. Zanotto - Vacaria, RS
Juliana T. Pereira - Rio de Janeiro, RJ
Juliano de Souza - São José, SC
Lia M. Penteado - Jaú, SP
Luís Gustavo P. M. Fernandes - Jacotinga, MG
Márcia N. C. Rotondaro - Campinas, SP
Marcos V. B. Gonçalves - Salvador, BA
Orlando Dias dos Santos - Aparecida, SP
Paula Patrícia - Belo Horizonte, MG
Pedro Luiz F. Clementino - São Sebastião, SP
Rachel de Oliveira - Artur Nogueira, SP
Rafael A. Belo - Maceió, AL
Rafael Cesar Lima - Brasília, DF
Renata T. Franco Bastos - Belém, PA
Ricardo Corvini - Valinhos, SP
Roberto B. de Matos - Uberlândia, MG
Sara Teixeira - Londrina, PR
Sebastião C. Ayres Jr - João Pessoa, PB
Sergio O. Moraes - São Paulo, SP
Shader Cardoso - Florianópolis, SC
Solange N. da Silva - Belford Roxo, RJ
Sonia Patrícia Calonga - Indaiatuba, SP
Thereza C. Machado - Niterói, RJ
Valdir de Oliveira - Itatiba, SP
Vitor Chiaregatti - São Bernardo do Campo, SP
Wagner S. do Nascimento - Goiânia, GO
Wariel M. Jordin - Cornélio Procópio, PR

FUNK YOU VERY MUCH!!!

A primeira coisa que li na edição 135 foi o teste *Funk You*. Sempre peço mais matérias sobre música negra na revista e esta seção deu o destaque merecido ao som que mais gosto. Aliás, matei a saudade de gente como Kool And The Gang, The O'Jays e Earth, Wind And Fire, vendo o show dos brasileiros do J. Quest no Olympia, em São Paulo. O disco, eu não sei não... Mas ao vivo é muito legal!
José Nilo Delgado – São Paulo, SP

Os mineirinhos do J.Quest ganharam José Nilo

CADÊ O L7?

Jeniffer Fynch deixou o L7

Por onde andam as garotas do L7? Nunca mais tive notícias delas.
Fernando Peruchi – Turvo, SC
Bomba, bomba!!! A baixista e líder Jennifer Fynch (que fundou o L7 e chegou a tocar com Courtney Love na primeira formação do Babes In Toyland) deixou o grupo. No seu lugar, entrou a ex-Belly Gail Greenwood e a banda já está trabalhando num novo disco.

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato: showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

ARRASADO

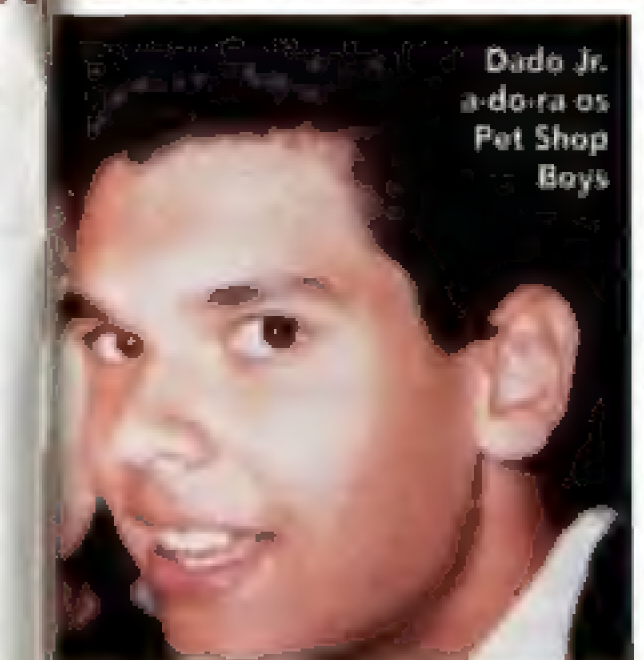
Sou fã do Legião e fiquei arrasado com a morte do mestre do rock nacional. Agora, mando a sugestão: vocês poderiam abrir uma coluna intitulada "Caretas e Babacas". Que tal?
Sérgio Blachechen – Cruz Machado, PR
Tudo bem, tudo bem... E a sua foto inaugura a coluna, falô?

BOCA NO CORAÇÃO!!!

Tirei essa foto com o Rodolfo depois de um show dos Raimundos e queria mandar um recadinho para ele: vamos fazer sexo a noite inteira?! Aguardo a sua resposta com o coração na boca...
Melissa Bertoni – Curitiba, PR
Pode deixar Melissa, sua carta vai chegar à mão do Raimundão (se ela não estiver ocupada, é claro...) Agora, o que é que você tem na boca mesmo?

DADO em casa

Pet Shop Boys é 10! *Bilingual* é 1000! Finalmente uma banda gringa sacou que o Brasil não é só Carnaval, caipirinha e mulher pelada... Ah, vocês não me acham parecido com o Dado Villa-Lobos?
Rafael Moretti – São Paulo, SP
Ô Dadinho... Tratando-se dos Pet Shop Boys, você tem alguma dúvida de que eles descobriram o que há de verdade por trás dos brasileiros, esses enigmáticos?



Dado Jr. a-do-ra os Pet Shop Boys

Fã-clubes

Elton John Fanzine
Caixa Postal 44001, CEP 22062-970 – Rio de Janeiro, RJ

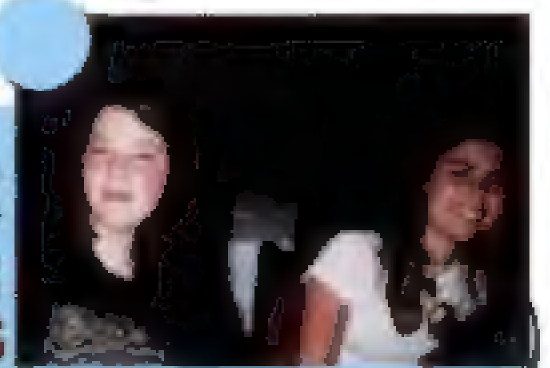
What You Need Fan Club (INXS)
Rua Pedro Noel, 80. CEP 04703-030 – São Paulo, SP

Duncan Fanatic (Zélia Duncan)
Rua Cândido Portinari, 130. CEP 81510-360 – Curitiba, PR

Marisa e Verdade (Marisa Monte)
Rua Theodoro Rosenvelt, 33. CEP 86040-040 – Londrina, PR

Cranberries Rock Club
Rua Sen. Barros de Carvalho, 05. CEP 54160-270 – Jaboatão, PE

PENSADOR DO MÊS



Dinah (esq.) e Helena viajaram juntas

"Para que apreciar os olhos verdes, se os olhos vermelhos vêm do verde da erva?"
Dinah F.C e Helena S.F – S.José.Rio Preto, RJ

QUER NAMORAR COMIGO?

Tatiana levou leitor à loucura

SHOWBIZZ, por favor, me ajude! A edição de novembro mudou a minha vida. Tudo porque vocês publicaram a foto da leitora Tatiana Diniz, de São Paulo. Foi amor à primeira vista!!! Durante as minhas noites de insônia fico olhando a foto e pensando como seria se eu pudesse tocá-la. Tati, você diz que ama o Rodolfo, dos Raimundos, mas sou eu quem te ama!!!
Felipe Morris – Campo Bom, RS
Vai que é sua, Tatiana! Você não vai deixar o pobre do Henrique na mão, né? Ele te ama, pô! Aguardamos ansiosos a sua resposta.

VACILOU, DANÇOU...

Sou o maior fã do Skank, a banda que tem a cara dos jovens brasileiros. Adoro o Samuel (e o Haroldo também) e queria que vocês falassem pra ele como eu sou fã dele.
Roberto Arguiho – Campo Grande, MS
Pô, cara... Por que você não falou direto com ele quando tirou a foto?

Marcelo e a galera do fundão

KISS NO BRASIL

Pirei com a reportagem do Kiss, quando eles vêm ao Brasil? Pô, a revista está demais!!! Melhor, só com a minha foto na capa... Sou o cara de mau que está segurando o caderno que tem o logo do Kiss.
Marcelo Carvalho - São Paulo, SP
Ai, como você é mau... Se colocássemos a sua carinha bonita na capa de SHOWBIZZ, iríamos espantar todos os leitores da revista. É o seguinte: como você leu (ou deveria ter lido), está CONFIRMADA a vinda do Kiss ao Brasil, em março. Pode esperar!

FALE COM SHOWBIZZ. É DE GRAÇA!!
0800-139-138
De 10h às 12h e das 15h às 18h.
Este é o seu canal na SHOWBIZZ.
Sugestões, críticas, dúvidas...

A BOCADA DO PEARL JAM

Dica quente: mande uma carta para o Vitalogy Health Club (P.O Box 4570, Seattle, WA. ZIP 98104) e se você se associar, recebe catálogos de merchandising oficial da banda e *The Pearl Jams*, um compacto duplo com quatro músicas ao vivo em *jam-sessions* com convidados especiais, como Joey Ramone e Neil Young.
Juliano Chaveglia – São Joaquim da Barra, SP

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos exibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ • CAIXA POSTAL 66157, CEP 05389-970, SÃO PAULO – SP

EDITORA AZUL

Fundador: Victor Civita (1907-1990)
Diretoria: Angelo Rossi, Roberto Civita
Diretor Superintendente: Angelo Rossi
Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Halfoun e Sérgio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Max e Marco Antonio R. B. Cangado
Repórteres: Cláudia Grechi e Letícia Calmon
Correspondente: José Emílio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) Antônio Carlos Miguel, Carlos Calado, Celso Masson, Enor Paiano, Fernando Luna, Israel do Vale, Ivan Mattara, Jaime Biaggio, João Marcello Bôscoli, Josabé Medeiros, Marcelo Rodrigues, Márcio Pinheiro, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, Pedro Alexandre Sanches, Thales de Menezes, Thomas Pappon, Valério Campos, Zeca Camargo
(Fotos) André Schiliró, Christian Gaul, Fábio Cabral, Jorge Rosenberg, Monique Cabral.
(Revisão) Márcia Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Lúcia de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Afonso Palomares
Gerente de Marketing Publicitário: Cintia Mourão
Supervisora de Contas: Maria Luiza Marot
Contatos de Agência: Marcelo Casteli, Nádia Lappes
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenadora - Mônica Roselli

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Palla
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1940, edição 136, janeiro de 1997). São Paulo – Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 5777, tel: (011) 867-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 867-3330. Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo, tel: (021) 532-0313, fax: (021) 532-1580/1466, CP 4816. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Assinaturas: você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo – Serviço ao Assinante: tel. (011) 823-9222. Números atrasados: as seis últimas edições escolhidas, mediante disponibilidade do estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidor Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 868.3018, fone (011) 868.3308 (Dinap) E-mail: dinap.na@email.abril.com.br, pagando com os cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.

ANER Fotolito: Bureau Azul, Proposta Editorial, Promocional IVC

novíssimos Baianos

Galera do balaco grava tributo aos Novos Baianos

Quem é novo baiano não marca touca. Vira toco, vira moita, ou até mesmo disco-tributo. O grupo que botou a MPB de cabeça pra baixo nos anos 70 vai ganhar uma homenagem caprichada – que deverá chegar às lojas em março.

O projeto é do percussionista Bola, que participou do grupo de 1970 a 1978. Barão Vermelho, com "Com Qualquer Dois Mil Réis", Chico Science, com "Preta Pretinha", Cássia Eller, com "Acabou Chorare", Zélia Duncan, com "Se Rolar Beba Lágrima" e até Paulinho da Viola, com "Swing Do Campo Grande", já garantiram participação no disco. Bola quer também que Frejat produza o tributo. "Ele se amarra em Novos Baianos e seria o cara certo", anuncia.

A coletânea, é claro, não conta com a presença dos integrantes dos Novos Baianos. "Ninguém leva bolo pra sua própria festa de aniversário. O nosso objetivo é conferir a interpretação dos outros para as obras do grupo", avalia Bola. Ele avisa que o álbum conta também com o rockão "Barra Lúcifer", de Pepeu Gomes, em duas versões: uma do Planet Hemp e outra do Sepultura, que vai traduzir para o inglês o omelete poético dos baianos.

Parte do faturamento do disco vai para o projeto assistencial Axé. Antecipadamente, Bola se defende de eventuais acusações de oportunismo: "Só fico com 1% de tudo."

Cultuadíssimos, os Novos Baianos são homenageados mais uma vez

Em 1982, Eddie Vedder já fazia sucesso com as garotas

Edinho, o bom

A carinha de anjo feliz de Eddie Vedder em 1982 é o verdadeiro retrato do líder do Pearl Jam. A revista Rolling Stone investigou e revelou: o cantor que teve infância triste e explodiu quase sem querer é puro jogo de imagem. Edinho era o garoto mais popular da escola e arrasava entre as meninhas. Pouco mais tarde, em sua primeira banda, o Bad Radio (a maior farofada, por sinal), demonstrava obsessão pelo sucesso, trabalhando direitinho o marketing para conseguí-lo. Tsc, tsc...

U2 anuncia PORRADA

"Estamos tentando fazer o grande disco de rock'n'roll." Assim, Bono Vox define o tão aguardado próximo álbum do U2. "Vai se chamar *Pop* e será lançado dia 3 de março", disse o vocalista em entrevista ao programa The Net, da Rádio 1, da BBC. Bono surpreende: "*Pop* é um disco barulhento. Nossa intenção é fazer com que qualquer outro grupo de rock da face da Terra se pareça uma bandinha folk. É pesado, mais funk, mais pop... Algo para toda a família", detona, sem perder a piada. As surpresas não param por aí. As imagens da nova fase do U2 que andam circulando pela Internet garantem mais alvoroço ao redor de *Pop*. A maior parte delas mostra a banda alegre e contente em paraísos tropicais. Nas fotos se vê a banda caminhando à beira da praia e The Edge desprezando os sapatos e encarando um chinelão (!!!).

SUN PRESS

Bono: "Vamos fazer qualquer grupo de rock parecer bandinha folk"

BURACO ELETRÔNICO

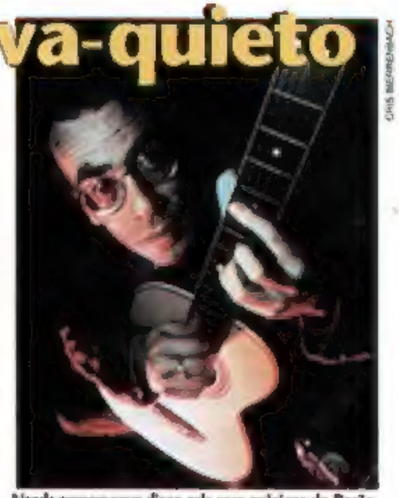
"Eu sou uma completa idiota tratando de computadores", diz Courtney Love, explicando porque chamou Butch Vig, o produtor de *Nevermind* do Nirvana e baterista do Garbage, para trabalhar no novo disco do Hole. "É um álbum todo sobre amadurecimento. Não planejamos lançar outro igual a *Live Through This*. Quero usar o Butch por causa de seus *loops*. Minha intenção é usar muitos samples", adianta Courtney. O disco só deve sair no meio do ano, mas um single com a versão de "Gold Dust Woman", do Fleetwood Mac, produzido por Ric Ocasek, foi lançado em novembro com tiragem de apenas duas mil cópias. A música também pode ser encontrada na trilha sonora do filme *O Corvo: A Cidade dos Anjos*. Love adora Rick, o ex-líder dos Cars. "A primeira canção que Kurt aprendeu a tocar foi 'My Best Friend's Girl', dos Cars, e eu comecei a fazer barulho na guitarra com 'I Need You Tonight', também do Cars. Essa banda é fodida!"

"Você não tem nível para falar comigo. Acho melhor você se sentar..."

Madonna, humilhando um jornalista mal-educado durante a primeira entrevista que deu depois de parir Lourdes Maria

Nando, o grava-quieto

Na moita, Nando Reis, o baixista dos Titãs, prepara seu novo álbum solo, o sucessor do primeirão *12 De Janeiro*. Ele montou uma banda com os barões Fernando Magalhães, na guitarra e Maurício Barros, no teclado, além dos músicos que participaram de sua primeira turnê como artista solo. A idéia de gravar o novo álbum com essa turma está deixando Nando empolgado. "Rola um clima de banda mesmo, o som ficou mais pesado", diz o titã, que já fez a pré-produção de quatro músicas ao lado de seus novos companheiros e testou o repertório num show no Hipódromo Up, no Rio. Os Titãs, porém, ainda são prioridade na vida de Nando Reis. O grupo acabou de renovar contrato com a WEA até o ano 2000 e neste mês inicia os ensaios para um álbum acústico. As gravações devem começar na primeira semana de março, novamente com produção de Liminha (responsável por discaços como *Cabeça Dinossauro* e *O Blesq Blom*).



CHRIS BERRENBACH

Nando prepara novo disco solo com músicos do Barão

Beavis & Butthead em Hollywood

Os escrotinhos da TV, foram parar no cinema. São as estrelas do filme Beavis & Butthead Do America. A fita estreou dia 20 de dezembro nos EUA e ainda não tem previsão de estréia por aqui. Enquanto isso a CIC lança um video com as aventuras dos moleques. No clima podre, aprenda o dicionário B&B (traduzido, é claro):

Beavar - Sacanear alguém rindo como Beavis.
Beavissexual - Estar morrendo de tesão e continuar na mão.
Beavogue - Usar shortinho e camiseta do Metallica e achar que está na moda.
Beavalda - Tabletes refrescantes que dão gases.

NEW PREGOS E CAMUFLADOS

Segundo a nova a revista americana Might, depois dos yuppies, os EUA foram tomados pelos arpies – affluent recreating professionals (profissionais emergentes da recreação) –, babacas em busca de "experiências autênticas" que torram a grana em mega-equipamentos para mountain bike, alpinismo e canoagem.

A noite carioca revela um novo personagem: o techno-hetero. Nada a ver com Haroldo, o gay recuperado de Chico Anísio. Os THs fervem em eventos GLS só para "pegar mulher". É mole?

Vem, Satanás!

O Ministério da Saúde informa: mais uma droga legalizada chega ao mercado. É o Capeta, famosa beberagem alucinógena originária de Porto Seguro. Agora disponível para axé-ravers em versão industrializada é vendida pelos capeteiros (foto) no meio do trio elétrico.

meleca, Johnny!

Johnny dente podre limpa o salão e libera sorriso Colgate

John Lydon, que era Johnny Rotten por causa dos dentes podres, mostrou o sorriso Colgate no Festival Close Up. No show do Rio, irritado com a apatia da platéia – que não tinha a menor referência sobre os Sex Pistols e, conseqüentemente, não estava nada empolgada –, **balançou a pança, xingou todo mundo, exibiu os mamilos e deu uma alisadinha fingindo se excitar.** Os cariocas, que não se chocam com nada, nem tchuns. Na saída do palco, John tacou um copo de água mineral Caxambu na câmera de TV que o filmava.

No mais, porém, mostrou-se gente finíssima. Acompanhado pela mulher Nora e por um segurança que foi seu amigo de infância, ele circulou por Rio e São Paulo sempre bem-humorado. Elogiou até o Marlboro nacional. Quando o carro de diretor de sua gravadora quebrou, em Ipanema, John não se fez de rogado: saltou e ajudou a empurrar. No Satirycon, restaurante carioca (o mesmo onde Madonna comeu), sua mulher pediu uma quentinha para levar o que sobrou da lagosta. John só foi punk quando viu o cantor Orlando Morais adentrar o recinto: repugnado, tirou uma meleca king size daquelas que serviriam como prova irrefutável da vida em Marte.

Presidents babam o Brasil

Seattle é alegre

Enquanto se prepara para tocar nas festas da posse de Bill Clinton, Dave Dereder, guitarra e voz do Presidents Of USA, fala de "Match 5", a música que homenageia o Serninha japa dos desenhos animados. "É claro que eu amo o Speed Racer, mas no fundo, o Pernalonga é o meu verdadeiro herói." A música faz parte de *II*, o segundo disco do grupo, lançado dia 04/11 (dia da reeleição daquele que fumou-mas-não-tragou). "O título é uma homenagem ao Led Zep. Se eles podem, por que nós não?" É, por que não? Os Presidents, são de Seattle, mas têm bom humor. "Conheço bem o pessoal do Alice in Chains, Pearl Jam, Nirvana e Soundgarden, e sei que não são pessoas tristes. Na verdade, a maioria deles é até bem feliz", delata Dave, mais um a babar pela música brasileira. "Adoro Gil e o disco que mais tenho ouvido é um do Stan Getz, *Jazz Samba*, em que ele só toca Tom Jobim. Não é maravilhoso?" (Rodrigo Durão Coelho)

"Dia desses vou estar cantando só para o meu cachorro"

Sting antevendo o inverno de sua carreira

BELEZA, MANO

Chico César está cheio de mulher

Depois de ser motivo de briga entre Daniela Mercury e Elba Ramalho, o paraibinha acalma os ânimos e, em março, quer fazer o show *Mulher Eu Sei*, reunindo as intérpretes que gravaram suas músicas em 96 (Bethania, Zizi Possi, Elba, Daniela Mercury...) O show deve ser em duas edições. Ainda em março, Chico começa também a pré-produção de *Beleza Mano* – nome provisório do novo disco.

GIOVANNI OTTE

Scully é a irmã de Mulder...

● ... É o que dizem as revistas, os zines e os sites especializados no seriado Arquivo X. Segundo eles, este será o último ano da série e durante 1997 os agentes Fox Mulder e Dana Scully descobrirão que são irmãos e que ela foi seqüestrada por ETs quando pivete. Além disso, o chefão Walter Skinner terá um romance do outro mundo.

● Damon Albarn, vocalista do Blur, vaidebutar no cinema. Ele será um dos astros de Face, da diretora Antonia Bird (a mesma de O Padre). Albarn irá contracenar ao lado de Robert Carlyle, o psicopata Begpie de Transpotting.

Melô cheirosinha

● "Você vai/ Ao ginecologista amanhã/ Pra você saber como está/ A sua pequenina/ Se ela estiver bonitinha/ Cheirozinha/ Linda como a luz do luar/ Vou lhe fazer um carinho"... Esta letra que muito honra a lira de Camões está no disco Coisa Bem Brasileira, de Joel Teixeira. A canção, um pagode mauriçola, é de autoria do próprio Joel e de Mauro Ferreira. O crítico de música do jornal O Globo, que também se chama Mauro Ferreira, disse que quem o conhece sabe que essas coisas não têm nada a ver com ele.

Belushi vive

● Caiu na rede o blues brother John Belushi. O inesquecível astro de Clube Dos Cafajestes foi encontrado morto em 1982 – overdose de speedball. Mas o imperdível site The Ultimate John Belushi Tribute Page (www.geocities.com/Hollywood/9264/) tem homenagens à altura de seu talento.

paradão do paredão

LAILSON SANTOS
Ronaldo é rock'n'roll!

Convidado a mostrar seus conhecimentos sobre rock numa loja em São Paulo, o goleiro e vocalista Ronaldo fechou o ângulo e ainda disparou. "Todo goleiro ou é louco ou é viado. Como eu não sou viado, acabei sendo louco." Então, tá.

Elvis Presley - *Amazing Grace* – "50 milhões De Fãs Não Podem Estar Errados. Ele é o Rei, pô!"

Iron Maiden - *Powerslave* – "Iron Maiden, pra mim, é Bruce Dickson. Agora acabou."

Deep Purple - *Machine Head* – "Adoro hard rock! Tenho uns 200 CDs entre ZZ Top, Aerosmith, The Cult..."

The Beatles - *Anthology* – "Minha mulher adora!"

Elton John - *Classic Periods* – "Olha como ele era diferente nos anos 70..."

Whitesnake - *Slide it In* – "Básico."

Lulu Santos - *Tempos Modernos* – "Esse foi o primeiro disco que eu comprei *(risos)*. Naquela época tinha umas bandas legais, você lembra do Herva Doce?"

Rush - *Moving Pictures* – "É um dos meus discos favoritos."

Metallica - *Load* – "Não achei que os caras ficaram bololas neste disco. Puxa vida, é superlegal!"

Kiss - *Destroyer* – "Gosto desde a época que eles vieram ao Brasil."

ADRIANA PITTOLAN
Zélia Duncan é uma mistura de Elizeth Cardoso com Led Zeppelin

"eu sou um híbrido"

Curto e grosso: em quatro perguntas, Zélia Duncan abre o jogo

O que é Zélia Duncan?

É pop. Não sou roqueira porque descobri que tenho outros lados muito cedo. Acho que o pagodeiro nasce pagodeiro, o roqueiro se descobre. Eu sou um híbrido. Minha mãe ouvia Elizeth Cardoso e meu irmão, Led Zeppelin.

Sua voz lembra a de Maria Bethania na fase Carcará. É proposital?

Sempre tive essa voz grave. Quando atendia o telefone em casa, me confundiam com meu irmão. Ficava mal... *(risos)* Na verdade, quando era menor eu escutava muito Elis e imitava a Bethania, sim. Chegava a cantar com sotaque baiano e tudo... *(risos)*

"Experimenta", do novo disco Intimidade, fala da separação de uma mulher. Ela é uma canção gay?

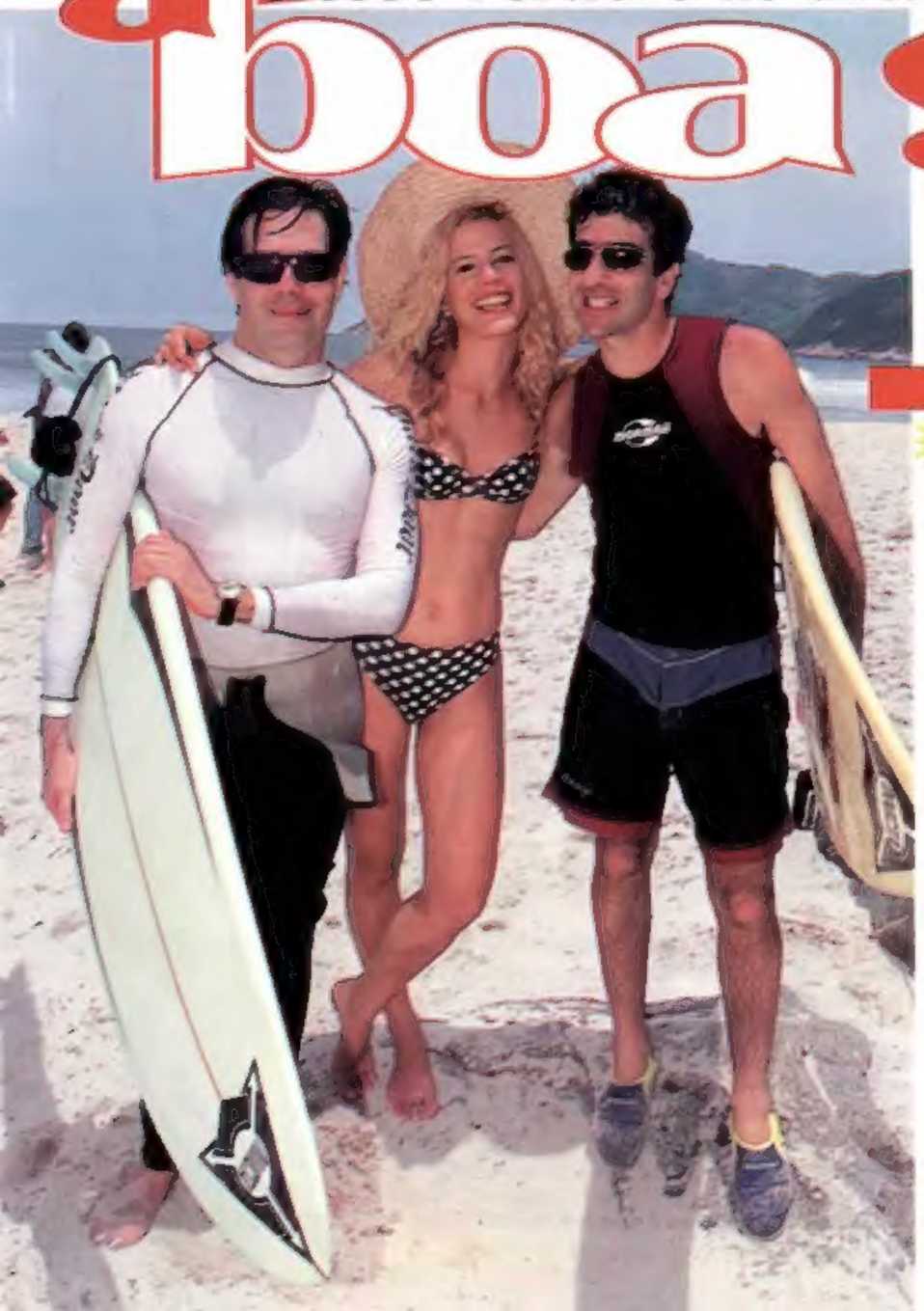
Ela é uma canção antiga, que fiz para o grupo Overblues cantar. Na hora de gravar eu não quis mudar a letra. Não acho legal ficar mudando o gênero. Acho isso horrível. Não é necessariamente uma mulher, nem ninguém, é apenas uma história.

O novo trabalho é bastante romântico. Você se considera uma cantora romântica?

Tinha horror de três palavras que me perseguiam: erótica, romântica e conceitual. Agora não me importa. Se sou, sou. O público acabou me dando esse feedback. Agora visto a camisa.

qual é a boa?

neste verão e as dicas quentes o que a galera do pop Brasil vai fazer para você se dar bem



TIRANDO ONDA

"Além dos shows que o Kid Abelha faz no Nordeste, em janeiro, eu quero aprender a pegar onda. Conheci o Ricardo Bocão e outros surfistas durante a gravação do clip de "Te Amo Pra Sempre" e fiquei empolgadaça. Em fevereiro, dou um tempo no surf e vou para Vail, uma estação de esqui no Colorado (EUA)."
Paula Toller (Kid Abelha)

MARACATU PIRINEU

"Verão é tempo de férias e novas composições... Vamos aproveitar também para organizar a nossa agenda de 1997. Quero ficar mais tempo no Nordeste, já que ano passado passamos um bom tempo no Rio. Claro que nesse tempo pintam uns showzinhos nas praias e, no Carnaval, vamos aprontar um maracatu atômico em Recife. Em março, participamos do Festival Pirineus Sur, nas montanhas espanholas."
Chico Science

Sexo na telona

Prepare o pâncreas e as glândulas que preferir: Courtney Love vai estar pelada nos cinemas brasileiros. E dirigida pelo bom e velho Milos Forman, responsável por *Estranho No Ninho*. Em março, finalmente estréia o inflado filme *O Povo Vs. Larry Flint*, em que a viúva de Kurt incorpora Althea Flynt, a stripper bissexual e drogada que se torna mulher do pornógrafo fundador da revista *Hustler*, Larry Flint. Mais magra e com os cabelos tingidos de preto, Courtney faz uma cena quentíssima de striptease.

SOL E CERVEJA

"Estou no clima praia, sol, areia e cerveja. Vou para Mangaratiba (litoral fluminense) com as crianças e fico até o fim de janeiro. Depois visito a minha mãe em Viena, passo um mês inteiro por lá. Quanto ao novo disco da Legião, ainda estou meio devagar. Precisamos mixar algumas músicas... Mas sai até julho, com certeza."
Dado Villa-Lobos

QUE KOISA...

O Kula Shaker balançou a culatra do verão inglês e pode servir como trilha sonora para o nosso bafão. *K*, álbum de estréia do grupo está sendo lançado em nossos pagodes. O Kula Shaker é um oásis de criatividade no rock inglês que rola. Sente só: o grupo faz rock psicodélico legítimo cantado em sânscrito (Crispian, o líder e cantor morou na Índia).

PRAIA, PRAIA, PRAIA

"Show na praia!!! Janeiro e fevereiro é a época em que estamos nos apresentando por todo o litoral brasileiro. Começamos no Rio, vamos às praias paulistas, passamos pelas principais cidades do Nordeste e, enfim, caímos no litoral sul. Em junho, paramos para preparar o disco novo."
Canisso (Raimundos)

O HOMEM BALA

"Vamos tocar no festival de MIDEM, em Cannes, na França, entre os dias 20 e 23 de janeiro. Depois damos um tempo para descansar até a segunda quinzena de fevereiro, quando fazemos shows na Argentina e no Chile. Então, finalmente, entramos em férias de verdade e aproveito para visitar um irmão que mora no Japão, numa cidade que não lembro o nome, mas fica a uma hora de trem-bala de Tóquio. O Haroldo se casa no dia 8 de março." Henrique (Skank)

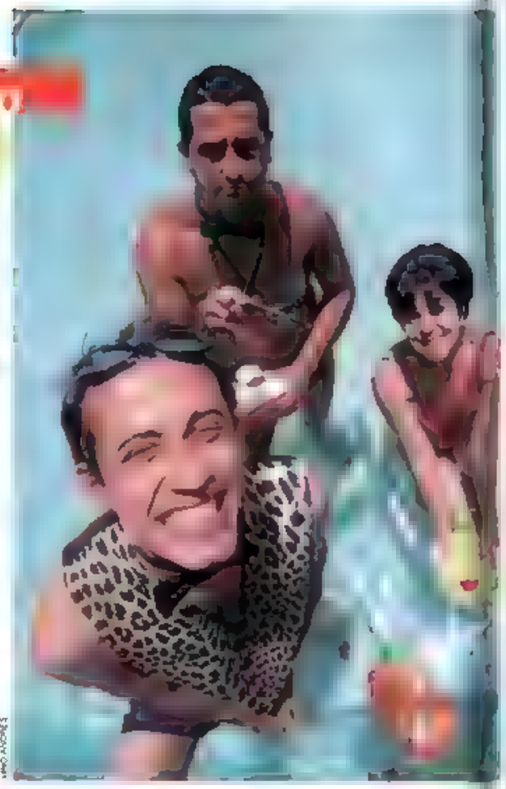
ROCK AMBULANTE

Não dá pra perder. Durante 18 dias acontece nas praias do Rio e São Paulo o Kaiser Summer Draft Summertime, um palco móvel (com um tremendo videowall por trás onde serão exibidos video-clips), que leva para a areia shows de gente boa como Karnak *(acima)*, Little Quail, O Rappa *(abaixo)*, Os Ostras, Nenhum de Nós, Jambéndola, Nomad e Concreteness. Os shows começam sempre no fim do dia, por volta das 18h30.

09/01 - Buzios (Geribá)
Os Ostras e Nomad
10/01 - Cabo Frio (Praia do Forte)
Os Ostras e Nomad
11/01 - Niterói (Icaraí)
Os Ostras e Nomad
12/01 - Rio de Janeiro (Barra)
Os Ostras e Nomad
15/01 - Ubatuba (Praia Grande)
Karnak e O Rappa
16/01 - Caraguatatuba (Centro)
Karnak e O Rappa
17/01 - Ilhabela (Itaguaçu)
Karnak e O Rappa
18/01 - São Sebastião (Maresias)
Karnak e O Rappa
19/01 -São Sebastião (Barequeçaba)
Karnak e O Rappa
22/01 - Santos (Canal 6)
Jambendola e Nenhum de Nós
23/01 - Santos (Canal 2) -
Jambendola e Nenhum de Nós
24/01 - São Vicente (Itararé)
Jambendola e Nenhum de Nós
25/01 -Itanhaém (Praia dos Sonhos)
Jambendola e Nenhum de Nós
26/01 - Peruíbe (Oásis)
Jambendola e Nenhum de Nós
30/01 - Bertioga (São Lourenço)
Concreteness e Little Quail
31/01 - Guarujá (Enseada)
Ira! e Nenhum de Nós
01/02 - Guarujá (Enseada)
Nomad e Karnak
02/02 - Guarujá (Enseada)
Os Ostras e Mauricio Pereira

PATO E O BICHO

"Falando sério, a melhor dica para o verão de 1997 é assistir aos shows do Pato Fu nas praias do Nordeste. A gente comprou um ônibus e vamos cair na estrada ao lado do Virna Lisi. Vai ser o bicho!!!"
Ricardo Koctus (Pato Fu)



EU QUERO É ROCK

"Prepare-se que estamos com um show que nunca tínhamos feito antes. Mais equipamento, mais infra-estrutura... Ainda mais rock'n'roll!!! É só ficar ligado. Estamos correndo o interior de São Paulo e vamos a algumas praias de Santa Catarina também."
Marcelo Nova (Camisa de Venus)

NEW FAT KID ON THE BLOCK

"Além de correr o Brasil gravando o *Suor MTV*, estou ensaiando com a banda, porque, em março, vou para Nova York gravar o novo disco do Ratos. A produção vai ser do Tom Soares, o mesmo que já trabalhou com o Shelter e New Kids On The Block (!!!)."
João Gordo (Ratos de Porão)

DOMO ARIGATO

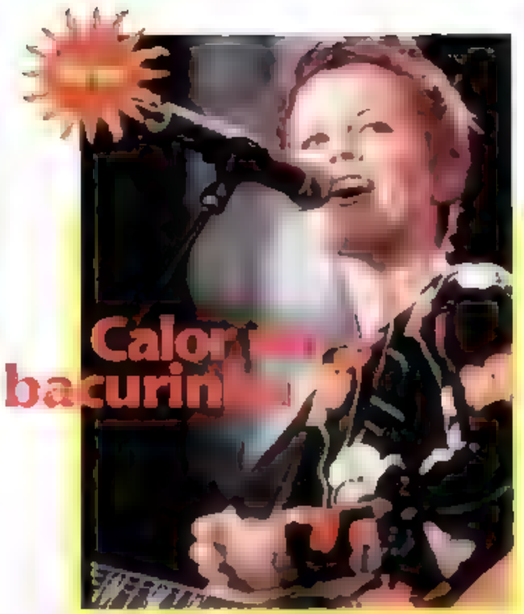
"O Angra está no Japão até o dia 21 de janeiro. De volta ao Brasil, começamos a fazer as músicas do novo disco. Entramos no estúdio no segundo semestre. Em março, voltamos à turnê com shows no Chile, Argentina e Brasil, é claro."
Andre Matos (Angra)

UNPLUGGED

"Aproveitei as férias dos Titãs para retomar meu curso de produção em Londres. Agora, estamos ensaiando para gravar o nosso álbum acústico. Paralelo a isso, vou ouvindo os discos *Maxwell's Urban Hang Suite*, do Maxwell e *K*, do Kula Shaker."
Charles Gavin (Titãs)

REVELAÇÃO DE VERÃO

Palavras de Dado Villa-Lobos: "Vi o Mestre Ambrósio ao vivo e fiquei muito impressionado." Como o ex-guitarrista do Legião Urbana, vários artistas estão completamente chapados com a música folclórica pernambucana apimentada com guitarras e elementos pop desse grupo de Recife. Não, não é como Chico Science. É mais cru, tem ainda mais a cara do Nordeste. "Eles têm tudo para acontecer. O Mestre Ambrósio é contemporâneo, empolgante... Poderia ser tranquilamente a trilha sonora do verão", empolga-se Chico César. O público que lotou o Bien-Bien Club durante uma temporada de dois meses em São Paulo, com certeza, concorda. Tá curioso? Se você quiser conhecer o som *da mulesta* do grupo, fique ligado. Mesmo iniciando em fevereiro a pré-produção do próximo disco, a banda Mestre Ambrósio vai fazer aparições-surpresa – provavelmente em praias do Nordeste. Em março, o grupo volta a São Paulo e, finalmente, grava o novo álbum.



Calor bacurin

●Cranberries no mesmo palco que Bruce Springsteen? PJ Harvey com Lenny Kravitz? A série *O Quarto Branco*, produzida pela Fox, reúne o melhor da música pop em concertos em que rolam jam-sessions inesquecíveis.
O programa vai ao ar na Fox (TVA/NET), dia 29/01, às 22h.

●Os programas da série *Rock Stories* mostram entrevistas históricas, performances ao vivo e aulinhas sobre rock. Eric Burdon, dos Animals, e Sammy Hagar, do Van Halen. Dia 21/02, às 16h, no Multishow (GLOBOSAT).

PARABÉNS PRA VOCÊ

"Dia 26 de janeiro é meu aniversário e aproveito para fazer, no Sesc Pompéia, em Sampa, o show *Encontro Das Novíssimas Tendências*, com Chico Science e Karnak." Chico Cesar

HAVA TEQUILA

"Em janeiro, estamos em Guadalajara, no Mexico, para reinaugurar o Roxy, uma casa de shows por onde já passaram Paralamas e Mano Negra. Provavelmente vamos gravar o clip de 'Desafiando Roma' por lá."
Fred 04 (mundo livre s.a.)

até o fim do milênio...

O tecladista Rick Wright garante: a nave psicodélica do Pink Floyd baixa no Brasil até o ano 2000

Rick Wright (à esq.), ao lado de David Gilmour e Nick Mason: turnê começa depois que sair o novo disco

Ao telefone, a voz lúpida [illegible] anuncia: "Antes do ano 2000, [illegible] Pink Floyd no Brasil." Na ter[illegible] brasileira para promover seu [illegible] *China*, o tecladista do Pink Flo[illegible] a pergunta em tom de súplica: "[illegible] ao Brasil?" Como quem pede des[illegible] tudo indica que iremos ao Brasil [illegible] nossa próxima turnê. Sabemos qu[illegible] difícil voar com todo o equipamen[illegible] determinados a tocar por aí."

»

A primeira formação do Floyd: *(da esq. para a dir.)* Rick Wright, Nick Mason, Syd Barrett e Roger Waters

Jeff Beck esnobou o Pink Floyd: não quis entrar no grupo no lugar de Syd Barrett

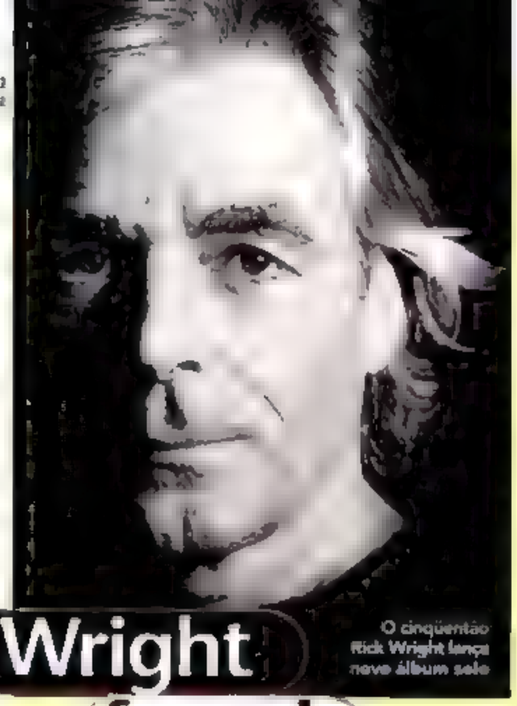
1990: Gilmour, Mason e Wright riam com o sucesso do duplo ao vivo *The Delicate Sound Of Thunder*, de 88

O prazo da promessa, "antes do ano 2000", não é chute. Calculando que o Pink Floyd começa a gravar um novo álbum este ano e que suas turnês costumam demorar até dois anos, Rick arriscou: "Entre 1998 e 1999 devemos passar por aí. Este show também é um desejo de Nick e de David."

Nick Mason, baterista, e David Gilmour, guitarrista e vocalista, são, junto com Rick, o Pink Floyd. Muita gente não concorda com isso, claro. O ex-engenheiro do Hawaii Humberto Gessinger já questionou numa canção: "Pink Floyd sem Roger Waters..." Este humilde digitador também chora entre as viúvas do baixista e vocalista que depois de bancar o ditador nos álbuns *The Wall* (1979) e *The Final Cut* (1983), saiu do grupo achando que botaria o navio a pique. "Seus merdas, vocês nunca vão conseguir", teria dito Roger, na ocasião. A julgar pelas contribuições dos outros integrantes a *The Wall* e *The Final Cut*, não era apenas uma praga de madrinha. Mas a história que todos conhecem diz que, mesmo sem repetir artisticamente o Pink Floyd que a gente aprendeu a amar na década de 70, David Gilmour, Nick Mason, Rick Wright – e, sempre é bom lembrar, Bob Ezrin, produtor – conseguiram varrer o mundo com turnês e álbuns de sucesso inquestionável. O show de *A Momentary Lapse Of Reason*, por exemplo, foi visto por 4 milhões de pessoas planeta afora. Roger Waters, à exceção da versão de *The Wall* que encenou com Van Morrison, Sinéad O'Connor e elenco estelar no lugar onde antes estava o muro de Berlim (em 1990), foi de fracasso em fracasso em seus discos solo. O último, *Amused To Death* (1992), além de vender ridiculamente, foi – com muita propriedade – esculachado pela crítica.

Rick Wright, hoje um cinquentão (nasceu em julho de 1945) feliz, casado com Millie, pai de um lindo bebê de nove meses, Ben, pode se»

O Pink Floyd faz pose para divulgar o início da turnê *The Wall*, em 1979. As gravações do disco foram traumáticas. O clima no estúdio era pesadíssimo e Waters chegou a expulsar Wright da banda.



O cinquentão Rick Wright lança novo álbum solo

Wright fora do penico

Broken China é o terceiro disco que Rick Wright faz fora do penico Floyd. Não é seu terceiro à bum solo, como ele mesmo faz questão de corrigir. O primeiro, *Wet Dream*, com aquele famoso piano em primeiro plano, saiu em 1978 e é bem agradável para os fãs do autor de "Summer 68". Mas Rick é rigoroso demais com o que fez: "Eu não gosto muito não, principalmente das letras. Acho que o sax do Mel Collins salva alguma coisa."

O segundo disco, chamado *Identity*, saiu em 1984 e não é – de maneira nenhuma-pelo-amor-de-Deus – um trabalho solo. Rick trabalhou em duo com um certo Dee Harris (vocalista de um obscuro grupo Fashion) sob o nome Zee. "Foi um experimento que não deu certo. Nada funciona nesse disco, eu estava meio perdido depois de ter saído do Floyd", renega o tecladista.

Broken China, feito com a ajuda da eletrônica, e mais floydiano, saiu no fim do ano passado e recebeu boas críticas. "Eles têm sido bons comigo", comenta Rick. Anthony Moore, parceiro de Gilmour desde *A Momentary Lapse Of Reason*, ajudou o tecladista a escrever as letras e deu uma força na parte informática. "Eu não era muito fã dos computadores, mas Anthony me ensinou muito." O tema central do disco? Depressão. Mais exatamente, a depressão de "uma amiga" – que depois virou a ser sua esposa, Millie. "Sei que o tema é bem sombrio, mas não foi difícil trabalhar em cima. Afinal, já tinha passado – o disco termina com o personagem se recuperando", explica Rick.

O disco conta com excelentes músicos como Pino Palladino no baixo, Manu Katché na bateria - Rick, como quase todo mundo de bom gosto, é fã de Peter Gabriel - e Tim Renwick (atual colaborador do Pink Floyd). Mas a mais comentada participação é a da careca Sinéad O'Connor, que faz vocais em duas faixas. "Não sei se ela é fã de Pink Floyd. Acho que provavelmente não é", diz Rick, que, de qualquer forma adorou o trabalho da moça.

Ele só lamenta não ter conseguido colocar Jeff Beck tocando no disco. "Chamei, mas ele não podia. No Pink Floyd, quando Syd Barrett saiu, a gente também o convidou. Mas infelizmente Jeff não quis."

Jeff Beck recusou novo convite de Wright

Provavelmente a história do rock seria muito diferente se Jeff Beck tivesse entrado no Pink Floyd e David Gilmour seguisse caminho longe do grupo. Rick acha isso engraçado: "Sabe que eu nunca tinha pensado nisso? É verdade. Mas o estilo de Jeff não é tão diferente do de Gilmour. Pelo menos o estilo dele na época."

Pergunto se ele não se sente rejeitado por ouvir, quase trinta anos depois, um outro não de Beck. Rick responde com uma humildade inacreditável: "Não sei. Eu não o conheço pessoalmente, o contato foi feito através do empresário. Mas acho que se tiver que chamar Jeff Beck de novo, eu chamo. Vou continuar tentando. O cara é simplesmente fantástico!"

dar ao luxo de dispensar o rancor. "Quando vejo o que aconteceu com a carreira solo de Roger Waters, não sinto saudades de sua presença. Mas acho até que conseguiria tomar novamente uma cerveja com ele."

Para os não-floydmaníacos, cabe a explicação. Roger Waters lhe deu o bilhete azul (dizendo à banda: "Ou ele sai, ou apago todas as fitas com minhas composições") ainda durante as gravações de *The Wall*, depois de recusar quase todas as contribuições do tecladista. O produtor Bob Ezrin resume o babado assim. "Rick foi vítima da crueldade teutônica de Roger. Tudo que ele fazia, Roger criticava. Rick se esforçava, mas nada satisfazia o dono da banda." O tecladista lembra que, na época, ficou "furioso", mas continuou tocando na turnê de *The Wall* apenas como convidado porque "não tinha escolha". "Hoje o ambiente na banda é muito melhor sem Roger. Nick, Dave e eu somos amigos, sim. A gente não socializa muito, mas quando se trabalha trinta anos com alguém, você desenvolve um respeito que acaba valendo ainda mais do que a amizade."

Rick voltou ao Pink Floyd depois que Nick e David Gilmour resolveram contrariar a sinistra previsão de Roger Waters, em 1986. O baterista e o guitarrista juntaram uma grana (reza a lenda que, sem dinheiro para completar sua parte, Nick teve de botar seu brinquedo mais caro, uma Ferrari de sonhos no prego – o que, cá entre nós, diz muito sobre o Pink Floyd pós-Roger Waters) e produziram *A Momentary Lapse Of Reason*.

Rick entrou inicialmente apenas como músico assalariado. "Eu não queria me meter no terrível litígio [Roger Waters estava processando Nick e David pelo uso do nome Pink Floyd] que rolava. Na época, ninguém sabia o que iria acontecer. Nick e David, que bancavam o projeto, também não sabiam como eu estava tocando na época, então foi mais adequado para todo mundo eu trabalhar por um salário."

Depois tudo deu certo e Rick acabou recuperando a condição de integrante oficial do Pink Floyd. Em *The Division Bell* (1994), compôs "Wearing The Inside Out" e fez várias parcerias com Gilmour. Obviamente, o tecladista não concorda com o pessoal que considera o Pink Floyd atual requentado. "O Floyd nunca acabou. Comparando com outras bandas, eu me permito duvidar das motivações artísticas do Yes, por exemplo. E as dos Eagles? As do Supertramp? São o que pode se chamar de revival financeiro."

Financeiro ou não, o *revival* do Pink Floyd tem tudo para render horrores em 1997. Este ano o grupo comemora três décadas de carreira na indústria fonográfica. Mais especificamente em fevereiro, quando o single "Arnold Layne" sopra 30 velinhas. Rick diz que não sabe ainda o que vai rolar. "Sei que vão celebrar de alguma forma, mas ainda há uma certa confusão em torno de datas de lançamento. Acho que vai ser feita alguma coisa em *boxed set*, mas você terá de esperar ainda para saber." Em relação a gravações, o Pink Floyd deve começar os trabalhos para um novo disco ainda no primeiro semestre. "Mas se o pessoal demorar muito acho que em julho começo a fazer um novo álbum solo", ameaça Rick, que não tem planos de tocar ao vivo o repertório do disco solo *Broken China*. "Eu sinto muita falta de me apresentar e fazer shows, mas odeio excursionar e ficar longe da minha família. O final da turnê de *The Division Bell* já estava sendo um pesadelo para mim", reclama.

Rick que desculpe os fãs deste longínquo país, mas em 1998/99, vai ter uma porção deles querendo mais é vê-lo em novo pesadelo. »

as últimas visões do louco

Diabético, o ex-líder do Floyd, Syd Barrett, está ficando cego

Syd Barrett, uma das maiores lendas do rock, o líder do Pink Floyd lisérgico e seminal do primeiro disco *The Piper At The Gates Of Dawn* (1967), está descansando no Adenbrookes Hospital de Cambridge, na Inglaterra. Ali há uma sala chamada Barrett – só que em homenagem ao pai de Syd, o renomado patologista Arthur Max. Syd, batizado Roger Keith, tem 51 anos, sofre de diabetes e está ficando cego em decorrência da doença. Mentalmente desequilibrado devido ao uso exagerado de LSD, ele saiu do Floyd em 1968, tentou a carreira solo (fez dois álbuns antológicos, *The Madcap Laughs* e *Barrett*, de 1970). Mas a doença o impediu de seguir trabalhando e Syd passou a vida em sanatórios ou em casa, assistido por familiares. Depois que sua mãe Winifred, morreu, em 1991, ele descuidou bastante da saúde. "É uma tragédia. Mas soube que ele viveu feliz dentro de suas limitações, durante muito tempo", comenta Rick. Ele e os outros integrantes do Pink Floyd tiveram de se afastar de Syd por ordem médica. "Quando ele se lembrava de sua carreira musical, piorava. A gente teve que se afastar a pedido dos terapeutas. Vi Syd pela última vez durante as gravações de *Wish You Were Here*, há mais de vinte anos. É uma tragédia", repete Rick.

Gênio ou vilão? Roger Waters é o homem responsável pelas fantásticas e pelas brigas que quase levaram o Floyd a pique

Em 1996, Billy Corgan, do Smashing Pumpkins (no centro), participou com o Floyd do "Wish You Were Here", na festa do Rock And Roll Hall Of Fame

Em fevereiro, o Pink Floyd comemora 30 anos de discos. Um novo álbum começa a ser feito ainda no primeiro semestre de 97

chegando a navelouca

O Pink Floyd é o Steven Spielberg do rock progressivo. O grupo se especializou em fazer shows grandiosos, com som "no talo" e efeitos especiais da melhor qualidade. Dá para roer os cotovelos de inveja quando lemos sobre as loucuras nas apresentações do grupo: em 1965, no Queen Elizabeth Hall (Inglaterra), bolhas coloridas saíam em direção ao público durante "See Emily Play". A ousadia custou caro: as cadeiras e o carpete do local ficaram com manchas horríveis e o Floyd foi proibido de fazer shows por lá.

O que dizer do enorme monstro prateado que será descartado quando a banda tocava "Echoes" (Royal Festival Hall, South Band, Londres 14 de abril de 1969)? Todo mundo gostou do efeito, menos os ecologistas: todos os peixes da área morreram efeitos ainda). Em 1971, o Pink Floyd deu outro show memorável, tocando nas ruínas de Pompéia. A apresentação – que teve como público um punhado de técnicos da TV européia – está registrada no vídeo *Live At Pompeii* (disponível no Brasil). E é só colocar a fita e se emocionar com Roger Waters sussurrando "Careful With That Axe, Eugene" enquanto seu rosto funde-se com as imagens das ruínas e dos habitantes petrificados de Pompéia.

O gosto pelas superproduções teve seu auge em *The Wall* (1980). O Pink Floyd tinha à sua disposição um palco de 160 metros de largura por 30 de altura e um tremendo muro, que era construído à medida que os músicos tocavam o repertório do show. A apresentação terminava com a implosão do tal muro.

David Gilmour e Nick Mason retomaram o Pink Floyd em 1986 – para desespero de Roger Waters – mantendo a tradição dos shows monumentais. Um dos mais memoráveis aconteceu em Veneza, em 1990. Foi também o mais polêmico: a apresentação do Floyd abalou as estruturas da cidade – que vêm afundando a cada ano. Os fãs, um espetáculo à parte, deixaram uma quantidade de lixo absurda. E o grupo acabou pedindo desculpas às autoridades locais.

The Division Bell, a mais recente turnê do Pink Floyd, foi definida pelo guitarrista David Gilmour como "a última palavra em shows ao vivo". Pode acreditar. O show estreou no dia 30 de março de 1994 no Joe Robbie Stadium, em Miami (EUA) e trouxe os três remanescentes do Pink Floyd ao lado de uma banda de oito músicos. O palco tinha o formato de uma concha e um telão para projeção de vídeos. Momentos antes da apresentação, o espectador era envolvido por sons de animais e o famigerado helicóptero de "Another Brick In The Wall". Eram tantas canções que rolava até um intervalo. O próprio Gilmour se encarregava de soltar um "não vão embora; nós voltaremos já", depois de "One Of These Days".

Uma orgia de lasers acompanhava "Learning To Fly". A guitarra de

os números do sino

A última superprodução do Pink Floyd

- A turnê de *Division Bell* passou por **77 cidades**
- **3 dias** era o tempo médio para a construção do palco dos shows do Pink Floyd
- Em Pasadena (EUA), os **60 mil ingressos** disponíveis para o show do grupo se esgotaram em **44 minutos**
- **5 milhões** de pessoas assistiram à excursão do Pink Floyd
- **250 milhões de dólares** foi o faturamento bruto do grupo
- O álbum ao vivo ***P.U.L.S.E.*** foi gravado no dia **20 de outubro de 1994**, durante uma apresentação em Londres. O show era em benefício do Greenpeace e da Anistia Internacional

Rick Wright em meio às luzes fantásticas

David Gilmour soltava raios coloridos enquanto ele solava. A já citada "One Of These Days" introduzia dois porcos gigantes voando. "Shine On You Crazy Diamond" era ilustrada por um vídeo em que o protagonista, Syd (Barrett?), passa da infância à fase adulta. O roteiro caprichava no delírio: ele era sugado para dentro de uma garrafa ao mergulhar numa piscina. Ao final da canção, Syd aparecia velho, encostado num canto da tal piscina. "Money" mostrava um mendigo em contato com um ser de outro planeta. Quando ele descobria que a arma do ET podia duplicar as coisas, pedia uma piscina de dinheiro. Ao final da canção, porém, já estava pobre de novo.

o roteiro de P.U.L.S.E.

"Astronomy Domine" (de *A Piper Gates At Dawn*)
"Learning To Fly" (de *A Momentary Lapse Of Reason*)
"What Do You Want From Me" (de *Division Bell*)
"Take It Back" (idem)
"Lost For Words" (idem)
"Sorrow" (de *A Momentary Lapse Of Reason*)
"A Great Day For Freedom" (de *Division Bell*)
"Keep Talking" (idem)
"One Of These Days" (de *Meddle*)
"Shine On You Crazy Diamond" (de *Wish You Where Here*)
"Breathe" (de *Dark Side Of The Moon*)
"Time" (idem)
"High Hopes" (de *Division Bell*)
"Wish You Were Here" (de *Wish You Were Here*)
"Another Brick In The Wall" (de *The Wall*)
"The Great Gig In The Sky" (de *Dark Side Of The Moon*)
"Us And Them" (idem)
"Money" (idem)
"Comfortably Numb" (de *The Wall*)

BIS

"Hey You" (de *The Wall*)
"Run Like Hell" (idem)

malhação

Escravo do sucesso, o Cidade Negra ralou duro para ganhar o Brasil. Agora, trabalha pensando no mundo...

por VALÉRIO CAMPOS
fotos ANDRÉ SCHILIRÓ

Vai encarar? (*da esq. para a dir.*) Bino, Toni Garrido, Lazão e Da Gama estão prontos para qualquer desafio no Brasil e no exterior

Cidade Negra é gente que rala. Que faz seis, às vezes até sete shows por semana. Afinal, é preciso divulgar *O Erê*, o novo disco. Por isso, é compreensível que todo mundo chegue atrasado num encontro marcado para as seis horas da tarde, mesmo que seja no estúdio em que vai rolar o ensaio. Lazão, o baterista que fundou a banda junto com o guitarrista Da Gama, o baixista Bino e o cantor (Ras) Bernardo, já tinha pintado na área – "deu uma saidinha e já volta". O primeiro a aparecer – e o que mais fala – é justamente o último a entrar na banda: Toni Garrido, que substituiu Bernardo.

Ele vai logo contando que vida de artista é assim mesmo: "Muita gente acha que é só chegar no palco e cantar. Nada disso: passamos dois anos na turnê de *Sobre Todas As Forças*, ficamos o resto do ano em função de *O Erê* e já estamos na estrada de novo". O esforço valeu: *Sobre Todas As Coisas* encostou no milhão de cópias e *O Erê* já está na metade deste caminho. A revolução Cidade Negra não quer ficar por aqui. O grupo já teve aventuras por França, Jamaica e EUA. A experiência francesa foi a primeira e começou num show no Fluminense F.C., no Rio. "Quando chegamos no clube o produtor disse que não tinha dinheiro para nos pagar. Como já estávamos lá, resolvemos fazer o show", lembra Da Gama. Sábia decisão. Um produtor francês que os assistiu gostou tanto que convidou o Cidade para tocar em Paris. "Foi num estádio cheio de punks e o mais incrível é que eles cantavam trechos das músicas em portugues mesmo", diverte-se Bino. »»

Mas a carreira internacional só começou a pintar mesmo em 1992, com a participação no Sunsplash, na Jamaica. "A gente se sentia em casa e os jamaicanos nos perguntavam o tempo todo por Zico, Romário, Djavan e Milton", lembram.

Na sequência, veio a primeira excursão aos EUA: Boston, Nova York, Miami. Em 1995, nova turnê, de novo por EUA e Jamaica. O mais inusitado, contudo, estava reservado para 1996. Foi um show perto de San Francisco, em Gabesville, no "Woodstock do reggae", o mais importante festival americano do gênero. Já na chegada, deu para sentir que o clima era diferente: "O lugar é lindo, um parque, tipo aquele do Zé Colméia. O organizador veio receber a gente, abraçou um por um, agradeceu a presença e nos deu skank", lembra Toni. O público era um show à parte: só tinha hippie. Eram os pais, as crianças e até as vovós hippies. O único fato a lamentar é que, na hora de seguir viagem de ônibus, julgou-se mais prudente dispensar o skank.

E agora, para onde vai o Cidade Negra? Por enquanto, percorre outra vez o Brasil – eles têm o hábito de, no fim da turnê (que pode durar até três anos), voltar aos lugares por onde iniciaram a carreira. Mais para a frente, o projeto é começar, aos poucos, a invadir a praia que os Paralamas já ocuparam: a América Latina. "Pensamos sobre gravar em espanhol para mostrar o respeito que temos por eles", acaricia Toni.

No futuro, o desejo dele e de seus colegas é "ser *brother* do Jaspion": penetrar no mercado japonês. Quer dizer, a galera quer, mesmo, conquistar o mundo. Mas para isso era preciso deixar as raízes da Baixada para trás? A resposta está na ponta da língua. foi para ficar mais perto das gravadoras, estúdios e aeroportos, que Lazão se mudou para o Recreio dos Bandeirantes; Bino, para Ipanema, e Da Gama, para a Lagoa (Toni Garrido se criou em Copacabana, mas faz questão de dizer que veio da Zona Oeste, definida pelo vocalista como "uma espécie de Baixada")

E o pessoal da Baixada, o que acha da mudança? Será que o pessoal do Cidade "se vendeu"? "O engraçado é que eles não acham isso, pelo contrário. Ficam orgulhosos de caras como eles terem vencido e estarem fazendo sucesso", garante Da Gama. Mas será que ninguém reclama? "Quem cobra são os garotos da Zona Sul", diverte-se Toni. Então quer dizer que os quatro jovens negros e bem-sucedidos não são tão bem aceitos pelos brancos da Zona Sul do Rio?

"Absolutamente. O que entristece é que a gente percebe que a maioria deles apenas nos atura, eles têm que engolir a gente. Ainda bem que não reagimos com raiva", conta Toni. Nem sempre, porém, é fácil manter a calma. Bino já teve de conter um amigo disposto a partir para a briga com um PM. O baixista foi agredido pelo gerente de um apart-hotel com quem se desentendeu. Quando era levado pelo amigo para um hospital para levar pontos no rosto, o carro deles foi parado por uma patrulha. O amigo queria se desvencilhar rapidamente, porque Bino sangrava, mas o PM resolveu endurecer. Depois que tudo se esclareceu, o PM disse: "Desculpem, mas sabe como é... Um carrão com um crioulo sangrando. Pensei que era ladrão..."

É contra isso que o Cidade Negra luta desde que ainda se chamava Novo Tempo e tocava para 30 pessoas. Hoje, ele e os colegas dizem não temer expectativas de público, crítica e gravadora. "Somos os mesmos caras de sempre. Nossas mães ainda moram na Baixada, os amigos também, a gente vai lá toda hora", diz Da Gama.

Quando eram crianças e cantavam na igreja, Lazão, Bino e Da Gama não tinham como imaginar que iriam tão longe. Mas, de alguma forma, já estavam próximos de um dos músicos que mais os influenciaria. "Nos anos 70, era moda uma seita esquisita, Universo Em Desencanto. A sede ficava perto das nossas casas, em Belford Roxo. As vezes, estávamos de bobeira, na porta, e aparecia alguém pedindo pra gente ir comprar cigarro para o Tim Maia. A gente ia", lembra Lazão.

Recentemente, os rapazes encontraram Tim a bordo de um avião e foi aquela zona. Com seu vozeirão inconfundível, o síndico mandou lá da frente o brado: "Cidade Negra!" O avião estremeceu. Junto, Tim mandou também uma garrafa de uísque 12 anos e o aviso para que só a devolvessem depois de terem bebido pelo menos a metade. Um dia desses, Lazão levou o trompetista Lúcio até a casa de Tim, onde o cantor está gravando seu novo disco. Lúcio os apresentou, sem saber que já se conheciam, mas aparentemente Tim não reconheceu Lazão.

O fato é que, pelas tantas, Tim saiu pela casa atrás do baterista. E ficou desapontado quando soube que ele já tinha ido embora. Tim queria tocar com ele ou, pelo menos, falar de música? Que nada. Queria era explorá-lo um pouco. Desejava que Lazão, baterista de um grupo que já vendeu mais de um milhão de discos, simplesmente afinasse sua bateria, uma Yamaha de cinco tambores. "Isso é mole. Eu afino rapidinho. Além do mais, teria sido um prazer fazer um favor ao grande Tim Maia", garante Lazão. Pode cobrar dele, Tim.

"Mulatinho não existe. O queira ou não, Michael Jackson, é um negão"

orgulho x preconceito

A luta contra o racismo é o tema que mais mobiliza as quatro cabeças do Cidade Negra. A seguir, opiniões deles sobre negros e afins.

Djavan e Milton Nascimento — "São reis. Não é à toa que são adorados na Jamaica. Lá, o pessoal sabe o que é bom." **Toni Garrido**

Pelé — "Só o fato de ele existir e ter chegado onde chegou já é muito positivo. Serve de estímulo para milhões de meninos negros e pobres, em todos os lugares. A gente preferia que ele apoiasse mais a nossa luta, mas mesmo sem isso, a ajuda dele é importante." **Da Gama**

Fernando Henrique Cardoso — "Tem gente que diz que o Lazão é mulato, assim como o Fernando Henrique já disse que era mulatinho *#**@**! Isso não existe, mulato quer dizer cor de mula. Ou o cara é branco, ou é negro. O Lazão, por exemplo, é negro." **Toni**

Raça Negra, Chico César, Tinrica e Chico Science — "É muito bom esses negros todos fazerem sucesso, são os novos ídolos de nossos filhos. Foi um erro do Tinrica fazer uma música racista, mas já passou, o que importa é que ele é um artista popular." **Da Gama**

Michael Jackson — "Ele fez o que muito negro sempre quis fazer, mas não pôde, que é virar branco. Agora, tem uma coisa, quer o Michael Jackson queira, quer não, não importa, a verdade é que ele é um negão." **Toni**

os indefectíveis

Eles preencheram milhões de vestidinhos pretos com a alegria de "Garota Nacional" o hit de 1996

Sem malícia: vestidinho preto nos Garotos Nacionais é uma homenagem ao indefectível sucesso do Skank

O que é isso? Os irmãos Lelo e Samuel Skanko de vestidinho preto? Só se for satanagem da SHOWBIZZ, admitimos. E Samuel trata de explicar rapidinho: "Põe aí, pode botar", diz intimando o repórter a [illegible] espeta. "Nunca tive esses desejos transexuais", declara. E olha que não faltou oportunidade. Em Belo Horizonte há a Banda Mole, um bloco carnavalesco onde os homens soltam a franga. O Skank já foi convidado a participar várias vezes, mas sempre recusamos. Com a gente, não tem esse negócio não!", reforça o cruzeirense que não perde a oportunidade de abrir fogo contra os rivais atleticanos. Quem organiza o bloco é o Jacaré, aquele mesmo, presidente do MMM (Movimento Machista Mineiro)... Pô, ele também é conselheiro do Atlético. [illegible] brutal.

Falando sério, e pretinhos básicos à parte, indefectível mesmo é o som do Skank que, pegou os brasileiros pelo pé, fez com que o grupo ven

de [illegible] mais de 1,5 milhões de cópias do álbum *O Samba Poconé* e garante casa lotada em qualquer lugar onde os mineirinhos se apresentem. E eles não param até dezembro, quando encerraram o ano com uma superapresentação para [illegible] pessoas no réveillon da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. O Skank estava fazendo, em média, 18 shows por mês. Agora a banda quer partir para o mercado internacional. Samuel explica. "Na verdade, em 1996 nos tocamos nos mesmos lugares que passamos com a turnê do *Calango*, em 1995. Não dá para ficarmos batendo ponto sempre nas mesmas cidades... Isso é muito ruim para a banda, tira a expectativa pelos shows." Henrique insiste: "Não tem essa de virar as costas... Mas é importante sermos um pouco do Brasil.

O role internacional começa na França, segundo o grupo, "o centro distribuidor para o resto da Europa". [illegible] **são cucaracha de "Garota Nacional"**. A música invadiu as paradas sul-americanas e o clip, embora tenha tido as cenas de nudez cortadas, está em alta rotação no Chile. Tanto sucesso garante que mais versões venham por aí. O letrista e saxofonista Chico Amaral está trabalhando duro nas letras em espanhol. "Uma Partida De Futebol", "Tão Seu" e "Te Ver", do Calango, são as próximas músicas a ganharem dupla nacionalidade. "Eu Dis- »

Indefectíveis internacionais: o sucesso do Skank foi parar na Europa e arrebenta no mercado latino

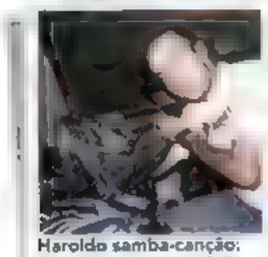
Samuel: CDs do Skank pra fazer uma presença

Haroldo: "Renato é indefectível!"

Trompete é o novo instrumento de Henrique

se A Ela", além de espanhol, também ganha uma versão em inglês (!!!). "Queremos fazer uma experiência... Vai que pega na Inglaterra!", sonha Haroldo. Samuel Zagallo é mais cauteloso: "Calma, calma... Um país de cada vez, sem pressa, por favor."

No meio de tantas viagens, o negócio agora é checar o que é indefectível na mala dos indefectíveis. Samuel já adianta: "Não andamos tão impecáveis como as garotas de Beagá, que gostam de se vestir com uma roupinha legal e deram origem ao trecho da música." Segue abrindo a mala: "Bom tem cueca sua, meia, camisa de futebol..." E, camuflados, uns CDs de *O Samba Pocone*. Pra quê? "Ah, dar um disquinho aqui, outro ali, é sempre bom para ser bem tratado", confessa, na maior cara de pau.



Haroldo samba-canção: "Fica tudo sambando"

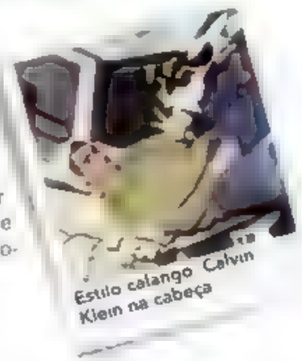
Lelo, o homem-CD, tem o paladar musical variado

Partindo para a mala do Haroldo (sem malícia, por favor...), no meio das famosas cuequinhas de seda do baterista estão milhares de cartelas de Pepsamar, aquela pastilha para maus estomacais. Haroldo pega de primeira: "Pepsamar é indefectível!!! Nunca é demais. Tenho uma azia crônica que aparece nos momentos mais inconvenientes." E o que você vem comendo, Haroldo? "Ah, comidinha leve de estrada... Um tutuzinho, feijão-tropeiro... O João Vianna, o trompetista também é indefectível! Ele é o nosso provador oficial. O cara vai na frente para os restaurantes e dá o serviço... Mas ele já foi melhor nessa função." Enfim, o povo quer saber afinal por que a paixão pelas samba-canção? "Pô, é uma delícia... Sabe como é, fica tudo solto, meio sambando... Acho que o nome vem daí, né?" Sabio, Haroldo.

No sacolão do baixista Lelo praticamente só tem CDs. Um monte de coletâneas de ska, outras de rockabilly, Gilberto Gil, Luiz Gonzaga... Lelo é um cara com paladar musical eclético. "Legal mesmo é juntar todos os CDs, apagar a luz do quarto e ficar ouvindo só o fileizinho de cada um", viaja. Henrique gosta de um pouco mais de ação. **Com o baú aberto, o tecladista exibe orgulhoso sua rica coleção de bonés e surpreendentemente resolve mostrar o instrumento.** Calma. Hyper comprou um trompete e está se ampliando seus horizontes musicais. "Sempre curti metais. Trompete é indefectível!!! O problema é só a embocadura", diz, sem medo de ser feliz.

Voltando ao tema "vestidinhos", perguntado se já tinha encarado a Banda Mole, Henrique é taxativo: "Comigo não, violão!!!" Mas confessa: "Uma vez, no Carnaval, saí no bloco das Caixinhas de Fosforo. Era um monte de mulher vestidas de caixinhas e eu e um amigo vestidos de fosforo..." Indefectível!!!

Lelo rivaliza com Samuel na coleção de camisas de futeba



Estilo calango Calvin Klein na cabeça

Pra tudo

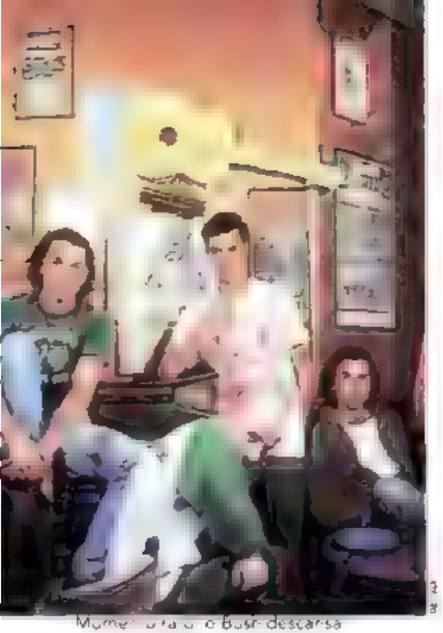
O Bush saiu da Inglaterra, ganhou a parada e as garotas americanas, mas continua cheio de fome

A galera do Bush cisca tanto na área do Nirvana que até Courtney Love já notou. E gostou, segundo algumas línguas mais Gene Simmons, que juram tê-la visto nas boates da vida fazendo *come-as you-are* para o vocalista Gavin Rossdale vir confortá-la *in-utero*. O que não é de surpreender: se há algo que a viúva compartilha com o cantor, é a fama de limpa-trilho. O venenoso Boy George mesmo era "Gavin galinha tanto que já andou bicando até a espiga de Marilyn" – traveco manjado em Londres desde a época do new romantic.

Enquanto o garoto se diverte fora dos palcos, o Bush roda o mundo acumulando viúvas do mortalha de flanela: os mais de quatro milhões que compraram seu álbum de estréia, *Sixteen Stone*, já podem ir catando nas lojas o segundo, *Razorblade Suitcase*, que tem produção do feio, sujo e malvado Steve Albini. Em discos alheios (de Pixies, Breeders, Nirvana), a mão do estuprador de tímpanos costuma ser devastadora. "Sem dúvida, o som está mais cru", antecipa à SHOWBIZZ por telefone, de Londres, o baixista Dave Parsons. "Mas são as mesmas quatro pessoas tocando", comenta, engolindo sílabas velozmente. "A grande diferença é que o Albini extrai de cada instrumento o melhor. É um mestre dos estúdios."

No dia seguinte à entrevista, a banda — Gavin, Dave, o guitarrista Nigel Pulsford e o baterista Robin Goodridge — seguiria para alguns shows na Austrália, de onde emendaria direto com uma miniturnê japonesa. Lar doce lar, só em fins de dezembro. E isso porque Nigel acabou de se casar. Mas a vida cigana já virou rotina para a banda. "Em 1995, acho que ficamos só umas seis semanas em casa", contabiliza Dave. Neste ano, a banda viaja praticamente no mesmo ritmo. Na bagagem, as bandas Goo Goo Dolls e No Doubt — cuja vocalista, a lourinha Gwen, também andou engrossando o caderninho de vítimas do insaciável Gavin.

A quilometragem do Bush é de desidratar camelo de Marco Polo, mas a banda não quer nem saber de pausa para chopinho. "Estamos doidos pra tocar o disco ao vivo", acelera Dave. "Nem gastamos muito tempo no estúdio justamente para não »



Momento Bush descansa

perder esse 'live feeling'." A turnê de promoção da banda já os levou a correr os Estados Unidos de costa a costa. "Tocamos em bares do meio do nada", lembra Dave, ressaltando a diferença que nota entre sua banda e as conterrâneas. "Inglês nunca se toca o quanto isso é importante", alfineta o baixista, sem citar nomes. "Só querem saber de Chicago, Nova York, Los Angeles.

Estrada, estrada, estrada. Se eles têm tanto apreço pela coisa, então como acabaram não vindo ao Hollywood Rock passado? "A gente ia como banda suporte de Page & Plant. Mas o empresário que os levou mudou de idéia em cima da hora. Não foi culpa nossa. Ainda queremos conhecer as platéias brasileiras." As circunstâncias se tornaram outras, porém. Na época, Bush era um Clinton de cara fechada para os brasileiros. Agora, com os hits "Machinehead", "Comedown" e "Glycerine" batendo o ponto várias vezes por dia nas FMs rock do Rio e São Paulo, a banda tem expectativas a cumprir. Dave fala sobre isso como um apertar da mesma tecla: "O público brasileiro pode nos conhecer, mas ainda não nos viu ao vivo, que é o que realmente interessa. Ainda temos o que provar."

Ele tem razão. O Brasil sabe que o Bush existe, sabe como ele soa e só. O esta-é-sua-vida ficou em Londres e tem seus atrativos. Até subirem ao primeiro palco, num estacionamento a céu aberto, por ocasião do aniversário de um amigo, os garotos se viraram mais que moça batalhadora. Entre os nobres ofícios que as carteiras profissionais entregam, estão os de motorista de caminhão de sorvete (nas horas vagas, os picolés se amontoavam num canto para dar espaço aos instrumentos da banda), entregador do sushi-bar So Sue Me e pintor. Chegando aí, vale parar para esclarecer um mal-entendido: as declarações apaixonadas de Gavin aos quadros do pintor inglês Francis Bacon, que teriam inspirado o clip de "Comedown", andam levando fãs mais apressados a confundir paleta com palheta. "O Gavin e o Rodin são mesmo chegados num pincel", entrega Dave. "Mas minha produção artística ficou restrita aos muros e telhados", escapa.

Falando em muro, hora de voltar àquela questão incômoda, muita gente com medo do espectro de Cobain tem vontade de mandar a banda para o paredão. Dave ataca de Jack, o Estripador e responde por partes. Parte 1: rasgação de seda. "Ouvimos muito Nirvana mesmo, assim como Pixies, Breeders e outras bandas americanas daquela geração." Parte 2, conversa fiada. "Sei lá, acho que Iggy Pop, David Bowie, Clash e Sex Pistols são influências comuns. O som acaba refletindo isso, só que eles apareceram antes." Parte 3: chega-pra-lá. "Isso porque a gente não procura fazer parte de grupinhos. Ficamos muito na nossa. É fácil ser bem-falado para essas bandas que vão umas aos shows das outras e ficam se elogiando pela imprensa."

Você sabia?

- ... que aquela coisa peluda no encarte de *Sixteen Stone* tem nome (Winston), raça (Pull) e ainda por cima late?
- ... que o irmão do guitarrista Nigel toca com Cyndi Lauper?
- ... que o nome da banda foi resultado da exposição maciça a sinais de estrada anunciando a direção de Shepherd's Bush? (não se surpreenda se a próxima grande banda brasileira se chamar Mato Dentro)
- ... que a letra de "Bomb" foi inspirada na explosão causada pelo IRA em um pub no bairro londrino de Covent Garden — e escrita por Gavin, do ponto de vista de uma vítima fatal do atentado?
- ... que o par de versos "Minnie Mouse has grown up a cow / Dave's on sale again", de "Everything Zen", é paródia da estrofe quase idêntica de "Life On Mars?", clássico do álbum *Hunky Dory*, de David Bowie?

GRÁTIS

NAS BANCAS FLUIR

Viciados em futebol e novela, Max & Cia. levam a bagunça nacional para os EUA

Vixi Brasil!!!

A trupe of-doom já tem time de futebol. Só que não está com essa bola toda. Até porque a dupla de ataque Igor e Vovô *precisaria suar mais a camisa.* "Eu jogo de centroavante plantado na frente", firula Igor. "Eu fico na banheira mesmo", assume Vovô, aliás, Max. O problema da equipe é falta de tempo para o treino com bola. "É foda", resume Max. "Com CD lançado em 40 países, uma porrada de entrevistas, o telefone lá do escritório toca o dia inteiro. Mas a gente gosta desse pique."

E ele nem sequer mencionou as turnês. O Sepultura literalmente vive na estrada — tanto que as respectivas famílias, volta e meia, vão na garupa. Na manhã em que SHOWBIZZ conversou com os jungle-boys (como a imprensa lá de fora os chama), à beira da piscina do Hotel Sheraton, no Rio, a senhora Max Cavalera, Gloria, brincava a poucos metros com os herdeiros Zyon e Igor, assistida pela sogra Vânia. Enquanto isso, num hospital de São Paulo, Mônica, senhora Igor Cavalera, descansava após dar à luz, dois dias antes, à primogênita Joana, a priminha que os garotos irão atazanar no futuro *(confira no quadro à frente o temperamento devastador de Zyon)*. No dia do segundo show em São Paulo, Mônica entrou em trabalho de parto e deixou todos em estado de alerta. Já no Rio, entre um compromisso e outro, Igor corria para o telefone, preocupado com a mulher e orgulhoso com a filhota.

Mas é como diz o Vovô, eles quiseram assim. A passagem pelo Brasil foi apressada (quatro shows em quatro dias), mas o grupo tem planos de voltar em março para uma turnê maior »

por JAIME BIAGGIO

Saudades do Brasil: a trupe of-doom, liderada por Max Cavalera (com a bola) fervendo pela última vez

O Sepultura está cada vez mais agressivo. Max foi expulso de um shopping center

promovendo o EP que sai agora no início do ano. "A gente queria tocar mais aqui", confirma Max. "Pena que é sempre tão corrido." A banda que o Brasil exportou e só depois se deu ao trabalho de ouvir está com saudades de casa. "A gente vai se virando com as fitas de futebol e novela que a família manda todo mês", confessa Andreas. "A conta de telefone é alta", completa Paulo, com um certo ar pensativo.

Quase quatro anos se passaram desde a mudança do clã para Phoenix, Arizona — e, nesse intervalo, Igor se mudou para San Diego, Califórnia. Mas a poeira da Terra de Marlboro ainda provoca alergias nos quatro. "Adoro provocar os caipiras de lá", diverte-se Max, cujos dreadlocks vermelhos já lhe valeram algumas expulsões de shoppings centers e um quiproquó feio com a polícia, amplamente noticiado por aqui. "É uma gente muito reacionária", ataca Vovô. Os costumes locais também não foram totalmente assimilados. "Outro dia, no backstage de um show nosso, apareceu o Randy Johnson, o fodão da liga americana de beisebol. E a gente ali, olhando o cara sem nem saber quem era. Beisebol é um pé no saco", dispara Igor.

O time de pelada formado com os roadies é o passatempo favorito das viagens e único hobby comum aos quatro. Nos raros intervalos entre as turnês, os inquietos Paulo e Igor descarregam a adrenalina no Jiu-Jitsu. "Sou faixa transparente", brinca Igor. Já os pacatos Max e Andreas se enfurnam em casa e só exercitam os dedos. Max no controle do CD-player; Andreas, no console do video game. Uma vida de Homer Simpson, subsidiada pelo que sobra no banco depois de debitados os gastos com as turnês. "A gravadora tem um fundo chamado tour-support que ajuda", conta Andreas. "Mas o gasto é muito grande."

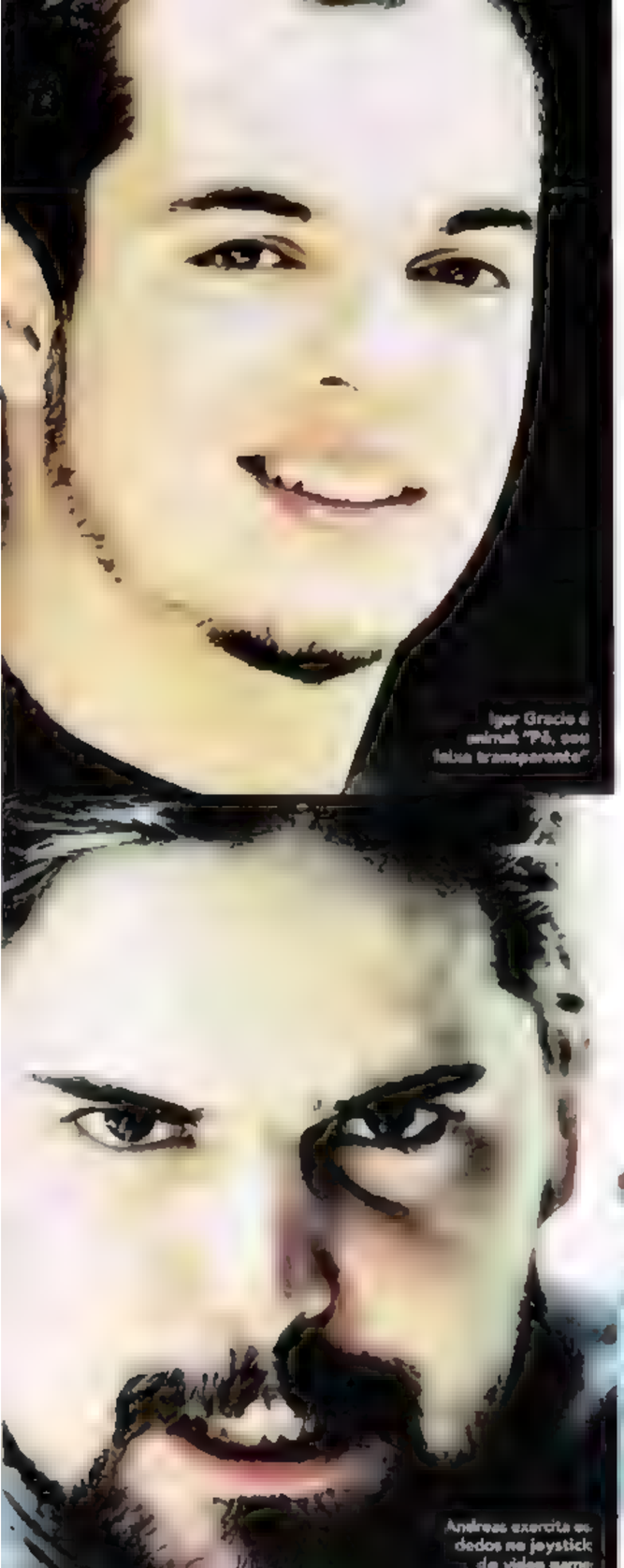
Numa turnê como aquela com o Ozzy, a gente acaba pagando para tocar", arremata Igor.

Com tais afirmações, o Chaos F.C. põe para escanteio as especulações de que estar a vomitando dinheiro. "Se eu estivesse montado na grana, não pagaria minha casa a prestação", espalma Paulo, subitamente interessado no papo depois de alguns minutos com o olhar perdido. "Tem gente que chega e diz: 'Pô, você tá com [illegible] isa, sei lá o que [illegible]'. Lá no mesmo. Em Phoenix fazem 50 graus no verão e é seco pra caralho. Piscina no Arizona, não é luxo não. É necessidade!!!"

arrotos primais

godzilla mirim

Entre a mãe Glória e a avó Vânia, Zyon, o demolidor, [illegible] de tranqüilidade



Igor Gracie é mirim: "Pô, sou faixa transparente"

Andreas exercita os dedos no joystick de video game

Max se diverte afogado num mar de CDs

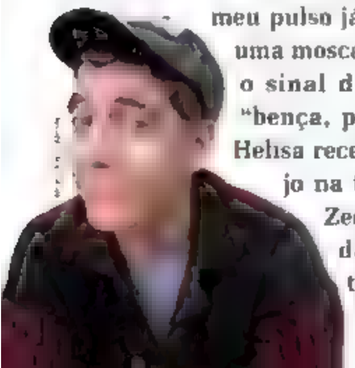
Paulo sua para valer na estrega estrega de Jiu-Jitsu

"não bebo água"

Conservado 37 anos em barris de carvalho, Zeca Pagodinho já é Velho Guarda. E destila malandragem

por ÁLVARO DA COSTA E SILVA

O sino da igrejinha faz belém-blem-blom. Não deu meia-noite, nem é ponto de macumba levado pelo Martinho da Vila. Estamos no sítio do Zeca, em Xerém, Duque de Caxias, RJ. Um pouquinho depois das seis da tarde, o Casio do meu pulso já apitara. Zeca espanta uma mosca, levanta da mesa e faz o sinal da cruz. "Bença, pai", "bença, pai". Eduardo, Louis e Helisa recebem, cada um, um beijo na testa. É em Xerém que Zeca se sente bem. Ao lado da mulher Mônica, de três dos quatro filhos – nunca é demais citá-los, Eduardo, Louis e Helisa são uns amores –, de seletos amigos como Paulão, Espingarda, Cecília, Ratinho e Nei Empresário Barbosa, e do figuraça Baixinho, que não é caseiro da casa, o Zeca é que é caseiro dele.



É Baixinho quem nos deixa entrar. Se bem que ele preferisse ficar do lado de fora, na tendinha em frente à igreja caiada de branco, construída à época de Dom Pedro II. Nos arredores, há muito barro nas ruas por calçar e muito comércio informal. Zeca está sentado à mesa da varanda, pernas cruzadas, de tênis, bermudas, camiseta e boné com as letras NBA. Pergunto se ele gosta de basquete. "O que, *compade*?", estranha. Ene-bi-êi, basquete... "Não bebo água", enterra.

E me serve um copo.

As pernas do Zeca são marcadas, como as de jogador de futebol. Ele confessa que nunca teve habilidade no trato com a pelota. Apenas sonhou, uma vez, que pegava no gol do Atlético Mineiro, num clássico contra o time do Morro da Providência. "Tive que facilitar as coisas..."

Zeca é Botafogo, de leve, daqueles que gostam do clube mas não sabem escalar o time. Não se liga muito em esporte que não seja a cerveja. Seu negócio é samba desde os tempos de moleque em Irajá com estágio no quartel-general de Del Castilho. Em Irajá promovia o famoso Pagode das Almas, ao lado do cemitério. "Era tão bom que até a família do morto participava."

De lá foi para o Cacique de Ramos onde se tornou a nata da geração de sambistas que explodiria na primeira metade da década de 80: Jovelina Pérola Negra, Almir Guineto, Marquinhos Satã, Arlindinho Cruz, Sombrinha (os dois últimos, do grupo Fundo de Quintal). Zeca é o maior nome dessa turma. Tem suas composições gravadas há pelo menos 15 anos e, como cantor, há dez não deixa passar ano sem um disco de qualidade. O penúltimo, *Samba Pras Moças*, de 1995, ultrapassou a casa das 250 mil cópias vendidas. O último já saiu do forno de lenha com mais de cem mil. Nele, Zeca atinge seu ponto mais alto. E ninguém, virado redondo »

ou em sã consciência, espera que ele pare

Está cantando cada vez melhor. Não vou escrever aqui que Zeca Pagodinho faz o elo entre Velha Guarda e modernidade porque isso é uma tolice que se convencionou dizer por aí. Aos 37 anos, Jessé Gomes da Silva Filho é Velha Guarda. É só escutá-lo falar com carinho e ternura de Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaça, o falecido Manacéa, Antônio Fuleiro. Basta ouvi-lo cantar "Vivo Isolado No Mundo", do portelense Alcides Dias Lopes, o Malandro Histórico fazendo-se acompanhar no coro por Monarco, Casquinha, Argemiro, Jair, Davi, Cabelinho, Doca, Surica e Eunice. Ou deixá-lo fluir solto na cadência do partido alto "Colete Curto", de Tio Hélio e Nilton Campolino, ambos da Serrinha.

Ligadão em família com a prole: Helisa, Louis e Eduardo

Envolvente no pagode "Deixa Clarear", aliás título de seu novo CD. Romântico na faixa que já se faz tocar sem parar nas rádios, "Verdade", da dupla baiana Nelson Rufino e Carlinhos Santana.

O bem-amado Zeca só reclama do uísque que lhe servem: "Só me dão bola de gude"

E mudado na única música inédita que assina (em parceria com Jorge Aragão), "Não Sou Mais Disso": "Eu deixei de ser pé-de-cana/Eu deixei de ser vagabundo/Aumentei minha fé em Cristo/Sou bem-quisto por todo mundo/(...)/Não perco mais o meu compromisso/Não perco mais uma noite à-toa/Não traio e nem troco a minha patroa". É isso mesmo? "Vamos esclarecer as coisas", chama Zeca. "Quando fiz esse samba tava de ressaca. Eu ando realmente mais calmo. Mas não quer dizer que amanhã, não dê uma desencapada."

Que siga em frente dando choque. Para cada frase que Zeca manda, se levanta da mesa dez vezes. O sujeito não para quieto. Vai na cozinha buscar pudim para acompanhar a cerveja.

"Eu gosto de uísque, mas depende de qual. Só me dão bola de gude. No outro dia todas elas ficam carambolando na minha cabeça."

Explica que é Portela, também de leve, que nunca compôs um samba-enredo, por achar o processo de escolha muito do filho da puta. Fez apenas um pro bloco Xuxu Beleza do Irajá, há tempos. Se levanta de novo, para mostrar um formigão andando na terra. Mais uma vez para apontar um ninho de sanhaço que nasce na mangueira. Os filhos adoram essa movimentação louca dessa pilha acesa, vinda de quem diga-se de passagem.

"Quem soltou aquela cachorra? É a Jasmim ou o Tobi? Ela não pode ficar solta!"

Segundo suas próprias contas, Zeca Pagodinho tem 437 primos. Amigos de infância, vão pra mais de 751. Mulheres, 42. Ele conhece todo mundo, ou melhor, todo o mundo o conhece e, ao vê-lo pela primeira vez, se sente logo íntimo. "Dá vontade de perguntar pro cara se ele já me deu um pouquinho."

Depois do desabafo, vem o negror da noite em Xerém. As estrelas desaparecem bruscamente, as nuvens acabam por tomar todo o céu. Louis, o filho do meio, coça os olhinhos de sono. A menor, Helisa, abre o berreiro lá dentro. Eduardo, o chefe da trupe, já terminou o dever de casa e exige atenção do pai. Tá bom, tá. Vamos ver aquela comédia no vídeo, filhão.

Bonito, malandro, mas da próxima vez não vou dar mole com meu isqueiro.

Beck
babado é coisa nossa

O incensado geniozinho alternativo trata com intimidade a bossa-nova

Cinderela pós-moderna, revolucionário, gênio, herói, miraculoso, primavera californiana... Estes são alguns dos adjetivos, convenhamos, às vezes ridículos, que publicações gringas usam ao se referir a Beck Hansen, 26 anos, pouco mais de 1,60 metro, 50 quilos. Beck, como é conhecido nas bocas o tal rapaz, começou a ficar famoso, ironicamente, pelos versos "Yo soy a perdedor/I'm a loser, baby/ So why don't you kill me" da música "Loser", de seu álbum *Mellow Gold*, de 1994. Dois anos depois daquele trabalho, reconhecidíssimo pela crítica, o geniozinho surpreendeu a todos que imaginavam ser impossível gravar um álbum do mesmo nível: *Odelay* vem sendo aclamado como marco histórico da música americana. Exagero? Não.

Assim como seu som, cuja definição mais próxima seria um mix de folk-rock-jazz-funk-punk-bossa – embora definir com exatidão seja impossível – sua personalidade não se enquadra em nenhum estereótipo da juventude anos 90. "Não me sinto como parte dessa geração de vinte e poucos anos. Nossos pais passaram uma bagagem que não está sendo aproveitada pelos filhos. É difícil aprender alguma coisa com as pessoas da minha idade. As de 40 e poucos anos têm muito mais a dizer. Até porque a geração dos »

O ídolo das platéias alternativas dos EUA não troca a modernidade por um bom João Gilberto

Criado por um padrasto mexicano, Beck diz que sua vida passou longe dos clichês da juventude dourada da Califórnia

"A bossa-nova é complexa e simples, como uma flor. E tem letras incríveis"

anos 60 foi tão legal que continua inspirando nossa época. A gente se inspira tanto naqueles bons tempos que acaba com medo de criar. Estamos passando por uma fase difícil. Sem sinceridade, não conseguiremos uma identidade própria", discursa o menino-prodígio via Embratel, com toda a razão do mundo.

Beck pode ser interpretado como puro fruto da contracultura californiana dos anos 60: é filho de uma frequentadora assídua da Factory de Andy Whahol (que chegou a ser atriz em filmes do artista pop) e de um escultor escandinavo de certo renome na época. Mas, como foi criado pelo padrasto mexicano – também artista alternativo" –, não aceita essa redução. "Não me considero um californiano típico, nem minha música é típica da Califórnia. Não cresci e nem moro perto da praia. Sempre morei numa área que é o próprio anti-glamour de Los Angeles, cheia de mexicanos. Cresci numa grande família mexicana."

Aos 18 anos, sem terminar o colégio, montou a mochilinha e se mandou para Nova York. "Foi uma grande experiência atravessar o país e ver o outro lado... Tive não sei quantos subempregos tocava na rua para ganhar uma grana. Foi quando comecei a me distanciar do folk puro e me aproximar de outras manifestações musicais." Mas é desde pequeno que Beck ouve coisas "exóticas". Ele cresceu tendo como disco de cabeceira *Getz/Gilberto*, clássico da bossa-nova. 'Readymade", faixa de *Odelay*, contém samples de "Desafinado". "Cresci ouvindo este disco, adoro Tom Jobim e João Gilberto. Também adoro Jorge Ben e Caetano Veloso. Há uns seis anos, morei com um amigo que passou seis meses no Brasil. Quando ele voltou, já entendendo um pouco de português, pedi que traduzisse várias letras. Achei todas incríveis. Mas acho que não sou capaz de tocar bossa-nova. Se eu praticar muito no violão, talvez... As melodias e as harmonias são muito complexas. A bossa é complexa e simples, como uma flor."

Tudo que sai da boca de Beck vem envolto num misto de inteligência-blasé e papo-cabeça-alternativo. Mas se engana quem imagina que, só porque faz um som "viajandão", o cara seja um lesado. "Vocês chamam maconha de Beck?", pergunta ele assustado. E logo completa: "Algumas pessoas associam minha música com a cultura das drogas porque dizem que ela é boa de ouvir quando se está chapado. A maioria das minhas músicas não é influenciada por drogas! Minha música às vezes soa um pouco estranha, mas isso não significa que eu componha sob efeito de drogas. Os dias de hoje são tão surreais que você nem precisa de drogas para viajar. Eu gosto mesmo é de um bom vinho tinto, de preferência italiano ou francês." Esquenta na medida certa.

O finalzinho de 1996 foi mais que proveitoso para o cantor e multi-instrumentista (em *Odelay*, ele canta e toca violão, guitarra, baixo, bateria, percussão, vários teclados, clavinete e celeste). Depois de chamá-lo de "meu herói", Noel Gallagher, do Oasis, resolveu dar uma de produtor de Beck, mixando seu single "Devil's Haircut". O jovem recebeu o prêmio da MTV de "Artista-Revelação" e foi capa de várias revistas. Mas a fama não o assusta. "Isso vem e vai. Ano que vem já vai haver outro artista de quem todo mundo estará falando. Não tenho ilusões sobre o sucesso. É um jogo, um jogo maravilhoso e de certa forma um reconhecimento. Tento me concentrar no meu trabalho, continuar fazendo o que eu gosto, ganhar meu dinheiro, passar numa loja para comprar meu leitinho e ir pra casa dormir." Sonha com os anjos, baixinho...

Pra você que tem reggae nas veias.

GRÁTIS
CD DE REGGAE

NAS BANCAS

APOIO
TRANSAMERICA

REVISTA
SHOWBIZZ
ESPECIAL

Mr. Soul

Isaac Hayes, lenda viva da música negra norte-americana, conta sua história

Isaac Hayes pode não ser um ídolo pop. Mas poucos nomes foram tão importantes e influentes nos sons que se ouve hoje pelo planeta. Autor de alguns dos maiores sucessos da era de ouro do soul ("Hold On, I'm Coming" e "Soul Man", entre outras), ele revolucionou a música negra nos anos 70 através de arranjos sofisticados e com toques psicodélicos. Também inventou moda gravando ao microfone aquelas palavras românticas que os amantes sussurram ao pé do ouvido – idéia que rendeu muitos hits para Marvin Gaye e fez a fama de Barry White. E, claro, compôs, arranjou e regeu o tema de *Shaft*, uma das mais inesquecíveis trilhas sonoras do cinema.

Aos 56 anos, muito alto e com simpatia de artista iniciante, ele gastou a inconfundível voz de travesseiro numa longa entrevista à SHOWBIZZ. A conversa, ou melhor, a aula aconteceu num hotel paulistano, durante a passagem de Hayes pelo Brasil, por ocasião do Free Jazz.

E então, seu candidato a presidência dos Estados Unidos era mesmo Bob Dole, que usou "Soul Man" como jingle?

(*risos*) Claro que não! Eu nem sabia dessa história. Soube quando uma jornalista me ligou querendo saber por que eu havia cedido "Soul Man" para Bob Dole. Foi quando descobri que Sam Moore (*da dupla Sam & Dave, interpretes deste e de outros sucessos da soul music*) recebera uma grana para autorizar Dole a usar a musica. Mas meus advogados vão deixá-los a par da minha indignação. »

Isaac, careta no mundo do psicodelismo: "Não uso drogas. Minha viagem é a música"

Inventou o soul psicodélico e foi o primeiro artista n

"Na verdade, eu comecei a fazer música porque queria conquistar as mulheres"

[illegible]

No começo era legal. Depois, veio o sucesso e todos os problemas que ele acarreta: drogas, egos inflados, brigas pelo dinheiro... Foi horrível!

[illegible]

Nunca tomei drogas. Não bebo nem café. Meu barato sempre foi curtir música, *viajo* tocando. O músico que toma drogas perde a autocrítica. Ele pode estar malíssimo, mas as drogas o fazem achar que está arrebentando!

[illegible]

(*finge estar bravo*) Quem disse isso? É mentira! Gosto de feijão preto e posso te dar milhões de utilidades desse tipo de comida. Propriedades sexuais, nunca! O máximo que ele pode produzir no seu corpo são gases (*risos*)!

[illegible]

A minha história na música começou em 1962, quando saí do colegial. Ganhei sete bolsas de estudo, mas não aproveitei nenhuma, porque precisava de um emprego – tinha mulher e filha para sustentar. Fiz um teste no estúdio e logo me aceitaram, gravei um single que vendeu só três cópias! Depois me arrumaram emprego numa banda como tecladista. Eu nem sabia tocar teclado! Minha sorte foi que o primeiro show rolou no Ano Novo, só para bêbados. A banda era um horror, mas o dono do bar, que só podia ser o mais bêbado de todos, nos convidou para tocar regularmente. Então, cada noite eu ia aprendendo algo novo nos teclados.

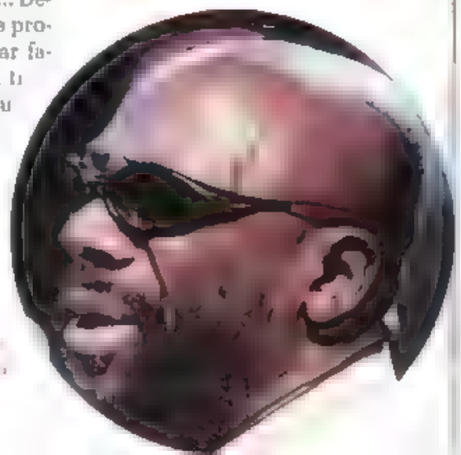
[illegible]

Eu já me imaginava como cantor desde o colegial. Queria conquistar as mulheres ficar perto delas... Com o passar dos anos fiquei mais sério e tentei diversas áreas: blues, jazz, gospel, pop... Depois de tanto escrever e produzir – a ponto de ficar famoso na área – resolvi tirar vantagem disso. Meu primeiro álbum, *Presenting Isaac Hayes*, não foi muito certo. Vendeu apenas três cópias! Mas o segundo (o *clássico* Hot Buttered Soul) vendeu bem mais.

[illegible]

Jazz, blues, gospel e clássicos. O disco tinha um lado funk com tendência clássica. Além disso, o que eu tinha pra falar não cabia em dois minutos e meio! Meu objetivo era fazer um disco artístico, mesmo que não vendesse. Foi um sucesso! *Hot Buttered Soul* foi o melhor álbum que fiz até hoje e o primeiro em vários aspectos, o primeiro a ter faixas longas, o primeiro com funk dramático. Foi um disco que abriu mercado para a música negra. Queria atingir a alma das pessoas através dos assuntos e dos arranjos. A fórmula funcionou: os DJs deixavam "By The Time I Get To Phoenix" (*18 minutos e 40 segundos*) rolando e iam transar com as namoradas. Muitos perderam o emprego por minha causa! As pessoas diziam que minha música era responsável por terem se apaixonado, veteranos do Vietnã me escreveram dizendo que não teriam aguentado a guerra se não tivessem ouvido certas canções. Isto é o que importa: consegui alcançar o público, mesmo com meus três primeiros álbuns tendo quatro faixas, duas de cada lado.

[illegible]



egro a ganhar o Oscar

[illegible]

Adorei! Os irmãos Hughes (*diretores de* Dead Presidents) vieram me pedir permissão para usar "Walk On By". Eu disse: "Tudo bem, desde que ela apareça numa parte legal do filme." (*risos*) E eles a deixaram para o final, ficou linda!

[illegible]

Eu sempre quis fazer filmes, era ator de teatro na escola. Mas só me arriscaria no cinema depois de famoso. Meu primeiro filme foi *Three Tough Guys*. Em seguida, trabalhei em *Truck Turner* – eu explodia 13 pessoas, entre elas a comandante Uhura de *Jornada Nas Estrelas*. Fiz pelos menos 28 filmes – participei até de um episódio do seriado *Flipper*!

[illegible]

Não, era Hollywood que estava mal das pernas. Alguém foi inteligente o bastante para perceber que havia mercado para o público negro. Então fizeram um filme em que o diretor, o herói e o compositor eram negros. Se tivessem continuado a investir nesse gênero, talvez o mercado fosse maior. Mas infelizmente houve um buraco, um vácuo muito grande entre *Shaft* e Spike Lee.

[illegible]

Meu programa de rádio vai ao ar das 6h às 10h da manhã na Kiss FM – 98,7. Eu gosto de alguns caras novos. D'Angelo, que esteve na emissora e fez questão de me cumprimentar; Lauryn Hill, vocalista dos Fugees, e a minha filha! Sim, ela é uma excelente cantora! O disco dela deve sair em fevereiro.

"Os rappers deveriam aprender música. Senão, o que eles irão samplear no futuro? Os próprios samplers?"

[illegible]

Eu não gosto muito de hip hop, mas consigo entender por que existe esse tipo de música. O rap surgiu quando o governo americano cortou verbas para os programas de arte. Os jovens queriam aprender música, mas não tinham instrumentos. Por isso começaram a experimentar o sampler. E as gravadoras enxergaram no rap um belo potencial comercial. Eu sempre falo para os jovens – rappers ou não – aprenderem algum instrumento. Senão, qual será o destino da música? O que eles vão samplear no futuro? Os próprios samplers?

MTV em off

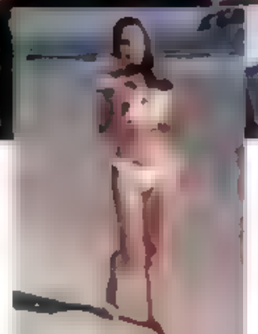
banho de mar

João Gordo cospe nas cobranças de rebeldia punk para curtir uma praia bacana e apresentar o *Suor MTV* ao lado da VJ Sabrina

Vida de punk é difícil... João Gordo que o diga. Enquanto o sol queima pra valer, o pobre coitado está de chinelão e bermuda com a árdua tarefa de viajar pelo estonteante litoral brasileiro ao lado da não menos estonteante VJ Sabrina, em trajes sumários. Todo esse sacrifício é para gravar o *Suor MTV*, programa que vai ao ar de segunda à sexta-feira, das 13h às 15h, com reprises às 7h e às 0h30.

Com um texto totalmente improvisado, João Gordo garante a atitude radical. Sem perder o bom humor, é claro. Chegando junto da galera que está na praia, ele faz perguntas absurdas e bota neguinho para pagar mico rolando molhado na areia, usando nariz de palhaço. **"Todo programa é um absurdo! Sacaneio, sou sacaneado.. Invento tudo na hora, sabe? Pô, penso rápido pra caramba!!!"**, conta, orgulhoso, o apresentador fofão. Ele garante que o calor na moleira não atrapalha tanta agilidade mental. E o sol quente não queima a pele paulista cheia de tatuagens? "Uso Sundown 50, tudo bem... Mas até o fim do Carnaval vou estar o maior negão!", brinca depois de um dia nas praias de Búzios, no Rio.

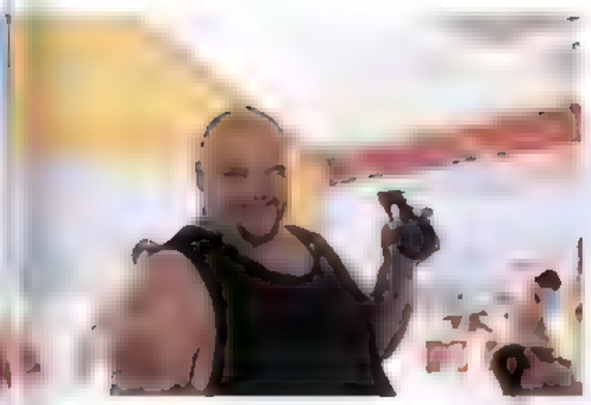
João Gordo encara a câmera e desencanta: "Pô, penso rápido pra caramba!"; *(no detalhe)* Sabrina encanta



Dono de um humor inabalável (também pudera...), João Gordo é a prova viva de que o clichê do punk taciturno e revoltado ficou no passado. **Ele está andando para as acusações de "traidor do movimento". "Desde 1983, eu ouço essa história. Na verdade, a gente só vive o movimento mesmo na Europa, onde fazemos shows nos lugares mais absurdos."**

Sobre o episódio que o colocou nas primeiras páginas dos jornais – a expulsão do prefeito eleito do Rio, Luis Paulo Conde, do Circo Voador –, Gordo desmente a versão divulgada pela mídia. "Eu não sabia o que estava acontecendo... Falaram que o prefeito ia aparecer no show e achei que era o Perfeito Fortuna, o dono do Circo Voador! No palco, me falaram que tinha um político vendo o show, falei qualquer coisa e a molecada se empolgou. Molecada mesmo, porque não tinha punk no lugar, só adolescente! Só fui saber que o tal do prefeito era o Conde no dia seguinte. Pô, nem conheço o velho!"

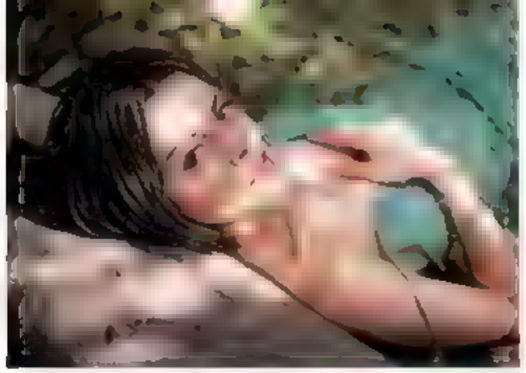
João Gordo também mantém a calma ao falar dos Sex Pistols. "O Close Up Planet *(festival realizado no Rio e em São Paulo no fim de novembro)* foi legal, os melhores shows foram os do Bad Religion e do Silverchair (!!!). Os Pistols, eu vi do palco e posso garantir: atitude mesmo só o Steve Jones. O John Lydon lia as letras grudadas no chão! Pô, tem que ter tesão, tocar só por dinheiro não dá! Mas como foram eles que inventaram tudo isso têm todo o direito de voltar."



Gordo se refresca mas não dá refresco: faz os banhistas pagarem um mico federal e ataca Sabrina em momento Orca, a baleia assassina

João Gordo gostando de Silverchair? Sinal dos tempos... "É, a gente tem que se adaptar. É isso aí! Ser punk não é comer merda! O trabalho tem que ser remunerado. Tô meio coroa pra brincar de revoltadinho... A minha consciência e o espírito são punks. Isso é o que interessa."

De bem com a vida, o apresentador quer mais é ser feliz. "É um puta astral gravar o *Suor*. A gente ri o tempo todo e trabalhar com a Sabrina é muito bom porque, além de gente fina, ela é a maior gatinha...", derrete-se o fofão.



Na onda salsa e merengue, Andreia Marques, vocalista da Orquestra Heartbreakers, dá show de ritmo e molejo

¡ay Caramba!

por CLAUDIA GRECO — com FÁBIO GABRIEL

Ô Maria, se liga aí, que salsa e merengue de verdade – da boa – vai muito além do menudón Rick Martin e de *um pasito pa tras*. E não precisa se meter num pacotão com vôo fretado da Acho-Vai-Cair Turismo para o Caribe pra encarar o molejo do bom. Aqui mesmo, pertinho, você encontra a Orquestra Heartbreakers, que além de fazer salsa de classe, conta com a presença da cantora Andreia Marques, este 777 que tem partido corações todas as sextas-feiras, na noite em que a Orquestra se apresenta no Blen Blen Club, em São Paulo. Ah, você mora em outra cidade? *No problem*. Os Heartbreakers lançaram seu primeiro disco pela gravadora Eldorado, em 1988, e, este mês, lançam *Salsa Brasil*, o novo CD, gravado depois que o grupo voltou de uma bem-sucedida turnê pela Europa. O rolê pelo Velho Continente, aliás, rendeu também um disco só com músicas de Lupicínio Rodrigues, Noel Rosa, Pixinguinha e outros bambas da música brasileira da antiga, que deve sair por lá em março.
E vem mais coisa fina por aí. Enquanto isso, Andreia, cheia de gás,

Guga Stroeter *(agachado, à esq.)* toca vibrafone e é o band-leader dos Heartbreakers

prepara-se para lançar ainda em janeiro seu primeiro álbum solo. "O CD tem muito samba com violão e pandeiro, salsa, música cubana e MPB", conta Andreia sem deixar de revelar que o disco está lotado de feras também. "O Marcos Suzano fez quase todos os arranjos de percussão. Tem duas músicas do Caetano, uma do Luís Melodia e outras de gente muito boa, como Lenine e Matolli", completa a futura percussionista
Percussionista? Sim, Andreia já vem pegando nas baquetas há um ano e tem aulas com Mestre Dinho, uma lenda viva dos percussionistas brasileiros (tocou com Rita Lee, Gal Costa, entre outros). Em breve pretende mostrar toda sua categoria ao vivo. "Já já vou poder atacar a percussão nos meus shows." É esperar pra ver.

Produção MARIANE JILEK. Beguim e Vestido SIGA A SETA. Locação: Bar e Restaurante Ilha

ONZE PERGUNTAS

Greg Gaffin

Ex-professor de biologia e amigo de Eddie Vedder, o vocalista e fundador do Bad Religion dá uma geral no punk atual

Como fundador de uma banda punk que sobrevive há 16 anos, você se sente um mito?
Sempre quis ser uma influência para meu público e não um ídolo. Por isso fico fora do *mainstream*: não dou a menor importância para valores impostos pela sociedade.

Você se vê como um cara importante no rock?
Não me sinto importante pelo punk, aliás, nunca ninguém me deu muita importância. Sou um verdadeiro alternativo.

Dizem que o Green [illegible] punk. O que você [illegible]
Música é para ser reinventada. A questão é como se reinterpreta. Na minha opinião, o Green Day e o Offspring não são meras cópias, eles conseguem ter algo particular.

A volta dos Sex Pistols muda o cenário punk atual?
Eles não têm esse poder todo. O verdadeiro punk se posiciona no mesmo patamar do público, isso é, comunicação honesta. Não tem nada a ver com a sensação pop/fashion criada pelos ingleses. Há diferença entre ideologia e egocentrismo.

O Bad Religion saiu da Epitaph por dinheiro?
Não saímos da Epitaph por grana, já tínhamos o suficiente... o que não significa que estejamos ricos. Hoje, na Sony, os nossos discos são muito melhor distribuídos.

O guitarrista e co-fundador da banda, Brett Gurewitz, deixou o Bad Religion porque vocês saíram da Epitaph?
Era uma questão de escolha: ou o Brett continuava com a gente, ou dava mais atenção à Epitaph. Ele foi sensato, com a sua saída do Bad Religion, a Epitaph cresceu e Brett ficou mais flexível para cuidar das outras bandas...

Você vem declarando interesse pela música folk americana. Isso quer dizer que você também está mais flexível?
Sempre me interessei por folk music, que se iguala ao punk porque divide experiências com o público. O que se ouve no rádio hoje em dia são ritmos e não melodias. E melodia é fundamental tanto no folk quanto no punk.

Eddie Vedder é muito seu amigo... O que você acha do Pearl Jam?
Acho o Pearl Jam uma banda especial e prefiro considerá-la à parte da cena grunge... Eu e Eddie temos uma filosofia de vida muito parecida, ele é um profundo pensador...

E vive meio recluso...
O mistério é essencial para criar um popstar, o que acabou afastando Eddie das pessoas. A minha vantagem é que não me sinto tão intimidado para expor minhas idéias, o que me deixa mais livre para alcançar as pessoas. E eu ADORO conhecer pessoas...

Como você encara o sucesso?
O sucesso leva muitos artistas a pensarem que foram escolhidos por Deus para concentrarem poder – o que, aliás, não é o caso de Eddie Vedder. Mas o poder do artista está em suas idéias, não no sucesso, que passa cedo ou tarde. Não consigo acreditar que isso venha de Deus. Eu nem acredito em Deus.

Por que você escolheu o nome Bad Religion?
Hoje, acredito que a religião ruim é uma mera metáfora para o dogmatismo. Mas, pra falar a verdade, na época em surgiu o nome, eu era um moleque de 15 anos que nem sabia o significado de dogmatismo. Eu queria mesmo era encher o saco dos adultos.

"Eu e Eddie Vedder temos um filosofia de vida parecida. Mas eu ADORO conhecer pessoas..."

Stamp Rock Wear

PRODUTOS OFICIAIS — FABRICADO NO BRASIL — FABRICADO SOB LICENÇA

ESTAMPAS APROVADAS PELAS BANDAS

ALTA QUALIDADE

TAMANHOS P. M. G

RECEBA PELO CORREIO

PAGUE AO RETIRAR

TS 200
IRON MAIDEN

TS 201
DOORS

TS 202
LED ZEPPELIN

TS 203
RAMONES

TS 204
PINK FLOYD

TS 205
PANTERA

TS 206
DOORS

TS 207
JIMI HENDRIX

TS 208
IRON MAIDEN

TS 209
LED ZEPPELIN

TS 210
PANTERA

TS 211
DOORS

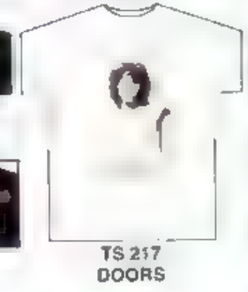
TS 235
MADONNA

TS 213
DOORS

TS 214
IRON MAIDEN

TS 215
RAMONES

TS 216
LED ZEPPELIN


TS 217
DOORS

TS 218
IRON MAIDEN

TS 219
BIOHAZARD

TS 220
DREAM THEATER

TS 221
PRIMUS

TS 222
HOLE

TS 236
BIOHAZARD

TS 224
MADONNA

ATENÇÃO.: É PROIBIDO O USO DE TODA E QUALQUER IMAGEM DOS ARTISTAS AQUI VEICULADOS. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS AS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI.

FABRICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE WINTERLAND PRODUCTIONS. EXCETO "SEPULTURA" SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE BLUE GRAPE.

TS 225
DOORS

TS 226
RAMONES

TS 227
PINK FLOYD

TS 228
LED ZEPPELIN

TS 229
DOORS

TS 237
PANTERA

TS 231
LED ZEPPELIN

TS 232
DOORS

TS 233
LED ZEPPELIN

TS 234
BEASTIE BOYS

TS 238
SEPULTURA

TS 239
SEPULTURA

TS 240
SEPULTURA

TS 241
SEPULTURA

R$ 22,00
CADA CAMISETA

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.

LOJAS STAMP

AV. S. JOÃO, 439 - 2º A. - LJ. 337 - S. PAULO - SP - TEL.: (011) 222.9584 - GAL. ROCK
RUA 24 DE MAIO, 115 - TÉRREO - LJ.32/33 - SÃO PAULO - SP - TEL.: (011) 222.7015

RIO DE JANEIRO: REPRESENTANTE / PRONTA ENTREGA
ROCK'N'ROLL AV. AYRTON SENNA, 3000 - LJ 1012 - 1º PISO - B DA TIJUCA
VIA PARQUE SHOPPING - TEL.: (021) 385-0312

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU CÓPIA PARA STAMP:
RUA HELIODORA, 321 - 02022-061 - SÃO PAULO/SP

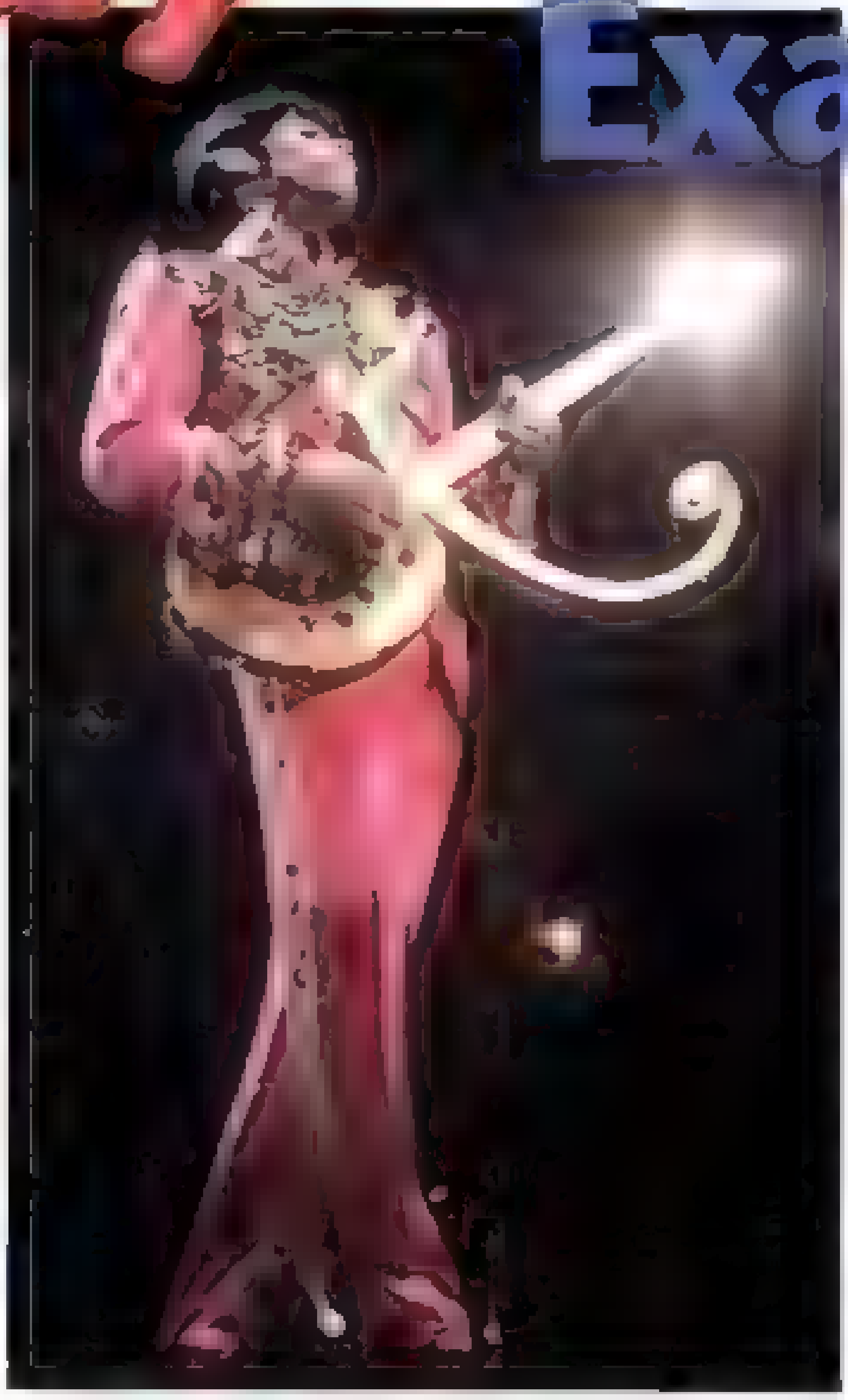
- NOME: _____
- END: _____
- CEP: _____ CIDADE: _____ EST: _____
- TEL: _____ ASSINATURA: _____

REF:	TAM:	REF:	TAM:	REF:	TAM:

VALOR TOTAL, R$ _____ + FRETE

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Importado

Exagerado



PRINCE
Emancipation
NPG Records/EMI

Prince morreu. Suicídio. Meio Lázaro, ele se levanta impronunciável. O ex-Prince volta com o melhor daquilo que tinha na encarnação anterior. Depois de se livrar de um contrato que o tornava "escravo", lança um CD triplo, que pouca gente pode comprar. Quando ainda era Prince, ele recolheu um disco na praça, o *Album Preto*, e houve quem pagasse até 2,5 mil dólares pelo vinil! Mas aqui é a música do sujeito que interessa.

Nesse quesito, "o coisa" arrebata o ouvinte. Há tempos que ninguém apresenta um som assim tão ambicioso e bem-sucedido. "Jam Of The Year", que abre o álbum, tem tudo o que Prince costumava fazer de bom, mas que nem ele mesmo parecia capaz de repetir. Talvez esse talento incubado explique o "suicídio".

Mas o disco, triplo, vale o quanto pesa? Vale até o dobro para quem gosta de Prince. Se fosse um disco só, seria o disco do ano. Só que há coisas demais no CD triplo e algumas não fariam falta se tivessem ficado na gaveta. É um disco excelente, apesar da megalomania. Porque ninguém, hoje, é capaz de oferecer tanto material com letra, melodia, arranjo, produção e – só para humilhar – uma voz como a de Prince. "O coisa" ainda é o que há.

CELSO MASSON

WEEN
12 Golden Country Hits
Elektra/WEA

Pecado [illegible] e sem graça

• Os franceses [illegible] expressão para definir o que o Ween fez em *12 Golden Country Hits*: um "pecado menor", que deve decepcionar até os mais ardentes admiradores do poder tônico da banda, mas que também não vai [illegible] para sempre [illegible] curtir dos deles. O Ween sempre foi [illegible] escola do rock esculhambado [illegible] Já no excelente *Pure Guava* eles mostravam que tinham potencial. Mas até [illegible] [illegible] eles exageraram. A impressão de que só eles estão se divertindo aumenta a cada faixa que você escuta.

Quem [illegible] nero pode até se divertir com "Mister Richard Smoker" ou "Help Me Scrap The Mucus Off My Brain", [illegible] de fato [illegible] ressante [illegible] para entrar na melancolia [illegible]

Mas, como [illegible] se queneia de piadas, o melhor é esperar a próxima.

ZECA CAMARGO

VIRNA LISI
...Se Cerca Vira Hospício
MCA

Bombril na distorção

• Na virada da década [illegible] fornada de rock pesadão com outros brasileiros consagrados por Raimundos e Chico Science [illegible] se esbaldam na combinação de guitarras distorcidas com instrumentos de percussão patrocinada pela moçada do Virna Lisi.

Cultuado por um círculo restrito de antenados, o grupo viveu uma grande fase na base de um músico semi-anonimato, feito de apresentações em botecos e festivais independentes. Mas os [illegible] discos capturados pela Tribo [illegible] para provar do que esses [illegible] eram capazes [illegible]

Bom, agora o Virna cresceu [illegible] se. É isso que mostra *Se Der a Louca Vira Circo, Se Cerca Vira Hospício*, seu primeiro lançamento por uma gravadora falada, a MCA. A nova fase mantém, sim, a pulsação, a energia da anterior, mas optou por passar um bombril na sonoridade [illegible] estrago nos ruídos e por tender uma boa lustradinha nos arranjos, embutindo certos [illegible] quetais. Amadurecimento? Espera-se que não. No rock, amadurecer é, quase sempre, burocratizar. E espontaneidade não é coisa que se compre em garrafinhas por aí.

FERNANDO NAPOLI

SPICE GIRLS
Spice
Virgin

Menudo de saias

• Há pelo menos cinco motivos para se gostar das Spice Girls: Emma, Melanie B, Geri, Victoria e Melanie C na ordem que você achar melhor. Todas lindas e altamente desejáveis. Cantam músicas fáceis e dançam coreografias de quinta categoria. Podem ser [illegible] Menudo para homens, mas não são tão ruins. Elas fazem questão de ser comerciais. Junto com o CD, vem um encarte de produtos Spice Girls. Recomenda-se o pôster em que elas aparecem em maiô estilo *Baywatch*. É tão devastador quanto o rap (!) do ex-minista "Wannabe", single que vendeu mais de um milhão de cópias. "If You Can't Dance" e "Who Do You Think You Are" têm o mesmo potencial de aderir ao ouvido alheio. Não existe nada mais pop do que Spice Girls.

FERNANDO LUNA

ORQUESTRA PIXINGUINHA
Pixinguinha 100 Anos
Rioarte

O gênio como merece

• Um gênio de estatura planetária como Pixinguinha tratado com o cuidado e o talento que merece por Henrique Cazes. Depois de armar um dream team nacional, a Orquestra Pixinguinha, ele reconstruiu os maravilhosos arranjos da sempre feliz e elevada música do autor de "Carinhoso" (é um pecado reduzir o artista assim, mas vale a referência para quem chegou agora no mundo).

Tinhoso, Henrique não ficou só nos standards brasileiros ("Vou Vivendo", "Segura Ele"): inventou até um entroncamento Pixinguinha-Scott Joplin. Banda é isto aqui: o resto é grupinho. E quando rola um espacinho para a voz de Wilson Moreira (em "Benguelê" e "Festa de Nanã"), puxada dos anjos do gogó, a Orquestra é simplesmente tudo.

PEDRO SÓ

CHRIS ISAAK
Baja Sessions
Reprise/WEA

Baja dos milagres

• Chris Isaak fugiu para Baja, um lugarejo cheio de cactos, areia e mar azul, e cometeu um dos grandes discos de 1996. *Baja Sessions* com três faixas inéditas, covers e regravações de músicas do próprio artista, é um monumento à não-novidade.

Chris Isaak faz-se híbrido de Buddy Holly, Roy Orbison e Elvis Presley. "Pretty Girls Don't Cry" e "Yellow Bird" repetem a ingenuidade saltitante de Holly. "Dancin'" e "Two Hearts" têm o falsete mais bonito do planeta [illegible] tentam a ele a melancolia de Orbison. "Sweet Leilani" e "Down Mexico Way" [illegible] nam [illegible] de Elvis e [illegible] dos Everly Brothers. Se os [illegible] de gravadora descobrirem que Baja faz releituras superarem os originais, o lugarejo vai ficar superpovoado.

PEDRO ALEXANDRE SANCHES

Deusas no teste do gogó

O disco de Dora Vergueiro parece coluna social: a moça é neta do crítico e escritor Antonio Candido, filha do compositor Carlinhos Vergueiro e sobrinha do pianista de jazz Guilherme Vergueiro. Chico Buarque fez a letra da música tema do CD. Ruy Castro assina o texto para imprensa. Para completar, ela mesma se definiu numa entrevista: "Sou uma cantora na Elite Models". Clara Moreno não perde em pedigree: na infância, foi até tema de canção. Todo mundo lembra dos versos "Clara, Ana e quem mais chegar. Água, terra, fogo e ar", cantados por Joyce, mãe da moça. Clara freqüentou todos os corais infantis dos anos 70. Vanessa Barum é casada com o bofe Marcos Palmeira.

Dora Vergueiro não tem timbre especial, mas se beneficia de uma produção cuidadosa, ótimos músicos e um repertório bem escolhido, que não ressalta a fragilidade da voz. E "Leve", a tal letra de Chico, está entre as melhores composições recentes do autor. Clara Moreno estréia num trabalho menos pretensioso, um dance light com jeito para Fernanda Abreu. Tirando uma versão exótica de "Detalhes", o disco é agradável e tem até surpresas, como as versões de "Partido Alto" (Chico), "O Sol Nascerá" (Cartola, Elton Medeiros) e "Canoa Canoa" (Nelson Angelo, Fernando Brandt).

Vanessa Barum não é cantora, não canta e não sabe cantar. O adjetivo para o disco é "ridículo". Ela dá uma idéia de onde pode parar a onda de gostosas gravando discos quando solta seu trinado na versão do horroroso sucesso italiano: "Bellissima".

EVON PAVANO

VANESSA BARUM
Vanessa Barum
Virgin

CLARA MORENO
Clara Moreno
Cucamonga/Castle

DORA VERGUEIRO
Leve
MCA

Clara Moreno (à esq.) e Dora Vergueiro: duas beldades que estão chegando ao primeiro LP

Filosofia que às vezes interessa

Marina é uma cantora temperamental. [illegible] tenra se trancado em casa, tomando xarope e sem [illegible]

[illegible] Duncan. Até aí, nada. O groove está mais roqueiro do [illegible] As letras seguem [illegible]

[illegible]

Mesmo com problemas na voz, Marina conseguiu gravar

COUNTING CROWS
Recovering The Satellites
Geffen/MCA
A mexida dos corvos

• Chega uma hora em que uma banda precisa se definir e dar uma sacudida. Agora é a vez do Counting Crows. Se antes eles pareciam nunca ter ultrapassado sonoramente o ano de 1972, neste novo disco buscam outras saídas, adicionando um bem-vindo peso nas guitarras. O cantor Adam Duritz parou de macaquear Van Morrison, entendendo que o que antes era novidade tornou-se um cacoete insuportável. Na linha gritosa que eles se propõem a fazer, *Recovering The Satellites* tem faixas grudentas, como "Goodnight Elisabeth" e "I'm Not Sleeping". As melodias até podem não ser muito memoráveis, mas pelo menos a banda se apresenta bem afiada e sem medo de mostrar seus possíveis pontos fracos.

Paulo Cavalcanti

PHIL COLLINS
Dance Into The Light
Warner/WEA
Exceção no deserto pop

• Nadando [illegible] do pop, Phil Collins tem contribuído para tornar o deserto pop menos árido, plantando aqui e ali um musgo verde. Infelizmente, *Dance Into The Light* é uma desagradável exceção. O novo álbum de Collins pode até ser danoso para [illegible] em geral. Começando pela faixa-título, em que o cantor descreve um mundo róseo. [illegible] "Imagine" [illegible] onde ninguém mais tem medo, todo mundo canta numa só voz, todo mundo dança com Phil e não há mais problemas. Ora, Phil, faça-me um favor!

A faixa seguinte, "That's What You Said", fala de uma mina que não cumpriu as promessas de amor eterno e seu Romeu Collins agora fica em casa se lamuriando, [illegible] os outros caras chei[illegible] rando a porta dela.

O disco tem até a redundância nos coros e nas baladas: ouça "Love Police" e "It's In Your Eyes" e comprove. Há também um tom épico falso, crítica social superficial, músicas indistinguíveis, sem personalidade. Salva-se sua boa presença na bateria, atestada em "Lorenzo" e "River So Wilde".

Jotabê Medeiros

CARDIGANS
First Band On The Moon
Mercury/PolyGram
Brega & chique

• Existem coisas que a Suécia faz melhor do que ninguém. Revista de sacanagem e banda [illegible], por exemplo. The Cardigans comprovam essa segunda habilidade. Nina Persson, a cantora, tem a voz com a qual você gostaria de ser acordado todas as manhãs. Canta [illegible] suavemente que é capaz de transformar em cantiga de ninar a legendária "Iron Man", do Black Sabbath (a versão original repousa no álbum *Paranoid*, de 1970). E isso é um elogio. O próprio Ozzy deveria se orgulhar dessa cover [illegible] perfeito da versão original (embora o mais provável seja que ele, enfurecido, [illegible] morda outro morcego).

[illegible] com coisas do tipo Yankovic ou Mike Flowers [illegible] versões bregas de "Wonderwall", do Oasis, no álbum *A Grand Piano*. Nunca. Os Cardigans não vivem às custas de paródias: das onze músicas deste terceiro disco, dez são assinadas por eles. As letras falam quase exclusivamente de amor [illegible] conseqüências desastrosas. Basta escutar a canção "Lovefool" ou "Been It" para ter certeza de que não é esse o caso. Com uma mistura de música de elevador com solos refinados de guitarra, fica difícil dizer se eles são bregas ou sofisticadíssimos. Possivelmente as duas coisas.

Fernando Luna

NEUROTIC OUTSIDERS
Neurotic Outsiders
Maverick/WEA
Steve Jones & os maletas

• Grupos formados por [illegible] integrantes de outras bandas nem sempre são garantia de qualidade. [illegible] Mad Season, que reúne parte do [illegible] grunge de Seattle. O Neurotic Outsiders é quase um caso à parte. Reunindo Steve Jones (Sex Pistols), John Taylor (Duran Duran) e [illegible] Matt Sorum e Duff McKagan, o CD homônimo poderia ser um disco solo de Steve Jones [illegible] Das 12 faixas, as cinco melhores são de autoria do guitarrista.

O álbum [illegible] de Sex Pistols-Pearl Jam-Green Day, punk-pop [illegible] [illegible] mesmo tendo [illegible] "Union" é uma balada cuja letra, de cunho autobiográfico, [illegible] dos Sex Pistols ("Sid Vicious is a clown", diz a letra). [illegible] Jones e McKagan dão um show nas guitarras [illegible] são as melhores [illegible] do CD. Esqueça [illegible] as outras faixas. *Neurotic Outsiders* é um disco de Steve Jones com [illegible] apoio.

Carlos Graieb

ISRAEL VIBRATION
Free To Move
RAS/Top Tape
Bote em dia o seu reggae

• A Top Tape está ajudando a colocar o Brasil em dia com as novidades do reggae. [illegible] cabeludo de sorriso largo, como costumam fazer por aí, está apostando em nomes célebres como o Israel Vibration, um dos trios vocais mais poderosos da [illegible]. O álbum *On The Rock*, do ano passado, saiu dia desses. Agora [illegible] *Free To Move*. [illegible] Vítimas da poliomielite [illegible] [illegible] e mostram seus [illegible]

Nada contra o reggae que [illegible] de armas e mulheres [illegible] pelo contrário [illegible] [illegible] "Mad Up", "Travelling Man", "Pretty Woman" [illegible] "Simon Bloodline" e "Mighty Negus" [illegible]

Otávio Rodrigues

VÁRIOS
Ethno Punk
Emisphere/EMI Music
Mais étnico do que punk

• Você já ouviu [illegible] tambores e [illegible] [illegible] guitarras [illegible] Robert Smith. Pois é isso que apresenta o grupo Black 47, um dos destaques do CD *Ethno Punk*, lançado pelo selo Emisphere [illegible] da gravadora EMI.

De punk, o disco não tem nada. De étnico tem tudo [illegible] Mas o que o disco propõe [illegible] rock alternativo.

É o caso do Black 47, que embora radicado em Nova York, é formado por rappers irlandeses muito ligados nas tradições de seu país. O próprio nome do grupo [illegible] político e social presente em seu discurso [illegible] grupos de world music. Black 47 [illegible] 47 [illegible] grande crise da batata na Irlanda, um dos principais [illegible] país.

Outra boa surpresa é a Suécia, que comparece com três grupos, entre eles [illegible] a mais popular banda folk do país. Hippies [illegible] seus cinco [illegible] fabricam [illegible] seus próprios instrumentos, sempre ligados às raízes da música escandinava. A faixa escolhida, [illegible] lembra uma Marlui Miranda sendo acompanhada pelo grupo [illegible] das faixas mais etéreas do disco, que apresenta ainda grupos da China, Israel, Espanha, Grécia, Japão, Polônia, Escócia, Itália, França e Brasil, representado pelos Paralamas do Sucesso com a balada "Não Me Estrague O Dia".

Celso Fioravante

Nada se cria, tudo se copia

Quando o [illegible] tem 14 anos, começa a ficar numa situação difícil. [illegible] Hendrix e Jim Morrison quando eles já eram [illegible] para ter [illegible] edições de [illegible] The Boys chegarem às lojas [illegible] lançado. Por isso [illegible] em 1996 [illegible] coisa traiçoeira. Fica a impressão de que tudo já foi inventado na música pop e [illegible] para a música da [illegible] 7 Year Bitch é inevitável dizer que [illegible] na 2ª [illegible] [illegible] que o desenho da HQ [illegible] Hernandez faça uma das melhores capas [illegible] [illegible] The Gufs [illegible] guitar band [illegible] honesto [illegible] do começo da década. Ou seja, a estas [illegible] The Gufs [illegible] de Byrds, harmonia de R.E.M. e um jeito [illegible] pós-Nirvana. Para explicar bem: [illegible] Gin Blossoms com mais [illegible] o Superdrag não consegue a mesma [illegible] nada mais [illegible] hardcore [illegible] A banda, formada por [illegible] Gorilla Biscuits, não é [illegible] para qualquer álbum do [illegible] Sugar Ray, banda de San Diego [illegible] tal. A capa [illegible] And Brownies, com uma deusa loira toda nua, é a única coisa que eles fizeram de bom. Mas eles são moleques e ainda têm tempo para descobrir se o negócio deles é mesmo rock'n'roll.

[illegible]

7 YEAR BITCH
Gato Negro
Atlantic/Continental

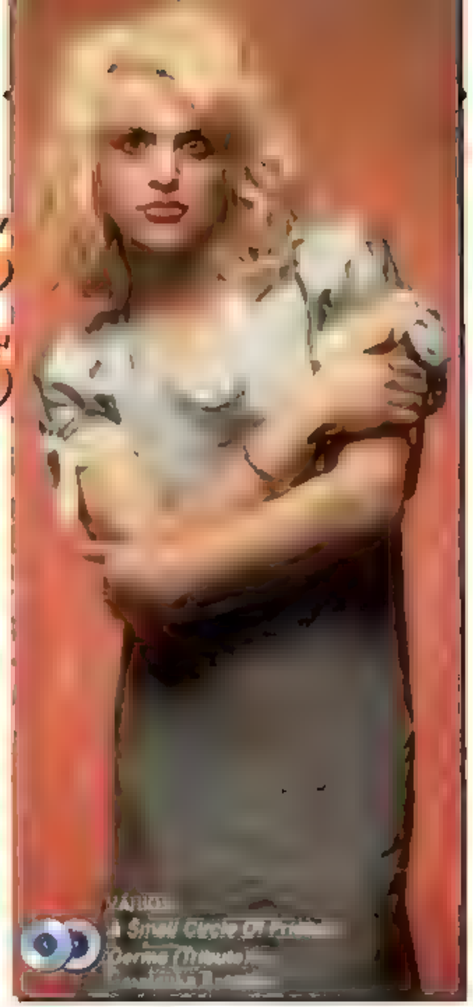
THE GUFS
The Gufs
Atlantic/Continental

SUPERDRAG
Superdrag Plays Regretfully Yours
Elektra/WEA

CIV
Set Your Goals
Atlantic/Continental

SUGAR RAY
Lemonade And Brownies
Atlantic/Continental

Toscos e desembestados



Courtney Love se destaca no tributo aos Germs

VÁRIOS
Rebirth Of The Cool
Vol. 6
O cool renasce

• A série *The Rebirth Of The Cool* volta com sede de vingança. Nenhuma canção é dispensável para entender o que está acontecendo em Londres – a cidade que leva a dance music a sério. A primeira faixa vem com letras em português. Apesar do título em inglês, "Underwater Love" do Smoke City, deve seu charme à cantora Nina Miranda. Evitando a influência óbvia da música brasileira, a canção tira ginga da própria maneira de cantar. Faz você desejar um remix.

A versão de "Ponteio" (Edu Lobo), da suspeita banda Da Lata, decepciona. Mas há vários outros motivos para você se inspirar. Desde o moderno Alex Reece, com "Feel The Sunshine", à essencial voz de Nicolette na irresistível "You Are Heaven Sent". As referências do jazz estão em "Surfin'" de Ernest Ranglin. A referência ao jungle é representada em "To Forgive But Not To Forget" do Outside (já imaginou um violino em cima daquelas batidas alucinadas? Pois então...).

O Lamb não faz feio – faz até a gente desejar um álbum deles. "Butterscotch", de Lewis Taylor, tem clima meio gospel, meio soul dos anos 70, que não justifica uma nostalgia. Mas nada captura tanto o espírito da série como o remix do Jungle Brothers para "Who Could It Be", de Luciano. Um forte clima de dub, mas aquele pianinho por trás, é bom demais. E como vai o cool renascendo, a cada instante de seus próprios novos dados.

Zeca Camargo

HUMBERTO GUESSINGER TRIO
Humberto Guessinger Trio
BMG Brasil
Engenheiros requentados

• Não dá para entender por que Humberto Guessinger zerou tudo, pegou dois outros músicos e gravou um disco em que ele não deixa a menor dúvida de quem é o cabeça dos Engenheiros. Por acaso Luciano Granja e Adal Fonseca têm estilos tão diferentes de Ricardo Horn e Carlos Maltz? Não é o que eles demonstram em *Humberto Guessinger Trio*. É um disco dos Engenheiros sem o nome da banda e com uma levada mais pesada, explicitada já na faixa de abertura "Irradiação Fóssil" ou em "O Preço". Da herança dos Engenheiros tem também os vocalzinhos de "Freud Flintstone", a citação livre do escritor gaúcho Josué Guimarães em "A Ferro E Fogo" e o verso pseudo-surrealista de "Causa Mortis" – "Você não me seduz/ Com seu jeitinho de cão andaluz."

Marcio Pinheiro

SKUNK ANANSIE
Stoosh
One Little Indian
Som para rejeitados

• Está se sentindo sozinho sem amigos? Nas peladas você acaba sempre no gol? As meninas riem de você? Agora isso tem cura. Vire um cool espalhando por aí que gosta de Skunk Anansie – sim, a banda indie londrina que escreve letras engajadas (com substitutos entre parênteses!) e tem uma vocalista negra e lésbica, a fabulosa Skin. É muuuito in ser fã de um grupo alternativo, politizado e GLS. Ou deveria ser assim.

Este disco frustrou a maioria das expectativas que o álbum de estréia, *Paranoid & Sunburnt*, havia criado. Aquele som pesado e melódico desandou em baladas arrastadas como "Infidelity (Only You)" e "Hedonism (Just Because You Feel Good)". As músicas de protesto, como "We Love Your Apathy (Essa Não Tem Subtítulo)", são tão ingênuas que poderiam ser cantadas em passeatas da UNE. Restam os vocais e riffs de "Twisted (Everyday Hurts)", lembrando que Anansie pode ser uma banda legal.

Fernando Luna

APHEX TWIN
Richard D. James
Warp
Diversões eletrônicas

• Em seu quarto álbum, o Aphex Twin – Richard D. James, o título, é seu nome verdadeiro – faz uma viagem de 32 minutos a memórias de sua infância. Pela primeira vez a sua música denota sinais de influência alheia, em alguns timbres e passagens rítmicas típicas desse gênero *drum'n'bass*. Por isso, e pela duração mais curta das músicas, é que este trabalho poderia ser chamado de o mais "acessível" do Aphex Twin. Como um cientista louco, Richard, que tem entre seus fãs Jason Newsted (Metallica), criou vários amálgamas impossíveis de samplers e noises seqüenciados. Inventou novos gêneros, ao misturar organicamente sons de orquestras com o *drum n bass* em "Girl/Boy Song" e em "4", a faixa de abertura – de uma insinuação dramática irresistível. Explora *pizzicatos* festivos em "Goochumpas" e o explodir de balões e bolhas de sabão em "Loon Rock Witch". O título de "To Cure A Weakling Child" fala por si e em "Peek 82454420" temos a mais complexa teia de entra-e-sai de *bleeps* e muxibas analógicos deste CD. Um choque traumático para quem acha que música eletrônica "não transmite emoção".

Thomas Pappon

AQUARELA CARIOCA
Idioma
Velas
Fusão sem aridez

• Em seu terceiro álbum, o Aquarela confirma-se como a grande formação instrumental do Brasil de hoje e prova que fusões com a nordestinidade não precisam ser sinônimo de andez melódica.

A participação de Alceu Valença (fazendo a conexão mouro/pernambucana na faixa "A Lenda") e o tema "O Cabra", dedicado ao guitarrista Paulo Rafael (fiel escudeiro de Alceu), explicitam uma das fontes que irrigam o trabalho do grupo. Mas Paulo Moylaert (guitarra), Paulo Brandão (baixo), Mario Sève (tem sax soprano-antídoto contra todo mal que a fusion fez), Lui Coimbra (violoncelo) e Marcos Suzano (o pardeiro que é um mundo) mostram muito mais. Eles já trabalharam sobre sons de discos como os de Led Zeppelin e Villa-Lobos. Aqui, extraem originalidade até de "Sgt Pepper's" e brilham nas composições próprias.

Pedro Só

VÁRIOS
Ragga Mania
Fashion/Atração
Embalagem não é tudo

• É caviar embrulhado com jornal. A capa de *Ragga Mania* pode sugerir uma coletânea picareta, com atrações de décima categoria. Mas as atrações do CD estão entre os artistas mais legais do chacundum jamaicano. O destaque são os artistas de ragga-muffin, a fusão de reggae e rap que sacode a Jamaica. Tem General Levy, astro do jungle, fuçando na sonoridade dos anos 50 em "Ragga Ragga", o próprio Levy incrementa uma parceria com Cutty Ranks, na pesada "What A Dem Watch We For". Tippa Irie faz o contraponto da doçura de Janet Lee Davis em "Missing You" e o inglês Sweetee Irie balança os morros em "Slim Body Girls".

Há também espaço para os cafanos: Jack Radics solta os bichos em "Groovin'" (do Young Rascals, também gravada por Pato Banton) e Frankie Paul com "The Greatest".

Silvio Martins

Retratos do espírito

O novo álbum de Tricky é o sucessor de um dos mais aclamados discos de estréia da década. Com toda a expectativa criada pela superexposição na imprensa musical e a divulgação de sua fama de fera no estúdio, pode-se dizer que todos esperavam de Tricky um novo trabalho, no mínimo, bombástico. Mas o novo CD é justamente o contrário: é repetitivo, sua edição foi feita nas coxas e os arranjos são simples e crus. A maioria das músicas seguem a fórmula loop + vocais falados.

Tricky é um expressionista abstrato cujo campo de ação é o trip hop. Aqui, o método de criação musical, reduzido basicamente à escolha e a combinação de samplers, é pura intuição. As letras são retratos instantâneos do estado de espírito ou do subconsciente: paranóias, sonhos e desejos. A combinação de samplers de guitarras slide à la Ry Cooder com o canto lascivo de Martine em "Makes Me Wanna Die", o baixo, os ruídos lacerantes e vocais fantasmagóricos de "Bad Things", a claustrofobia rítmica de "Vent" e "Plano" são os grandes momentos do CD. Tricky não criou melodias memoráveis e eliminou os vestígios de balanço nos esqueletos rítmicos, para fazer referências e reduzir ainda mais sua música ao cerne de veículo de emoções e sensações. *Pre Millenium Tense* é um CD difícil e intrigante. Que peca apenas pela insistência nas baladas em *slow* e *mid tempo*.

Thomas Pappon

Tricky volta com um CD marcado pela estranheza

Fast food musical

Johnny Gill é considerado o melhor cantor de sua geração por gente como Teddy Riley, Babyface e Jam & Lewis, em entrevistas e releases. Confesso que é um dos meus favoritos também. Herdeiro de uma escola *sexy-soul* dominada por nomes como Marvin Gaye, Teddy Pendergrass e Luther Vandross, Gill possui o elemento mais importante num intérprete: personalidade. Além disso, domina completamente seus recursos vocais, deixando muita gente de boca aberta.

O novo álbum não esta cem por cento à altura de Gill. O repertorio não colabora com sua entrada definitiva para a história. Ele trabalha com os mesmos produtores de sempre (R.Kelly, Babyface etc), montando um *pret-à-porter* musical competente, mas longe de ter a personalidade que sua voz implora. É óbvia a excessiva preocupação com as paradas, porque lá na matriz, se não vender, *goodbye*! Mas é desconfortavel vê-lo vestido musicalmente de Calvin Klein, quando mereceria um Giorgio Armani. Tudo é *fast food*, menos sua voz. Dou nota dez porque adoro Gill cantando: o que falta na base, sua voz completa. *João Marcello Bôscoli*

JOHNNY GILL
Let's Get The Mood Right
Motown

JOE COCKER
Organic
Capitol/EMI Music

Talentoso e repetitivo

• Já foi dito que o maior erro da carreira de Joe Cocker foi não ter morrido na época certa e virado ícone — como aconteceu com talentos menores como Janis Joplin. O cara aparece com disco novo e muita gente nem se digna a ouvir, o que é uma pena.

Organic, produzido pelo recuperador de velhinhos Don Was, seria a versão *unplugged* de Cocker. A instrumentação é esparsa e o repertório, irrepreensível: velhos cavalos de guerra de Cocker ("Delta Lady", "You Are So Beautiful"), cover de gente como Randy Newman ("Sail Away") e Van Morrison ("Into The Music"). Ele regravou o sucesso dos Animals, "Don't Let Me Be Misunderstood", em ritmo de reggae — do mesmo jeito que tinha feito com "Summer In The City" em seu disco anterior. Resumindo: com tantos talentos envolvidos, obviamente não é um disco ruim. Mas você, com certeza, já ouviu tudo isso antes.

Paulo Cavalcanti

ALCEU VALENÇA, ELBA RAMALHO, GERALDO AZEVEDO, ZÉ RAMALHO
Grande Encontro
BMG

Painel do som agreste

• *O Grande Encontro*, parceria inédita dos paraibanos Zé e Elba Ramalho e os pernambucanos Alceu Valença e Geraldo Azevedo, é a revisão da música popular nordestina que, nos anos 70, veio suceder a geração baiana do tropicalismo. Sempre apoiados na estrutura quatro vozes/quatro violões, eles evidenciam que sua geração veio explorar um veio bem mais rascante, agreste de corpo e alma, que aquele aberto pelos baianos.

A agressividade se impõe no dom messiânico de Zé e na voz trovejante de Elba. Enquanto Alceu fica na fronteira, Geraldo radicaliza na tendência contrária — a discrição — e quase desaparece atrás dos outros. Delicadezas como "Talismã" (de Alceu e Geraldo) têm de concorrer com tempestades como "Banho De Cheiro" (do repertório de Elba) e "Frevo Mulher" (de Zé). E há os ETs: Raul Seixas relido ("Trem Das Sete"), o paraibano com vontade de ser baiano Chico César ("Prosa Impúrpura De Caicó").

Não é aí, mas no óbvio que o CD funciona — é o caso de "Sabiá", de Luiz Gonzaga, que os quatro entoam em harmonia. É quando provam que ainda pode haver integridade na MPB.

Pedro Alexandre Sanches

TANTRA
Eles Não Eram Nada
MCA

Sem bobagem e sem futuro

• Essa história de crítico musical bancar a pitonisa não costuma dar muito certo, mas com um título desses é impossível resistir. E com o que mostra em seu CD de estréia, o Tantra não irá muito longe. Fred Nascimento (guitarra, voz e composições), Gian Fabra (baixo e letras) e Marcelo Wig (bateria) dominam os ingredientes básicos para o pop-rock a que se propõem. O produtor Liminha completa o serviço com seu habitual tato, mas o repertório do trio ajuda pouco. Abrir o disco de estréia com uma releitura de "Tropicália", canção clássica do movimento de mesmo nome, assinado por Caetano Veloso, só confirma a fragilidade das canções do trio carioca em *Eles Não Eram Nada*.

A experiência de Fred e Gian como músicos de apoio da Legião Urbana (eles tocaram na turnê de *O Descobrimento Do Brasil*) deixou marcas na sonoridade do Tantra. Em suas letras, eles fogem do rock-bobagem tão em voga entre zilhões de grupos contemporâneos ou seguidores dos Mamonas Assassinas. Mas isso é muito pouco para distingui-los de outras tantas zilhões de novas bandas. O Tantra vai ter de se esforçar bastante no próximo álbum para ir além do nada.

Antonio Carlos Miguel

RÁPIDO & RASTEIRO

Os fãs daquele heavy metal mais ortodoxo não têm do que se queixar. A generosidade das gravadoras para com os lançamentos do gênero é espantosa. De uma pancada só estão colocando na praça meia dúzia de discos que vão do famigerado heavy melódico ao falecido *funk-o-metal*. Vamos começar com os melhores. **Into The Unknown** (Paradoxx), do **MERCYFUL FATE**, e **Graveyard** (Paradoxx) trazem o mestre do metal-horror **KING DIAMOND**, esmerilhando em seu heavy classe Z. Como sempre, há doses cavalares de burrice e bom humor. O primeiro CD é um *must*, o melhor do grupo em vários anos. Entre outras coisas, porque o Mercyful dá de dez a zero na banda que toca ao lado do velho mascarado. Ideal para acompanhar uma necrópsia à meia-noite. Bem *cool*.

Quem gosta dessa asneira rotulada como heavy melódico, também vai babar. Tem os clones germânicos do Iron Maiden, o **HELLOWEEN**, em versão **High Live** (Castle). Quem viu a banda no Monsters de agosto passado, sabe que os chucrutes fizeram a lição de casa direitinho. Seu show é extremamente profissional e competente. Agora, este novo vocalista, Andy Deris, é dose.

Desse susto os fãs do **ANGRA** não morrem. O vocalista André Mattos é do ramo. Os músicos são nota dez. Pena que a banda brasileira mostre mais uma vez neste EP **Freedom Call** (Eldorado), que originalidade não é bem o seu forte. Sua técnica é tão pasteurizada que transformam o hit "Painkiller", do Judas Priest, numa musiquinha qualquer. E a combinação de heavy com ritmos "brasileiros" é mais falsa que nota de 30 reais. Outra vertente é a do heavy piada, representado pelo **MANOWAR**, com seus fortões recheados de anabolizantes. **Louder Than Hell** (MCA) seria cômico se não fosse trágico. Mais ultrapassado que disco de vinil do Uriah Heep.

Por fim, tem o **UGLY KID JOE**. Ao ouvir **Motel California** (Castle) fica a vontade de estrangular cada membro do Red Hot Chili Peppers. Da mesma forma que o Sonic Youth originou milhares de filhos bastardos ditos alternativos, não fossem os pimentas ninguém precisaria ouvir essa praga chamada funk-o-metal. Vá de retro.

Ivan Mizzara

Bolsa de discos

Média	Disco	Carlos Albuquerque	Claudia Gracchi	Hagamenon Brito	Israel do Vale	Marcos Filippus	Pedro Só	Roberto Maia	Sérgio Martins	Toninho Spessoto	Zeca Camargo
8.0	NICK CAVE *Murder Ballads* WEA	6	8	9	•	•	7	8	8	9	9
7.8	MARISA MONTE *Barulhinho Bom* EMI	6	8	8	8	7	9	7	8	9	8
7.7	PERICOS *Yerba Buena* EMI	7	8	7	7	8	8	8	8	9	•
7.2	J. QUEST *J. Quest* Sony	4	8	7	8	9	6	5	8	10	7
7.0	ALICE IN CHAINS *MTV Unplugged* Sony	7	7	7	6	8	6	7	7	7	8
6.3	GREEN DAY *Bowling Bowling...* WEA	6	7	6	6	7	6	7	6	8	4
6.3	EDGARD SCANDURRA *Benzina* Virgin	•	8	9	8	5	3	8	6	4	•
6.0	INCOGNITO *Beneath The Surface* PolyGram	6	6	6	7	6	5	6	5	7	5
5.5	PET SHOP BOYS *Bilingual* EMI	6	7	8	6	4	3	6	2	8	5
4.8	MADONNA *Evita* WEA	2	5	6	8	6	1	7	0	5	8

A fórmula do pop inglês

Antes de destrinchar um pouco deste terceiro e derradeiro *Anthology*, é bom lembrar que em uma coisa ele não difere dos volumes 1 e 2. Para quem pretende começar a entrar no universo dos BEATLES, é melhor optar por algum disco da trilogia *Rubber Soul* (1965), *Revolver* (1966) e *Sgt. Peppers* (1967). Ou então, se quisermos nos ater ao período coberto agora, correr atrás do *Álbum Branco* (1968) ou do genial canto de cisne de *Abbey Road* (1969). Esta série interessa mais àqueles que já tinham os discos oficiais do quarteto e ainda não se abasteceram no mercado pirata das edições clandestinas do grupo inglês.

George Martin e os três sobreviventes, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr trataram de reunir e organizar as sobras de estúdios, *takes* alternativos de canções já editadas ou gravações ao vivo tiradas de shows, programas de rádio e TV. Mesmo sem superar as versões lançadas, *Anthology* traz um ótimo material. E algumas surpresas, como a versão de "Glass Onion", tão boa quanto a oficial; a de "All Things Must Pass", melhor aqui do que editada no álbum solo homônimo do guitarrista George Harrison.

***Anthology* acaba como mais um argumento para quem acha os Beatles o melhor grupo dos anos 60. Aquele que formatou muito do que veio a ser produzido no pop das décadas de 70 e 80. E dos anos 90 também, como o Oasis agora reafirma.**

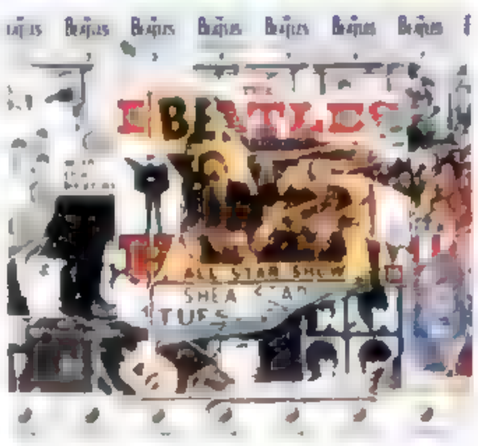
Antônio Carlos Miguel

Banquete de Liverpool

A versão em vídeo de **Anthology**, dos Beatles, é imperdível. Mesmo para quem já assistiu à história do quarteto inglês na televisão. São mais de dez horas de material, acima do dobro do que passou na televisão. É um banquete!

Enquanto o especial de TV acelerou o ritmo para apenas tocar de leve em inúmeros pontos principais da carreira dos Beatles, os oito volumes da versão em *home video* se estendem não apenas na narrativa, mas também na exibição da íntegra de números musicais apenas vislumbrados anteriormente. O vídeo contém, de fato, a história completa dos Beatles, contada pelos quatro músicos da banda, mais o produtor George Martin, Neil Aspinall (presidente da Apple Records) e Derek Taylor (assessor de imprensa dos Beatles).

Vemos os bastidores das gravações de músicas clássicas; a chegada dos Beatles aos Estados Unidos (ligados em radinhos de pilha, atarantados com o assédio das fãs, telefonando para estações de rádio e pedindo músicas de seus artistas favoritos) e à Austrália (debaixo de um temporal, eles foram obrigados a desfilar em carro aberto), testemunhamos a maneira rudimentar como a maior banda da história precisava trabalhar (nos shows em Washington, John, Paul, George e Ringo mudavam a posição de seu equipamento após cada música, para poder ficar de frente para todos os lados do ginásio onde tocavam – no muque, sem roadies), assistimos a uma versão *unplugged* de "Eleanor Rigby" e repartimos memórias inéditas da estrada e do estúdio. Indispensável! *José Emilio Rondeau*



Feios, sujos e geniais

A Castle lança quatro discos dos **SEX PISTOLS**, um do **THE FALL** e outro do **SHAM 69**. Trata-se de um pacote fundamental para quem gosta de punk rock. Quem estava lá em 1976 vai sentir os olhos embaçarem. Quem é mais novinho e nem sabe direito o que aconteceu tem uma boa chance de aprender. **Sex Pistols Alive**, CD duplo com 26 faixas de estúdio e gravações ao vivo, é o álbum mais pretensioso do pacote, mas acaba sendo o menos interessante. Não pelas faixas ao vivo, que incluem várias músicas do histórico show na prisão de Chelmsford, em 1977. O que pega são as faixas de estúdio. Elas praticamente refazem o álbum *Never Mind The Bollocks*, mas todas as canções estão mais limpas. As pistas de guitarra e, principalmente, as de baixo foram "amaciadas", deixando os clássicos da banda com cara de covers de banda de colégio. É só comparar com outro disco do pacote punk, **Early Daze – The Studio Collection**, e ver a verdadeira fúria dos Pistols. Ou então ir direto à audição de **Live At Chelmsford Prison** para conferir um show antológico. Já **Wanted – The Goodman Tapes** é um apanhado de demos e entrevistas.

Totales Turns traz o habitual experimentalismo de Mark E. Smith e seu The Fall. O Sham 69 mostra como era bom em **Shams Last Stand**. E rock acelerado para alegrar todo mundo. Como bônus histórico, quatro faixas do Sham Pistols – a banda acompanhada por Steve Jones e Paul Cook, dos Sex Pistols. A versão de "Pretty Vacant" é de arrebentar. Este pacote não deve ser mostrado a integrantes de Green Day, Offspring, Shelter e outras bandas parecidas, porque há o risco de eles tomarem vergonha na cara e deixarem de dizer que fazem punk rock. *Thales de Menezes*

O começo da trapaça

A Virgin aproveita a vinda dos Sex Pistols ao Brasil e lança dois discos dos pais do punk inglês: o clássico Never Mind The Bollocks e a coletânea Flogging A Dead Horse. O primeiro é básico para se entender o que é punk. Ainda traz de brinde um outro disco, com sobras de estúdio e takes alternativos. A atração principal de Flogging On A Dead Horse é a presença de músicas da trilha de *The Great Rock 'N' Roll Swindle*.

Ordem do dia, o melhor de

Entre acertos e... acertos!

Em quase 30 anos de carreira, JONI MITCHELL nunca deixou sair um disco de hits. Quando chegou a hora de fazê-lo, ela pensou diferente: ao lado da coletanea de sucessos, Mitchell lançou outro CD, de músicas que representam a fase mais experimental de sua carreira. Aproveitou o trocadilho Hits (acertos) e Misses (erros) – que, aliás, também foi usado pelo DEVO – e lançou duas coletâneas completamente imprescindíveis.

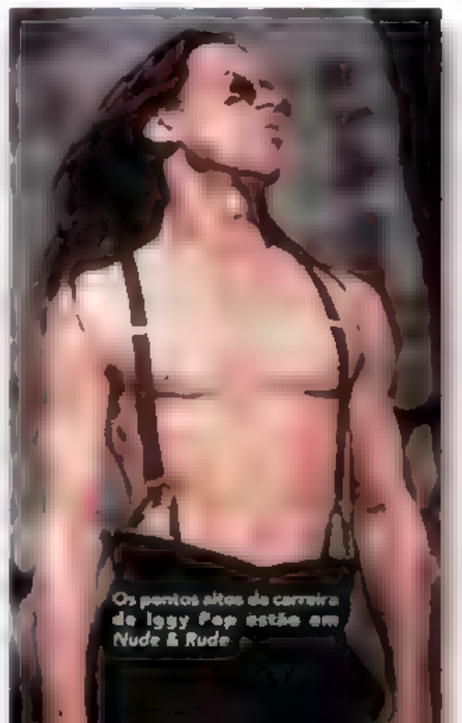
No começo da carreira, no final dos anos 60, Mitchell fez sucesso na onda das cantoras de voz doce, bata indiana e violão em punho, da qual Joan Baez era o maior símbolo. Mas seu trabalho evoluiu demais: do folk ela passou pelo blues, mergulhou no jazz, flertou com a world music, enquanto ia gradativamente crescendo como poeta. Da primeira fase, bons exemplos são "Woodstock" (aquela que virou hino hippie com Crosby, Stills, Nash & Young), "The Circle Game", "California", todos do primeiro disco. Da fase posterior, atenção para "Impossible Dreamer" e "Dog Eat Dog" (do album homonimo), e "Sex Kills", do recente mais recente (o incrivel *Turbulent Indigo*)

Infelizmente, as duas coletâneas da WEA não são suficientes para se ter uma ideia do que Joni andou fazendo este tempo todo – mas so porque o seu trabalho é muito, muito maior. *Enor Paiano*

Lagarto furioso

Nude & Rude (Virgin Records), de IGGY POP. Difícil escolher o melhor do melhor cantor de rock de todos os tempos. Certamente falta alguma coisa de *Fun House*, segundo LP dos Stooges (1970). Não tem nada de *Party* (1981), nada de *Soldier* (1980), nada de *New Values* (1979).. Nada de *Zombie Birdhouse* (1982) – mui acertadamente, que o disco é fracote "Cold Metal", incluida aqui, e talvez a pior faixa do album *Instinct* (1988)... Ainda assim a antologia vale como deslubrificada introdução ao maravilhoso mundo deste reptil imortal como uma tartaruga das Galapagos. Quem ouvir as gravações originais de "The Passenger" e "China Girl", nunca mais vai querer saber das versões dos outros. Os classicos absolutos "I Wanna Be Your Dog" e "No Fun" (ambas do primeiro disco dos Stooges), "Search & Destroy" e "Gimme Danger" (as duas de *Row Power*, um grande disco cujo produtor deveria ter sido assassinado pelo trabalho porco) estão aqui. E tambem vale mencionar a rara "I'm Sick Of You" (saiu num compacto duplo postumo de Iggy & The Stooges, em 1977, e consta como bônus no CD de *Kill City*), uma balada que vira explosão de ódio e ajuda a sintetizar os dois lados do genio Iggy

Pedro So



Coisas de ruivinho

Durante anos o vocalista Mick Hucknall, do SIMPLY RED, cultivou a fama de excêntrico. Mas há certas esquisitices que nem o mais ferrenho fã desse clone de Aretha Franklin pode entender. Como é que ele lança um Greatest Hits (Eastwest/Continental) e deixa de fora o hit "Come To My Aid"? E como a coletanea inclui duas faixas de *Life*, sem duvida o album mais fraco lançado pelo quinteto ingles?

A carranca se dissipa quando você ouve "Angel", parceria inédita de Hucknall com os Fugees. Trata-se de um casamento perfeito da voz "eu quero ser negrinha" do escocês com os melhores grooves e timbres produzidos no mundo pop atual. E depois, basta correr as faixas do CD para confirmar o talento dele como compositor Hucknall compos autênticos ritos de acasalamento "Holding Back The Years", "For Your Babies" e "Stars"; animou as pistas em "The Right Thing" e "Something Got Me Started" e coverizou "If You Don't Know Me By Now", de Harold Melvin & Blues Notes, com categoria. E ainda vale outra conferida em "Angel", que a musica é bonita que só ela. *Sergio Martins*

A culpa é da manguaça

Não é à toa que este Best Of do VAN HALEN (lançamento WEA) tenha entrado direto em primeiro lugar na parada da revista americana *Billboard*. É inegável a importância de um certo sujeito temperamental e beberrão chamado Edward Van Halen.

Considerado um dos maiores guitarristas de todos os tempos, o cara, simplesmente, reinventou a maneira de tocar guitarra. Você já ouviu falar numa tecnica chamada *hand-taping*? Muito bem: foi o manguaceiro ai quem criou. Mas embora os solos cheios de categoria de Eddie soem muito bem, se você não é guitarrista, falar de tecnicas, timbres e amplificadores é perda de tempo. O que interessa mesmo é que, apesar das confusões, do entra e sai de vocalistas e da lavação de roupa suja em publico, o Van Halen ainda é um dos grupos fundamentais do rock mundial. Esta coletânea recheada de sucessos da antiga como "You Really Got Me", "Running With The Devil" e "Dance The Night Away" é infalível. É colocar pra rolar e correr pro abraço

Robert Malfouin

Vozeirão maltratado

CHAKA KHAN tem um curriculo de respeito. Merecia um disquinho melhor do que este Epiphany – The Best Of Chaka Khan (WEA), uma mistura de coletânea com faixas inéditas da cantora. Ela é simplesmente um dos melhores gogós da musica negra norte-americana a serviço de um repertorio mediano. Uma cantora capaz de misturar o vozeirão soul com as improvisações do jazz, mas que prefere arriscar num repertório mediano.

Chaka Khan começou a ganhar destaque à frente da banda Rufus. O casamento, que durou entre 1972 e 1978, é representado aqui pela versão ao vivo de "Tell Me Something Good". A fase solo da cantora, que se iniciou em 1979, é representada pelas soberbas "Papillon", "I'm Every Woman" (da dupla Ashford & Simpson, compositores de ponta da Motown – a musica mereceu uma regravação fiel de Whitney Houston) e "Through The Fire".

Epiphany também traz "I Feel For You", versão toda pessoal de Chaka Khan para o hit pré-histórico de Prince

As pisadas da coletânea ficam por conta da ausência de "Got To Be There", releitura da cantora para o sucesso de Michael Jackson, e o extremo (des)cuidado de colocar as produções mais recentes de Chaka Khan que, perto do que ela faz, poderiam figurar num disco fuleiro de Whitney Huston.

Sergio Martins

EDITORA ABRIL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET Cinema e Video
SHOWBIZZ Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO TV Gente e Atualidades
INTERVIEW Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR Surf
GRID Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU Idolos da Juventude
CARÍCIA Comportamento Adolescente
BOA FORMA Beleza, Fitness e Saude
HORÓSCOPO Horóscopo e Previsões

Turismo e Geral

OS CAMINHOS DA TERRA Viagem, Natureza e Ecologia
SAUDE É VITAL Prevenção e Saude
VIAGEM E TURISMO

Arquitetura e Decoração

A&D Arte e Decoração

Guias e Anuários

HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av Nações Unidas 6777 CEP 05479 900 Tel (011) 667 3000 Fax (011) 867-3000 São Paulo SP

Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021 - Caixa Postal 4818 - Tel (021) 532-0313 Fax (021) 532 1486/532 1583

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com Int. e Consult. Ltda - SCS Ed Varandas III - sala 202 CEP 70300 - Brasília/DF Tel (061) 321-0305 Fax (061) 226-3644
Campinas: C7 Press - Com e Representações Ltda Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32-7875
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 sala 103 CEP 60050-000 Fortaleza/CE Tel (085) 254 1666 Fax (085) 231 4761
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres Ltda Av Contorno 8000 sala 1101 - Ed Wall Street CEP 30110-907 Belo Horizonte/MG Tel e Fax (031) 336 8789
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais R Cândido de Abreu 526 cj. 604 Bloco B CEP 80530-905 Curitiba/PR - Tel (041) 253-4048 - Fax (041) 252 2544
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av Marechal Câmara, 160 8º andar - sala 828 CEP 20020-080 Tels ox (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul Av da Azenha, 1502 cj 208 CEP 90060 Porto Alegre/RS Tel (051) 223-9528 Fax (051) 217 1005
Santa Catarina: By Speranza Rua Dr Alfredo Daura Jorge 9 Cond Villagrill Florianópolis/SC Tel./Fax (048) 232-0619
Vitória: Duarte Propaganda e Marketing Ltda. Rua Fábio Rusch 42 A Bento Ferreira Espírito Santo Telefax (027) 324 1174

O sofrimento que vira arte

Peter Tosh tem o clássico *Equal Rights* lançado no Brasil

Em seu livro *Por Dentro do Rock*, onde analisava o processo de composição de vários artistas pop, o escritor Bill Flanagan criou o termo "sofredores de espírito". Segundo ele, são as pessoas que escrevem com o próprio sangue, a partir de suas experiências proprias. O termo cai como uma luva para alguns astros jamaicanos – mesmo que Flanagan tenha se esquecido deles em sua obra.

O primeiro da lista é **PETER TOSH**, ex-parceiro de Bob Marley e notório causador de problemas. **O cantor já teve a mão esmigalhada por policiais ao soltar baforadas de maconha na cara do primeiro-ministro da Jamaica**; apanhou durante horas devido ao estilo "deixa que eu chuto" de sua música, apontando os vários problemas que corroiam a ilha natal. Boa parte dessa história está contada em **Equal Rights** (Sony Music, 1977), clássico do reggaeman, até então inédito no Brasil. Acompanhado pela Word, Sound & Power, a melhor banda de sua carreira, Tosh denuncia a crueldade policial ("Downpressor Man"), pede justiça ("Equal Rights") e confessa que não é uma pessoa fácil de se mexer ("Stepping Razor", que Tosh surrupiou de Joe Higgs).

Winston Rodney é conhecido pelos fãs de reggae pelo codinome de Burning Spear – apelido tirado de um guerreiro africano. Spear começou a carreira no Studio One, lendário celeiro de canários jamaicanos, para depois abraçar a filosofia rastafari. O CD duplo **Chant Down Babylon** (Island/importado) traz todos os sucessos do canário jamaicano, cuja principal qualidade é transformar suas apresentações em experiências xamanísticas. É impressionante: quando Spear canta – lamenta seria a definição mais correta – "Você se lembra dos dias da escravidão?" ("Slavery Days"), **é como se ele estivesse recebendo chibatadas de anos e anos de servidão escrava**. Mesmo que hoje ele não esteja entre as figuras de ponta do reggae, o trabalho de Spear é essencial

Por fim, o duplo **Time Tough**, do grupo **TOOTS & THE MAYTALS** (Island, também importado). Ele foi o primeiro cantor a colocar um "reggay" em sua canção – "Do The Reggay", de 1968 – e soa como uma espécie de "Ray Charles da Jamaica". É também autor de "Pressure Drop",gravada pelos Specials e por Izzy Stradlin (ex-Guns N'Roses). Toots ainda soube aproveitar sua prisão por porte de maconha num fato engraçado. Compensou os dois anos de cana com a maravilhosa "54-46 (That's My Number)". Reggae de qualidade, a anos-luz da parentada de Bob Marley.

Sérgio Martins

Soul sem impurezas

Em música existe o que é tão puro e perfeito que não cabe nenhum senão, nenhum reparo. Assim é **Get It While You Can – The Legendary Sessions**, de **HOWART TATE**. O álbum reúne gravações feitas em meados dos anos 60 para a Verve sob a égide preciosa e a produçao brilhante de Jerry Ragavoy. A época favoreceu o aparecimento de intérpretes que furaram o apartheid racial instalado no mercado americano. Foi quando soul *brothers* como Otis Redding, Wilson Pickett e Sam & Dave foram expostos à uma platéia nova e interessadissima. Redding e Pickett se degradariam em gravações inferiores, rendidos a um mercado mais promissor e pouco exigente que se abria.

Redding acidentalmente entrou para a historia; Pickett, nunca mais se achou; Sam & Dave, depois de quatro anos impecaveis, tolamente jogaram a toalha. A soul music dos anos 60 se esvaziou, deixando no limbo obras irretocáveis como as que estão reeditadas neste CD: as lendárias sessões de Howard Tate, um dos raros *crooners* a mergulhar no soul e no rhythm'n'blues com tecnica perfeita, sem diluir a alta combustão da musica negra. Tate e Ragavoy afetaram positivamente a musica de Janis Joplin, Jimi Hendrix e Al Green, entre outros, e ainda influenciaram a produção dos mestres do *southern soul* Dan Penn, Chips Moman e Spooner Oldham e de Jerry Wexler, na Atlantic/Atco de Nova York.

Rene Ferri

Os Beatles pelo avesso

Os Rutles brincam com os temas originais dos Beatles

Nos anos 70, o músico inglês Neil Innes concebeu os **RUTLES**, uma piada em cima dos Beatles que acabou virando *cult*. O grupo fictício ganhou vida própria e agora a Innes, na maior cara de pau, lança **Archaelogy** (Virgin, importado), uma carinhosa esculhambação em cima da milionária série *Anthology*.

A formula é a mesma do primeiro disco: colocar em uma única canção zilhões de citações de outras musicas dos Beatles, prestando atenção em detalhes de acordes, arranjos, vocais etc .. É ouvir pastiches como "Shangri-la", "Lone-Phobia", "Easy Listening", ficar de queixo caído com o talento de Innes e depois sair gargalhando. Recomendado para mal-humorados e beatlemaníacos mal-curados.

Paulo Cavalcanti

CD's • VHS
LD's
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
LONDON CALLING
RARIDADES DE: U2 • CURE • • MADONNA • OASIS • • REM • BLACK SABBATH • E TODOS OS ESTILOS
A MAIS COMPLETA EM NOVIDADES E RARIDADES
ENVIAMOS PARA TODO PAÍS. ACEITAMOS CARTÃO
TEL-FAX: (011) 223-5300
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA - LOJA 15 - CEP: 01041-000 - CENTRO - SP

Seja burro.

Use drogas.

Associação Parceria Contra Drogas

Letras Traduzidas

Ziggy STARDUST (David Bowie)

A obra-prima de David Bowie completa 25 anos em fevereiro. O homem e o mito fizeram cinqüentinha em 8 de janeiro (não perca entrevistão na próxima SHOWBIZZ)

Ziggy played guitar, jamming good with Wierd and Gilly,
The spiders from Mars. He played it left hand,
But made it too far,
Became the special man, then we were Ziggy's band

Ziggy really sang, screwed up eyes and screwed down hairdo
Like some cat from Japan, he could lick 'em by smiling
He could leave them to hang
Came on so loaded man, well hung and snow white tan

So where were the spiders while the fly tried to break our balls
Just the beer light to guide us,
So we bitched about his fans and should we crush his sweet hands?

Ziggy played for time, jiving us that we were voodoo
The kids was just crass, he was the nazz
With God given ass
He took it all too far but boy could he play guitar

Making love with his ego Ziggy sucked up into his mind
Like a leper messiah
When the kids had killed the man I had to break up the band

Ziggy Stardust

Ziggy tocava guitarra, fazia [illegible] legais com Wierd e Gilly,
As Aranhas de Marte
[illegible]
Tornou-se um homem especial, nós éramos a banda de Ziggy

[illegible] com olhos esbugalhados e penteado desfeito
Como um gato do Japão, ele os lambia com um sorriso
Podia deixá-los esperando
Veio tão travado, já bem calibrado e com um bronzeado de Branca de Neve

Então, onde estavam as aranhas, quando a mosca tentou partir nossos sacos?
Só com o brilho da cerveja a nos guiar
[illegible] e talvez devêssemos ter esmagado suas doces mãos

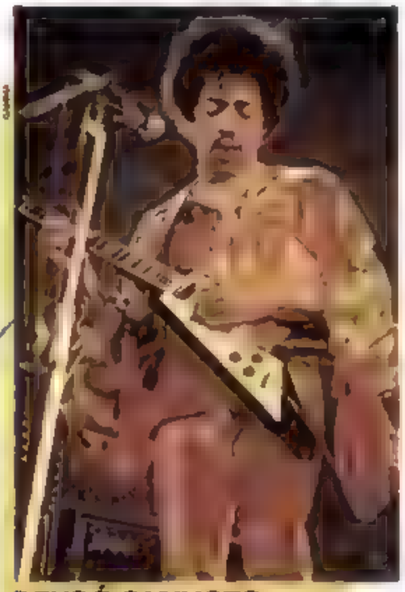
Ziggy tocou por algum tempo, mexendo com a gente feito uma macumba
Os rapazes eram grosseiros e, ele, o fodão
Com o rabo que Deus lhe deu
Ele foi longe demais, mas – cara! –, ele sabia tocar guitarra

Fazendo amor com seu ego,
Ziggy se deixou tragar pela própria mente
feito um messias leproso
Quando os rapazes mataram o homem,
eu tive de acabar com a banda

GUITAR HERO

Fiel escudeiro de Bowie no começo dos anos 70, Ronson foi um legítimo *guitar hero*. Com solos energéticos, riffs musculosos e muitas caretas, ele dava a perfeita moldura hard rock para as composições do *partner* (o álbum *The Man Who Sold The World*, de 1970, mostra bem isso). Ronson também tocou com o Mott The Hoople, fez discos com Ian Hunter (ex-Mott) e nos anos 90 ajudou a reabilitar Morrisey produzindo *Your Arsenal*. Antes de morrer de câncer do fígado, em 1993, gravou o álbum *Heaven N Hull*, do qual Bowie participa cantando "Like A Rolling Stone".

O ROCK DAS ARANHAS



DEUS É CANHOTO

Dick Dale (inventor da surf music), Tony Iommi (o monoglo de chumbo do Black Sabbath), Kurt Cobain... A mitologia do rock está cheia de grandes nomes que palhetaram com a mão esquerda. Na ficção, Ziggy Stardust representa a tradição. Na vida real, o deus dessa estirpe foi Jimi Hendrix, canhoto cuja guitarra, assim como o personagem de Bowie, também não era deste planeta. Gênio intuitivo do instrumento, ele sacudiu as estruturas do rock entre 1967 e 1970. À certa altura de sua carreira, Hendrix se afundou nas drogas e, em setembro de 1970, morreu, sufocado pelo próprio vômito.

ENCONTROS NOTÁVEIS

Jam é improviso. O termo surgiu na era do jazz, quando os músicos deitavam e rolavam sobre uma base rítmica sólida. No mundo do rock, jam é sinônimo de grandes reuniões. Como John Lennon tocando com Eric Clapton, Mitch Mitchell (da banda de Jimi Hendrix) e Keith Richards no recém-lançado CD *Rock'N'Roll Circus*, dos Rolling Stones.

O ASTRO SOBE

DISCÍPULOS

O grupo inglês Bauhaus soube aproveitar bem as lições de David Bowie. Fez uma releitura gótica de "Ziggy Stardust" em seu álbum The Sky's Gone Out, de 1982. Em single, a cover chegou ao 15º lugar na parada britânica. Antes de acabar, em 1985, o Bauhaus ainda pegaria outra carona com o mestre camaleão – o vocalista Peter Murphy apareceu no filme Fome De Viver (que Bowie protagoniza), cantando "Bela Lugosi Is Dead".

Enjoy it

Com areia

Som portátil: as novidades que vieram dar na praia

Disponível em várias cores. Possui 15 watts de potência, pesa 2,5 kg e tem 43 cm de comprimento

So é bonitinho... Sem CD Player, tem só tape deck e radio AM/FM

AIWA CSD ES 60

Um luxo: com quatro caixas de som – duas frontais e outra dupla, especialmente para criar o efeito surround – sensor de cristal líquido e opcional com controle remoto. Pesa 2,7 kg, com 20 watts de potência

O controle remoto e sensor de cristal líquido garantem tecnologia e mordomia. Tem 20 watts de potência em apenas 2,1 kg

SONY SPORTS CFD 610

O fabricante garante que é resistente à água. Resistente ouviu? Não vá mergulhar com o bicho debaixo do braço... 3,5 kg, tem 25 watts e é bem-dotado: 45 cm

GRADIENTE

É como o gordo fraco: pesa muito, mas não tem força. São 3 kg de peso, para só 15 watts de potência

R$ 274

AIWA

É quase um trio elétrico. Pesa pouco (2,1 kg), pequenino (33 cm) e potente para o tamanho (20 watts)

R$ 294

ONDE ACHAR

HARBORSIDE – Av. Roque Petrônio Jr., 1089, loja 59, São Paulo, SP. Fone: (011) 542-7482. Vendas sob encomenda para todo o Brasil.

ZARTY – Shopping Iguatemi, piso térreo, loja D-8, São Paulo, SP. Fone: (011) 212-9598.

PONTO FRIO – Rua Conde de Bonfim, 524, Rio de Janeiro, RJ. Fone: (021) [illegible].

ARAPUÃ – BH Shopping, nível BH, Belo Horizonte, MG. Fone: (031) 286-3216

CASIO CD 700 DS

Um dos únicos com dois CD players. Dá até pra brincar de DJ, mas fala pouco. Pesa 3,5 kg, tem 40 cm e 12 watts de som na caixa

R$ 3[illegible]

VOCÊ OUVE O DIA INTEIRO.

97 FM

97,7 MHZ SÃO PAULO

A RÁDIO MAIS QUENTE DE SÃO PAULO.

Hype!

... a explosão do rock de Seattle já virou História e filme. Você lembra?

1 Considerado um dos pais do grunge, o produtor Jack Endino foi quem comandou as gravações de Bleach, primeiro disco do Nirvana, lançado em 1989. Endino começou a carreira como:
a) engenheiro de som do selo Sub Pop
b) cantor dos Germs
c) faxineira de estúdios do Sub Pop
d) guitarrista de uma banda, ao lado de Butch Vig
e) traficante de heroína

2 O primeiro álbum solo do vocalista do Screaming Trees, Mark Lanegan, The Winding Sheet, de 1990, contou com a colaboração preciosa de dois grandes nomes de Seattle na faixa "Where Did You Sleep Last Night". Eles são:
a) Eddie Vedder e Calvin Johnson
b) Chris Cornell e Van Conner
c) Andrew Wood e Mark Arm
d) Dave Grohl e Kurt Cobain
e) Kurt Cobain e Kris Novoselic

3 Em 1987, Kurt Cobain, então baterista, e Kris Novoselic, então guitarrista, faziam parte de uma banda chamada:
a) Ramones
b) Sex Pistols
c) The Smiths
d) Skid Row
e) Bon Jovi

4 Com Eddie Vedder, Mike McCready, Stone Gossard, Dave Krusen e Jeff Ament na formação, o Pearl Jam começou em 1990, usando o nome Mookie Blaylock, em homenagem:
a) ao jogador de basquete do Nets que tinha o mesmo nome
b) ao avô de Eddie Vedder
c) a um famoso surfista da década de 70
d) a um jogador de futebol do Cosmos que morreu durante uma partida
e) a um dos inventores do LSD

5 No filme Vida de Solteiro, o personagem principal, interpretado por Matt Dillon, foi inspirado em um vocalista da banda mais importante do Sub Pop pré-Nirvana. Os nomes do vocalista e da banda são:
a) Chris Cornell, Soundgarden
b) Mark Arm, Mudhoney
c) Mark Lanegan, Screaming Trees
d) Calvin Johnson, Beat Happening
e) Sebastian Barbie, Skid Row

6 Reverenciando o mestre Neil Young, os integrantes do Pearl Jam participam do álbum Mirror Ball, de Young. No entanto, não aparecem nos créditos do disco. Por quê?
a) não queriam ter a imagem ligada a um velhinho
b) um diretor de arte mané simplesmente esqueceu de colocar os créditos
c) a Sony, gravadora do Pearl Jam, impediu que o nome dos integrantes do grupo estivesse vinculado a outra gravadora (Mirror Ball saiu pela Wea Music)
d) Eddie Vedder brigou com Neil Young no fim da gravação e decidiu ficar incógnito no disco
e) a Wea Music achá que Eddie e cia. são farofa demais para terem a imagem relacionada a Neil Young

7 O Soundgarden se tornou mundialmente famoso com seu álbum Badmotorfinger, de 1991. Na época, a banda convidada estava abrindo os shows de um grupo famoso, pelo próprio vocalista, um grande fã do Soundgarden. O nome do ilustríssimo fã é:
a) Jon Bon Jovi
b) Steven Tyler
c) Axl Rose
d) James Hetfield
e) Robert Smith

8 Ídolo da geração grunge, Calvin Johnson, líder do cultuado Beat Happening, influenciou o líder do Nirvana a ponto de Kurt:
a) dedicar várias músicas para o cantor
b) emprestar Courtney Love para algumas noitadas
c) tatuar a cara de Johnson em seu pênis
d) tatuar no braço o logo da gravadora K Records, fundada por Johnson em 1984
e) tatuar as iniciais C. J. na batata da perna direita

9 Em 1994, Layne Staley (Alice In Chains), Mike McCready (Pearl Jam) e Barret Martin (Screaming Trees), a partir de algumas Jam sessions, formaram o Gacy Bunch, somente para algumas apresentações. A banda vingou e no ano seguinte lançou o disco Above, sob o nome de:
a) Soundgarden
b) Mad Season
c) Temple Of The Dog
d) Mother Love Bone
e) Stone Temple Pilots

10 Formado em Aberdeen, como o Nirvana, e amigos de Kurt Cobain, eles se tornaram conhecidos graças à propaganda que o brother famoso fez em cima do nome do grupo. Eles são:
a) Mudhoney
b) Melvins
c) Beat Happening
d) Pearl Jam
e) Stone Temple Pilots

11 Ainda com o status de banda alternativa, mesmo depois de ter vendido dois milhões de cópias de Dirt, o Alice In Chains foi a banda principal de um famoso festival.
a) Lollapalooza, em 1993
b) Lollapalooza, em 1994
c) Lollapalooza, em 1996
d) Monsters Of Rock, em 1994
e) Monsters Of Rock, em 1996

12 O primeiro baterista do Nirvana chamava-se Chad Channing. Dave Grohl só assumiu as baquetas no Nirvana em:
a) 1993, no álbum Incesticide
b) 1989, no EP Smells Like Teen Spirit
c) 1990, no EP Blew
d) 1991, no álbum Nervermind
e) 1992, no álbum Unplugged

Desembucha, baby

George Michael abre a guarda para revista de mendigos e fala sobre sexo e drogas dando elos foras na imprensa mexeriqueira

Depois de seis anos sem falar com a imprensa, George Michael resolveu se abrir por uma causa nobre: ajudar a vender a revista *Big Issue*, semanário de variedades vendido nas ruas de Londres por mendigos – que estava ameaçado de fechar por falta de dinheiro. **Em três horas de conversa transcritas, o cantor expõe sem hipocrisia suas posições a respeito de sexo e drogas.** Só que sem dizer com todas as letras, no melhor estilo cool não-precisa-falar-mais-nada.

George Michael largou a boa vida para promover um pouquinho seu disco

"Minha vida sexual foi melhorando à medida que fui ficando mais velho", gaba-se o cantor, 33 anos de razão. "Não é a performance, é o fato de você finalmente entender do que se trata e de estar com a pessoa certa", completa, esquivando-se quando perguntado sobre o sexo da tal "pessoa certa". "Todo popstar tem perguntas não respondidas sobre sua sexualidade. Como eu não entendo muito sobre a minha..." Outra: "Sempre fui ambíguo, desde a minha aparência até meu tom de voz. De qualquer maneira, quem se importa se sou gay ou não? **Será que essas pessoas acham que têm alguma chance de trepar comigo?"** Dá-lhe, Jorjão! O brasileiro Anselmo Feleppa, que morreu em 1993, é mais uma vez descrito como "amigo". "Foi alguém que eu realmente amei e sua morte ainda dói muito. Já falei bastante sobre isso no disco *Older*."

George revela também que não dispensa uma cannabis. "Não me vejo escrevendo letras sem fumar um baseado. Se quero dizer alguma coisa e não sei como, basta dar uma tragada e pronto", diz. E manda recadinho para Prince: "Só gostaria de dizer para ele tirar aquele 'slave' ridículo da cara." Calma, Miguel, ele já raspou.

"O Brasil já está cheio de cantoras com repertório sofisticado. Eu quero gravar muita merda."

Paula Toller, dando um cheiro do que vem por aí em seu disco solo

FITO contra-ataca

As declarações de Madonna esculachando a Argentina deixaram Fito Paez nervoso. "Vejo uma grande crise no pop internacional. Para ser artista hoje você tem que pesar 55 quilos e cantar músicas que alguém inventou no computador." O que ele acha de Madonna? "Ah, que simpatia! Eu a adoro, mas de besteira, chegam as minhas." Fito está lançando seu novo CD *Euforia* desgostoso com quase tudo. "O rock também não me interessa muita, é muito ingênuo e feito para pessoas de uma determinada idade." O que presta então, Fito? "A música mais interessante está num circuito completamente diferente, ninguém conhece ainda, nem eu." Esclarecedor...

(Rodrigo Durão Coelho)

Fito Paez detona Madonna

Grunge: que droga era essa?

12 acertos – SUPER-HEROÍNA – Pode confessar, sabichona, você estava lá em Seattle, circulando pelas veias de Kurt.

8 a 11 acertos – CAFÉ FORTE – Mais um pouco nesse vício e você acaba injetando qualquer Stone Temple Pilots.

4 a 7 acertos – FLANELINHA – Deixa eu dar uma olhada, bacana: seu retrovisor tá quebrado.

0 a 3 acertos – COCOBAIN – Tem um baita Hole no seu cérebro, a memória vazou.

Respostas: 1-a • 2-c • 3-d • 4-a • 5-b • 6-c • 7-c • 8-d • 9-b • 10-b 11-a • 12-c

Vou de Fusca

Ancestral de Raimundos e Skank, o Virna Lisi é o tipo de grupo que está sempre a um quilômetro da fama. Mas pára no meio por causa de problemas automobilísticos. "Nós usamos um fusquinha para correr atrás do sucesso", ironiza o guitarrista Ronaldo Gino. Agora, o grupo, que produz um hambúrguer com tutu de respeito ao misturar rock com samba, anda de carro importado. Lançaram pela MCA, o terceiro álbum *Se Desce A Lona Vira Circo, Se Cerca Vira Hospício.*

O Virna Lisi não espera sentado

A gravadora deu o que o Virna mais reclamava: estrutura. No Rio eles foram produzidos por Tom Capone, escutaram conselhos de Dado Villa-Lobos e contaram com o pandeiro de Marcos Suzano. Agora o fusquinha não empaca mais.

BOA DEMAIS

Acredite, o rock meio alternativo da americana Poe consegue ser ainda mais impressionante que os belos olhos verdes dela. Seu disco *Hello* (Atlantic) é bom do começo ao fim e garantiu a Poe um lugar entre as grandes revelações de 1996. Misturando guitarras distorcidas com samplers, rap e batidas eletrônicas, Poe soa originalíssima em hits como "Jezebel" e "Dolphins". Sua voz suavemente deliciosa é irresistível.

democracia

Mande demos para: Democracia - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

Reggae paz e amor

Uma revolução que vem de Bonsucesso

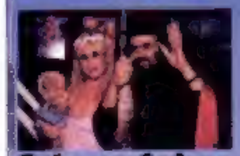
Como o Cidade Negra e O Rappa, o Força da Gravidade faz reggae, nos subúrbios cariocas há um tempão. Criada pelos irmãos Ronaldo Oliveira (guitarra e vocal) e Júlio Castro (bateria e vocal) e Ricardo Feijão (baixo) em 1986, em Bonsucesso, o Força faz reggae tradicional, bem marrabenta e, em 1991, chegou a emplacar os hits "Cidade" e "Era Positiva" na extinta Rádio Fluminense. "Nossa filosofia é a revolução. A revolução do reggae é a revolução do amor, da paz e da consciência. Mas não somos radicais na filosofia rasta", avisa Ronaldo. Eles aparecem no curta *O Bonde do Rastafari*, que estréia em janeiro no Rio e estréia também com Cidade Negra, O Rappa, Negril e Ras Bernardo.

Miguel Barone ataca de Adoniran

Adoniranuccio

Brasileiro/italiano, Miguel Barone deu uma de Sepultura e também foi buscar suas raízes. Resultado: do rock passou para o samba, descobriu Adoniran Barbosa e pirou. Gravou *Samba Italiano*, demo com versões em napolitano dos sucessos de Adoniran. "Pesquisei sobre o Adoniran no Museu Memória do Bixiga e me apaixonei por sua obra. Canto em napolitano, porque é o dialeto italiano mais próximo da linguagem popular que ele usava", explica. Contatos: (011) 253-4545 (código: 6854).

Seja a próxima miss trash!



Em fevereiro, Zé do Caixão volta a dar aulas na sua escola de atores. No curso, além de ensinar os alunos a morrer, Zé fará o concurso para eleger a Miss Trash. Inscrições pelo telefone (011) 274-0629. Ainda sobre o nosso herói do lixo, as pragas de Zé do Caixão, finalmente, caíram na Internet. Em www.africanet.com.br/mojica.htm, você encontra toda a filmografia de José Mojica Marins, inclusive com os filmes em que ele usa o pseudônimo J.Avelar, como Como Consolar Viúvas e A Mulher Que Põe A Pomba No Ar.

Que nojo!!!

Lemmy Kilmister, o ex-banguela do Motorhead, está no elenco da adaptação de Shakespeare Romeo & Juliet, o mais recente filme da Troma Studios, cultuadíssima produtora trash. Como na obra original, a tragédia é a mesma, só que aqui o humor negro prevalece e se vê muito body-piercing, lesbianismo e muita, muita gosma e sangria. Na trilha sonora, Motorhead, Superchunk e Brujeria.

Cannabis digital

Esta maravilhosa imagem de um camburão com a palavra "Legalize" é fruto das explorações do Mura Azevedo, especialista em fotografia digital que aprontou a exposição Cannabis... A Hipocrisia Da Ilegalidade. O negócio passou no Rio e já já chega em Sampa.

Discoteca

"O Curtis foi um revolucionário. Foi um dos primeiros a colocar cordas na soul music sem deixá-la pomposa. Superfly é um disco clássico, além de ser a trilha sonora de um filme essencial. Depois de James Brown e George Clinton, esse disco é um dos mais sampleados pela galera do rap" (Rodrigo Leão, VJ)

SUPERFLY

Curtis Mayfield

No início dos anos 70, cantar soul music nos *dream teams* da Motown, da Atlantic ou da Stax (gravadoras que, na época, dominavam o filão do pop negro) já garantia cinquenta por cento de chances de se fazer sucesso. Curtis Mayfield não tinha contrato com nenhuma delas, mas não estava nem aí.

Depois de passar 13 anos com o grupo vocal The Impressions, compondo hits como "People Get Ready" e "Keep On Pushin'", o soulman de Chicago achou que já era tempo de apostar no próprio taco. Fundou um selo, o Curtom Records, e largou o velho grupo. Em fevereiro de 1971, chegava às lojas *Curtis*, seu primeiro álbum solo.

O público respondeu bem, abrindo caminho para *Curtis Live!* (1971) e *Roots* (1972), álbuns que solidificaram a alternativa de Mayfield ao já estabelecido padrão sonoro da Motown. Suas letras, recheadas de temas ainda polêmicos, como racismo, paz e ecologia, produziam um contraste perturbador com os vocais agudos, reforçados por violinos ou riffs orquestrais.

O soulman americano aprimorou uma deliciosa receita de soul music testada em LPs anteriores

Porém, foi só no quarto álbum que o soulman afinou sua fórmula musical, beirando a perfeição. Convidado a compor e gravar a trilha sonora do filme *Superfly*, ainda em 1972, Mayfield emplacou seu maior sucesso. E acabou criando também, na opinião de muitos críticos, sua definitiva obra-prima.

Com um elenco predominantemente negro, o longa-metragem de Gordon Parks narrava a história de um traficante de drogas do Harlem, em Nova York. O charme da música foi decisivo para o sucesso do filme, que provocou muita polêmica graças a uma certa ambigüidade ética. Se, em canções da trilha, como "No Thing On Me (Cocaine On Me)" ou "Freddie's Dead", Mayfield não poupava críticas às drogas, ao mesmo tempo o personagem do traficante (vivido por Ron O'Neal) era tratado pelo diretor como um herói.

Mas não foi a repercussão do filme, mas sim o enorme talento musical de Mayfiel que fez do álbum *Superfly* um clássico do pop negro. Em faixas como "Pusherman" e "Superfly", ele sintetizou sua inovadora receita dançante: combinou uma guitarra hipnótica e vocais em falsete com percussão latina (congas e bongôs), aproximando mais sua soul music do então emergente funk.

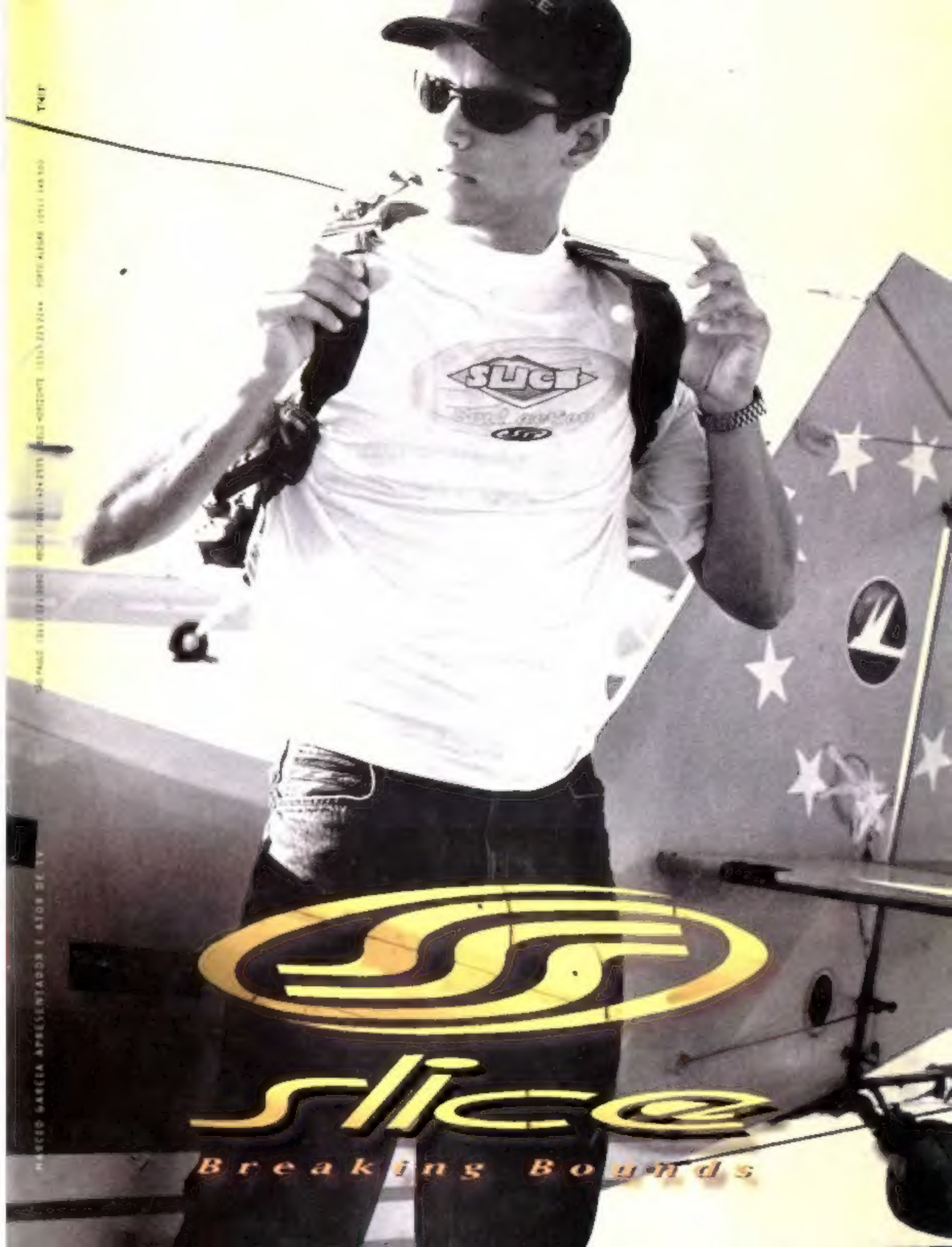
OK, a instrumental "Junkie Chase" chega a lembrar um pouco o tema da conhecidíssima trilha sonora de *Shaft* (1971), que até rendeu um Oscar a Isaac Hayes. Mas basta ouvir o primeiro álbum de Mayfield para se afastar qualquer suspeita de plágio. Ali já aparecia a mesma guitarra rítmica com efeito *wah-wah*, os mesmos riffs orquestrais, a mesma bateria pesada. Ou seja, o soulman de Chicago criara alguns anos antes uma deliciosa receita musical que foi sendo aprimorada nos discos seguintes.

Talvez você não saiba, mas Mayfield foi vítima de um acidente trágico, que o afastou dos palcos, seis anos atrás – voltou aos discos apenas este ano, com *New World Order*. Durante um show, em Nova York, um aparelho de iluminação caiu sobre ele, deixando-o tetraplégico. Pelo menos, teve tempo de deixar gravadas dezenas de discos preciosos. Mas só por *Superfly*, Curtis Mayfield já teria seu lugar garantido entre os grandes mestres da música pop de todos os tempos. *Carlos Calado*

Performance

Ano de lançamento: 1972
Produção: Curtis Mayfield
Faixas: "Little Child Runnin' Wild" • "Pusherman" • "Freddie's Dead" • "Junkie Chase" • "Give Me Your Love (Love Song)" • "Eddie You Should Know Better" • "No Thing On Me (Cocaine On Me)" • "Think" • "Superfly".

Superfly liderou por quatro semanas a parada de álbuns pop mais vendidos nos Estados Unidos. Além de um milhão de fitas, foram vendidos mais de dois milhões de LPs. Dois singles puxaram o sucesso do álbum: "Freddie's Dead" (4º lugar na parada pop) e "Superfly" (8º lugar). A trilha sonora de Curtis só virou CD em 1994, lançado pelo selo Charlie. A edição brasileira, distribuída pela Paradoxx, saiu no final de 1995.



YANKEE
STREET
Sua hora, seu estilo.

Agora com pulseira de metal.

ATis